



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

PROCESSOS E EXPRESSÕES IDENTITÁRIAS NA FRATRIA –
*“IRMÃO FUTURO, ANTIGO E SEMPRE: UMA PRESENÇA A
DECIFRAR MAIS TARDE”*

ANA CATARINA BAILÃO RAMOS PERPÉTUO

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA DA SILVA MARQUES

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Professora Maria Emília Marques por tudo aquilo que não tem tamanho nem medida; por tudo aquilo que não é tamanho nem medida: o pensamento, a metáfora, a linguagem, o convite constante à procura pela procura e à remodelação do modo pessoal, a plantação de sementes que proliferam com certeza, o compreender do que lá está bem à vista e que antes não se via.

Quero agradecer à Amélia, ao Fausto, ao Rúdi, à Eunice, ao Elias e à Débora, que me contaram as suas histórias e de alguma forma afinaram o meu ouvido para as melodias que em segunda voz iam cantando.

Quero agradecer aos meus colegas do seminário de dissertação Sérgio, Martinho, Teresa, Patrícia e Rita, por, ao longo dos encontros do último ano, me terem dado a conhecer os seus interesses e o que verdadeiramente os entusiasma. Quero agradecer muito em especial à Rita, por todo o apoio de uma companheira e amiga cujos raspanetes me lembravam de que estava prestes a levantar voo.

Quero agradecer à Lia por tudo o que seja uma história, um provérbio, uma imagem, um alimento, uma canção (ou uma parte de uma canção em unísono, ao almoço), uma ideia, um fragmento de uma coisa qualquer que recria o Universo no mesmo gesto inocente com que Picasso disse uma vez “Cabeça de Boi”, um copo (cheio), uma palavra, mas mais que tudo isto, uma infinitude.

E não podia deixar de agradecer à Filipa, ao Sérgio (de novo), à Teresa (de novo) e à Lia (de novo) pela Bande à Part.

Quero agradecer à Carolina Lobo que, se não é minha irmã, não sei bem então o que seja. E, claro, à Mari, à Maria, à Marta e à Bárbara, porque somos o que fomos, e o que somos.

Quero agradecer à Ana Rita Agostinho, que me chamou irmã e foi, e é para mim um anteparo sempre, quando eu para ela só fui às vezes.

Quero agradecer à Marta, que continua a receber de braços abertos as minhas trágico-comédias, mesmo quando as suas tragédias são infinitamente maiores que as minhas comédias.

Quero agradecer à Leonor pelas conversas inesgotáveis que me transportam algures de volta a um sítio onde nunca estive, a um café Flore, a uma Academia na Grécia ou em Coimbra, onde fervilham ideias que hão-de mudar o mundo.

Quero agradecer à Maria Elisabete por todos os “afinal somos iguais” ao Farol, por uma coisa poder ser essa coisa desenhada num papel e poder ser apenas essa coisa desenhada num papel.

Quero agradecer à Margarida Baptista, que me ensinou e que aprendeu comigo que para sempre nem sempre é muito tempo.

Quero agradecer à Filipa Valentim que, além de ter a força de uma leoa, é inteligência sem cortinas que ensina por vezes tanto pelo olhar como pela fala.

Quero agradecer à Joana Quarenta, com quem é sempre possível e desejável debater metodologias de investigação, mesmo quando não é esse o caso.

Quero agradecer à Catarina Loureiro e ao Tiago Fonseca por tudo o que de trabalho e discussão em equipa me ensinam todos os dias, temperando esse universo com o do afecto e da amizade.

Quero agradecer à Sofia Vargas que sempre me mostra que conversa e festa é bem melhor que conversa só.

Quero agradecer ao Jorge Becho, meu amigo, meu colega e meu companheiro.

Quero agradecer ao Eduardo Horta por não me deixar acreditar que as boas ideias podem surgir num campo de paz onde se respira harmonia.

Quero agradecer ao meu analista por todas as redescobertas e pelo trilhar de caminhos que eu às vezes ainda não sei, mas proliferam, com certeza.

*Há gente assim, tão pura. Recolhe-se com a candeia
de uma pessoa. Pensa, esgota-se, nutre-se
desse quente silêncio.*

*Há gente que se apossa da loucura, e morre, e vive.
Depois levanta-se com os olhos imensos
e incendeia as casas, grita abertamente as giestas,
aniquila o mundo com o seu silêncio apaixonado.*

Herberto Helder, in “As Musas Cegas”

RESUMO

A dinâmica fraterna desenrola-se num espaço relacional que participa da estruturação identitária subjectiva, por ser palco de experiências recíprocas de alteridade e encontros intersubjectivos, que moldam e são moldados por processos sincrónicos de identificação e diferenciação.

No estudo presente pretende-se dar conta dos processos psíquicos de identificação e diferenciação que presidem à estruturação identitária em duas fratrias de três – com ambos os géneros representados e idades compreendidas entre os 14 e os 22 anos.

O instrumento utilizado foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre. A sua aplicação resultou na obtenção de seis narrativas que foram analisadas em separado e em conjunto numa análise guiada pelas elaborações que do discurso dos participantes se destacam.

Os resultados evidenciam o recurso à fratria como espaço de expressão dos arranjos identitários, nos quais as referências à ascendência e às inscrições filiativas se revelam estruturantes. Ambas as fratrias situam o pai num lugar central enquanto a presença materna é silenciada. No primeiro caso, o pai ocupa uma posição estruturante de eixo agregador na família, função que o filho do meio cumpre na fratria. A posição materna tende a ser entregue à filha mais velha. No segundo caso, todos os filhos transmitem uma forte inscrição na linhagem paterna, mais saturada nos mais velhos.

A literatura subordinada ao tema da fratria é escassa e é produzida a partir da análise de casos clínicos. O presente estudo vem contribuir com desenvolvimentos sobre o tema num contexto não clínico.

Palavras-chave: Fratria; Identidade; Alteridade; Identificação; Entrevista Narrativa em Associação Livre

ABSTRACT

Fraternal dynamic takes place in a relational arena which participates in the subjective identitary structuration, for being stage of reciprocal experiences of alterity and of intersubjective encounters that shape and are shaped by synchronic processes of identification and differentiation.

The present study aims to give an account of psychic processes of identification and differentiation governing identitary structuration in two phraters of three – with both gender represented and ages between 14 and 22.

The instrument was Free Association Narrative Interview. Its application resulted in the obtention of six narratives that were submitted to separate and joint analysis guided by the outstanding elaborations from the discourse of individuals.

Results show that participants appeal to phratry as a space of expression of identitary arrangements in which references to ascendance and filiative inscriptions are structuring. Both the phratries situate the father in a central place while the mother's presence tends to be silenced. In the first case, the father places an important position of an aggregator axis in the family, function that is performed by the middle child in the phratry. The maternal position tends to be placed by the older girl. In the second case, all the children transmit a strong paternal inscription, however more saturated in the older ones.

The literature on fraternal relationships is narrow and produced from clinical case studies. The present study contributes with developments about the theme in a non-clinical context.

Key-words: Phratry; Identity; Alterity; Identification; Free Association Narrative Interview

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. RELAÇÃO FRATERNA	3
3. SOBRE O OBJECTO DE ESTUDO E SUA RELAÇÃO COM O MÉTODO.....	15
4. TIPO DE ESTUDO	17
5. MÉTODO E INSTRUMENTO	18
6. PARTICIPANTES	19
7. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE RESULTADOS	20
8. RESULTADOS	21
8.1. Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Análise do discurso na fratria Maia: Amélia, Fausto e Rúdi.....	21
8.1.1. Amélia.....	21
8.1.2. Fausto.....	28
8.1.3. Rúdi.....	31
8.2. Análise dos grandes temas na fratria Maia	34
8.2.1. Ocupação complementar de papéis.....	35
8.2.2. Expressões do feminino e do masculino	38
8.2.3. Relação com as imagos parentais	41
8.3. Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Análise do discurso na fratria Branco: Eunice, Elias e Débora	44
8.3.1. Eunice	44
8.3.2. Elias.....	52
8.3.3. Débora.....	55
8.4. Análise dos grandes temas na fratria Branco	59
8.4.1. Relação com a figura paterna.....	59
8.4.2. Expressões da competitividade	62
8.4.3. Expressões da diferenciação	64
8.4.4. Aproximação e afastamento afectivo na fratria	67

9. DISCUSSÃO.....	70
10. CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	89
Anexo A – Narrativa da Amélia.....	90
Anexo B – Narrativa do Fausto.....	98
Anexo C – Narrativa do Rúdi.....	103
Anexo D – Narrativa da Eunice	109
Anexo E – Narrativa do Elias.....	120
Anexo F – Narrativa da Débora.....	123

1. INTRODUÇÃO

O saber proveniente das formulações psicanalíticas em redor das dinâmicas da fratria vai pendendo, desde Freud, para a explicitação de dois elementos considerados fundamentais: as relações fraternas são firmadas sobre poderosos afectos de hostilidade e inveja nos quais se expressa o desejo de eliminação do rival pelo amor materno (e.g. Bonaparte, 1953; cit. por Coles, 2003; Dunn & Kendrick, 1982; Freud, 1921; Province & Solnit, 1983); os conflitos que entre os irmãos se encenam têm suas verdadeiras raízes nos conflitos inconscientes ligados às figuras parentais e à situação edipiana, pelo que são deslocados para a fratria e vividos nela (e.g. Camus-Donnet, 2008; Kieffer, 2008).

Todavia, a observação tendencialmente mais sistemática de crianças foi renovando o olhar clínico sobre a realidade fraterna e desaconselhando que se considerasse os afectos de hostilidade e os mecanismos de deslocamento como fatia essencial da experiência fraterna que é, em toda a evidência, infinitamente mais rica (Coles, 2003).

De acordo com Zilkha (2008) o fraterno compõe-se como espaço cujas delimitações são incertas entre o narcísico e o objectal, o pré-edipiano e o edipiano, o ódio e o amor. Essa indeterminação não só coloca desafios psíquicos aos membros da fratria como também lhes fornece um *palco de ensaio* da vida psíquica adulta onde se pode agir a inveja e o ódio bem como o amor e o erotismo em face desse que o próprio reconhece como irmão (Kaës, 2008; Lechartier-Atlan, 2008). As relações primárias com esse irmão inscrevem na psique a estrutura das relações intersubjectivas organizadas pela representação inconsciente dos lugares que o sujeito ocupa em relação a si e aos outros através, pela e na fratria. É nesse jogo de representações e posicionamentos que tomam forma importantes processos de inscrição numa linha identificatória que vêm reafirmar o contributo dos irmãos à construção identitária (Camus-Donnet, 2008; Charles, 1999; Lechartier-Atlan, 2008; Parat, 2008; Sharpe & Rosenblatt, 1994; Zilkha, 2008).

No tempo presente a escassez de literatura psicanalítica consagrada à compreensão das relações fraternas continua a ser uma realidade (Abend, 1984; Brusset, 2008; Camus-Donnet, 2008; Kris & Ritvo, 1983; Lechartier-Atlan, 2008; Parens, 1988). Os comentários que dão corpo a algumas pontuais formulações compreensivas emergem da *praxis* clínica (e.g. Druon, 2008; Ksensée, 2008; Mallet, 2008; Nanazer, 2008) e na sua grande parte referem-se a situações não normativas, como a presença de um irmão com deficiência (e.g. Kennedy, 1985; Scelles, 2008), autismo (Aronson, 2009; Kalmanson, 2009) doença (e.g. Hollidge, 2000) ou a

morte de um irmão (Berman, 1978; Charles & Charles, 2006; Christian, 2007; Crehan, 2004; Pollock, 1986; Rappaport, 1994; Rosen, 1995). Actualmente faz-se notar uma crescente atenção nos processos de construção identitária que ganham corpo na fratria e que vão desembocar ao mesmo tempo em processos que delimitam a identidade e na concepção da alteridade (e.g. Benhaïm, 2008; Bourguignon, 2000; Brusset, 2008; Kaës, 2008; Lechartier-Atlan, 2008; Levin, 2008; Sharpe & Rosenblatt, 1994; Vivona, 2007). A primeira secção do trabalho expõe o estado de arte no que concerne ao tema.

Em seguida apresentamos o objectivo do trabalho presente. Esse objectivo foi constituído num processo que se iniciou numa recolha de dados pelo recurso a um método privilegiado na investigação em psicanálise e em psicologia psicanalítica – o Método de Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI) (Hollway & Jefferson, 2000). Tanto o método como os seus pressupostos serão explicitados em articulação com a natureza do estudo. Os dados colhidos foram sistematicamente analisados com o intuito de caracterizar as movimentações e as expressões dos sujeitos em cada uma das fratrias bem como os elementos comuns e distintivos que se destacaram. Ao fim desta análise constituiu-se o objectivo de compreender a dinâmica dos processos e expressões identitárias na fratria.

A esse momento segue-se a apresentação dos resultados, em primeiro lugar numa leitura compreensiva de cada narrativa, e depois numa leitura que resulta de uma análise conjunta que agrupa as expressões e referências dos membros da fratria em temas que se revelam centrais na sua experiência. A este exercício segue-se um levantamento que permite a comparação das dinâmicas identitárias entre as duas fratrias, o que conduz a uma reflexão compreensiva, com confrontação dos dados, a par com uma apreciação dos referenciais teóricos psicanalíticos.

Ao fim do trabalho são tecidas considerações finais e reafirma-se a pertinência do trabalho que agora se apresenta. Os potenciais contributos da concretização deste trabalho para o enriquecimento da Psicologia Clínica revelam-se de pelo menos duas maneiras. Por um lado pela diminuta existência de trabalhos que abram caminho a avanços compreensivos sobre a experiência fraterna na construção identitária. Por outro, pelo recurso a um método de recolha de resultados inovador fundado sobre importantes noções psicanalíticas, como a concepção epistemológica do sujeito, que permite aceder-lhes: o Método de Entrevistas Narrativas em Associação Livre.

2. RELAÇÃO FRATERNA

A palavra fratria tem suas origens no grego *phratría* (φρατρία), que no âmbito das antropológicas locuções dá nome a um grupo de clãs pertencentes a uma tribo ou a um povo. A mesma palavra na Grécia Antiga designava um grupo social em cujos membros reconheciam uma ancestralidade comum e ao qual a pertença constituía uma condição elementar da cidadania. O termo foi declinado em linguagem psicanalítica por Viktor Tausk para designar o conjunto dos irmãos. Não é porventura por acaso, e é curioso notar, que o enraizamento do termo remete quase necessariamente para uma associação estreita entre o fraterno psicanalítico e alguma coisa de *elementar* a respeito da socialização. Com efeito, na fratria dispõem-se elementos que favorecem a estruturação psíquica daquilo que é *ser-com-o-outro* (Bourguignon, 2000) numa dinâmica de co-construção identitária que entre processos de identificação e diferenciação se pauta, rumo à alteridade. Terá sido nesse sentido que Camus-Donnet (2008) sugeriu que o *fraterno* se posiciona num espaço indeterminado entre a estruturação individual e social. Assim também sugeriu Freud em *Totem e Tabu* (Florence, 2010).

Naquilo que à transformação evolutiva da ordem social primitiva diz respeito, Freud (1913a) destaca abertamente o papel do fraterno no evento propulsor da instituição da ordem civilizacional. A organização social primeira seria liderada por uma espécie de *pai*, violento e tirano, possuidor de todas as fêmeas, que ia expulsando os filhos, entre si *irmãos*, à medida que eles cresciam e se anunciavam como potenciais competidores. O salto, e o ressaltado, para uma disposição em que os *irmãos* partilhavam direitos iguais e as mesmas restrições, dá-se quando os *irmãos* da horda primitiva se unem, assassinam o pai e em seguida o devoram.

Freud (1913a) estabelece o paralelo entre este crime originário e a origem da culpabilidade que se movimenta no adoecer neurótico num cenário edípiano. Assim, os interditos do parricídio e do incesto, organizadores da vida colectiva, ter-se-iam fundado na culpabilidade que do crime da morte do pai, ao mesmo tempo temido e admirado, brotava. Pela proibição do parricídio impede-se a eliminação de qualquer substituto parental e pela renúncia à satisfação do desejo da posse das fêmeas abdica-se dos frutos do tal crime (Freud, 1913a).

Embora não acrescente elementos compreensivos à proposta de Freud sobre a representação mítica do acto fundador da humanidade, Ferrari (2000) redirecciona a sua atenção para o laço que une os *irmãos* da horda primitiva, antes e depois de cometerem o

crime. Assim, sugere que não só o parricídio está na origem da ordem social como também da ligação fraterna e relança sobre o interdito do incesto uma luz nova, ao reafirmar que permite evitar a competição *fraterna* pela posse das fêmeas. Desta maneira, Ferrari (2000) dá nota da importância votada por Freud ao fraterno como dimensão estruturante da vida psíquica, ao contrário do que vão dizendo alguns autores (e.g. Anisfeld, 1988; Bank & Kahn, 1980).

Com efeito, apesar de as alusões às relações fraternas serem comedidas na obra de Freud e não participarem da elaboração de um modelo teórico compreensivo, são referências que surgem vezes múltiplas e (d)enunciam uma sensibilidade ao tema, como faz notar Sherwin-White (2007). A autora relembra que Freud mencionou com respeito aos irmãos o embate das relações incestuosas na fantasia, a intensidade dos afectos, o impacto do nascimento de um irmão na experiência de privação do objecto materno, a inveja e os desejos fratricidas, a importância das identificações, o dano narcísico quase irreparável provocado pela morte de um irmão, entre outros assuntos. Até mesmo em relação ao processo de transferência, Freud (1912) terá tecido considerações a respeito da transferência fraterna, o que deixa intuir que consagrava às relações fraternas a importância de objectos de investimento primário.

Das referências freudianas ao universo fraterno refulgem essencialmente dois aspectos: os alicerces das relações fraternas sobre afectos primordiais de hostilidade e os mecanismos de deslocamento que fazem recair sobre elas os conflitos originalmente ligados às imagos parentais. O elemento da hostilidade, derivado e com derivações na inveja, ciúme e competitividade fraterna, é o que tem sido evocado e explorado com maior veemência por autores posteriores a Freud (e.g. Bank & Kahn, 1980; Junior, 1999; Kligerman, 1984; Neubauer, 1982, 1983; Stein, 1990; Wakefield, 2007).

As alusões na literatura acerca das relações fraternas radicadas na hostilidade amparam-se na observação clínica de crianças, e também de adultos, cujas narrativas e expressões evidenciam dois principais aspectos: por um lado, que o irmão mais novo vem arrancar o primeiro filho a um lugar de exclusividade em relação aos pais (e.g. Anisfeld, 1980; Junior, 1999; Mitchell, 2000; cit. por Kieffer, 2008; Neubauer, 1983; Stein, 1990; Wakefield, 2007); por outro lado, que esse irmão vem atestar a infidelidade do objecto de amor edipiano – o pai do sexo oposto – e a exclusão da criança do casal parental (Larmo, 2007; Parat, 2008). As presentes considerações seguem tipicamente o posicionamento do primeiro filho, que, por atravessar a experiência de deixar de ser o único, cruza um doloroso luto pela perda de um lugar mais ou menos idealizado, com sentimentos de insatisfação face a

si próprio (Junior, 1999). Esse processo de luto inicia-se mesmo durante a gestação quando a mãe começa a investir libidinalmente o bebê imaginário, a par não só das fantasias que a todo o momento desabroçam, mas também das alterações corporais que sente, o que pode ser sentido pelo primeiro filho como um abandono (Kris & Ritvo, 1983).

Freud (1921) entende que a reacção de uma criança ao nascimento de um irmão é indissociável da inveja, temperada com um árduo desejo, aliás representado em sonhos (Freud, 1900), de eliminação do rival com vista em afastá-lo dos pais e subtrair-lhe os privilégios na garantia da exclusividade do amor materno e dos seus cuidados. A identificação da criança mais velha com o irmão é o desfecho da impossibilidade de manter a hostilidade *ad aeternum* sem que isso perturbe a sua relação com os cuidadores, o que compõe um mecanismo de formação reactiva. A natureza defensiva do laço afectivo fraterno apresentada por Freud não é revigorada pelos autores mais recentes (e.g. Eiguer, 2000) que sugerem que a gratificação narcísica do amor fraterno em si mesma explica, e motiva, a resolução da rivalidade.

Não quer isso dizer que as referências ao poder da rivalidade fraterna tenham vindo a perder densidade (Hayes, 2008). Aliás, Klein (1928) revela que o lugar da rivalidade fraterna no psiquismo é de tal forma importante que qualquer criança, tenha ou não irmãos, constrói a fantasia de que destruiu os irmãos que presume terem existido no útero materno. Além do mais, vem apontar que mesmo as manifestações de admiração que entre irmãos tomam forma são impregnadas de expressões mais ou menos subterrâneas da rivalidade e da inveja. Sharpe e Rosenblatt (1994) concordam e aclaram os contornos dessa dinâmica. O irmão mais velho admira o mais novo à medida que vai sucedendo nas suas aquisições, ao mesmo tempo que o irmão mais novo admira o mais velho por todas as conquistas já travadas. Porém, os mesmos elementos que são fonte de admiração num e noutra caso convertem-se em fonte de rivalidade. Assim, o irmão mais velho passa a rivalizar com o mais novo por invejar a admiração e atenção dos adultos em torno das aquisições do mais novo, enquanto o mais novo inveja o mais velho. Kligerman (1984) reafirma o carácter estruturante das fantasias associadas à rivalidade fraterna, mesmo nas crianças que não têm irmãos. Apesar disso é evidente que essas fantasias se avolumam nas crianças que têm irmãos por se confrontarem diariamente com alguém que entendem desejar o mesmo que elas. Neste caso trata-se do amor e dos cuidados maternos para satisfação das necessidades básicas sem que o percam para o rival (Neubauer, 1982).

Até esta parte observámos que parece ser aceite que a rivalidade procede da inveja pelo amor parental que ao mesmo tempo motiva a competitividade fraterna. Porém, Neubauer (1982) formulam propostas que asseveram a indispensabilidade de distinguir a rivalidade fraterna numa forma pré-edipiana da forma edipiana, e Sharpe e Rosenblatt (1994) reafirmam a importância dessa distinção.

A rivalidade fraterna pré-edipiana consistiria numa experiência prévia à da triangulação, numa época em que as relações de objecto são diádicas e parciais. Assim, o irmão sobrevém como um intruso a eliminar por vir atrapalhar a relação, também diádica, da criança com o cuidador. O conflito faz o desejo de eliminar o irmão colidir com o perigo de ser descoberto pelos pais e com a consequência da perda do amor, desaprovação e abandono (Larmo, 2007). É esse medo de perder o amor do adulto cuidador que em primeira instância abastece a identificação da criança à atitude do adulto de amar o irmão mais novo. Só posteriormente os irmãos se envolvem numa relação gratificante para ambos.

No caso da rivalidade edipiana, em contrapartida, o amor e o ódio coabitam no mesmo espaço relacional, o que vai guarnecer uma culpabilidade oriunda do desejo de expulsar do seu lugar o rival, que é ao mesmo tempo um objecto de amor (Sharpe & Rosenblatt, 1994). Neste cenário o manobrar da rivalidade envolve processos identificatórios entre si e o abotoar de um laço narcísico para que ambos se torne fonte de amor um do outro numa elaboração da ambivalência (Junior, 1999; Kris & Ritvo, 1983; Lechartier-Atlan, 2008). Esse processo deverá desembocar na compreensão de que ambos têm espaço no interior dos cuidadores para existirem em simultâneo (Benjamin, 1988, 1995, 1998; cit. por Kieffer, 2008).

Quer se trate de uma rivalidade de configuração pré-edipiana quer edipiana, as (re)soluções indicadas pelos autores referidos distinguem-se largamente da natureza do processo de formação reactiva por Freud descrito.

Apesar de ser conflitual por inerência, a rivalidade fraterna, que se pode expressar ou não por manifestações mais ou menos evidentes de hostilidade, é uma componente normativa nas relações fraternas. A sua abordagem em cada caso está estreitamente ligada aos conteúdos conscientes e inconscientes dos pais (Balsam, 1988; Freud, 1916; Kieffer, 2008).

Existe um leque vasto de possibilidades patológicas no que concerne ao desenlace da rivalidade fraterna, nomeadamente quando a mesma não pode ser abordada e é recusada, ou quando é alimentada por fantasias inconscientes dos pais não resolvidas. Essas possibilidades são dadas a conhecer na clínica psicanalítica e vamos dar conta de alguns exemplos. Um dos aspectos que culmina na impossibilidade de viver a rivalidade na fratria está ligado à

existência de fantasias inconscientes nos pais relacionadas com os próprios irmãos internalizados. Dessa forma, os pais não aceitam a rivalidade entre os filhos e em permanência empreendem num alisamento das diferenças entre eles e num tratamento erroneamente igualitário (Kris & Ritvo, 1983; Vivona, 2007). Freud (1909) sugeriu que quando os pais negam a existência da rivalidade na fratria e vedam aos filhos a possibilidade de a pôr em cena, os seus efeitos podem entremostrear-se mais tarde, na vida adulta, em formas socialmente aceites, contudo patológicas: depressão, inibição intelectual ou contra-investimentos invalidantes da agressividade.

O convite insistente à competitividade, com recurso a comentários que emitem comparações entre os filhos ou atitudes inconscientes que indiciam um tratamento diferencial para aquele filho que melhor corresponde às expectativas parentais, abre também caminho a vicissitudes relacionais (Sharpe & Rosenblatt, 1994). Tende a existir um dos filhos que é admirado por corresponder ao ideal parental e outro com o qual se passa o contrário. Este modo reverbera negativamente em todas as direcções: na parte desidealizada, que ingressa numa espiral de desvalorização narcísica com severos sentimentos de inferioridade e esforços concomitantes para compensar as suas falhas (Charles, 1999; Mann, 2008; Sharpe & Rosenblatt, 1994); e na parte idealizada com o atear de tumultuosos sentimentos de culpa ou medo de retaliação (Kieffer, 2008; Larmo, 2007). A fuga a essa rosca relacional claramente difícil de gerir é por vezes a desidentificação entre os irmãos, responsável pela constituição de identidades opostas, contudo com a mesma insegurança sobre ser amado e aceite na base (Sharpe & Rosenblatt, 1994). Ao mesmo tempo, as figuras familiares sentidas como rejeitantes podem ser desinvestidas como objecto de amor primário, com procura de substitutos no meio extra-familiar de um lado (Sharpe & Rosenblatt, 1994). Do outro lado, pode levar à formação de um elo gemelar entre os irmãos impenetrável mas impregnado de dependência mútua (Shopper, 1974; cit. por Coles, 2003).

Porém, pode dar-se também o caso de uma crescente e intensa identificação ao irmão idealizado, e admirado pelos pais, numa tentativa de o igualar ou de se compor como extensão idealizada dele (Sharpe & Rosenblatt, 1994).

Aos elementos acima referidos sobre a desidentificação ou identificação poderosa entre os irmãos, Sharpe e Rosenblatt (1994) somam outro cenário indicador da não elaboração da rivalidade fraterna. A criança pode ter sempre uma relação considerada satisfatória com a mãe ou o cuidador primário, porém nunca chegando a desenvolver sentimentos positivos pelo irmão, que permanece como indesejável intruso. Este cenário pode ou não coexistir com

outros indícios de que a rivalidade fraterna não foi esclarecida, como a idealização ou a desidealização continuadas do irmão.

O outro elemento que se destaca entre as considerações de Freud sobre as relações fraternas declara que a maioria dos conflitos que entre irmãos se encenam são conflitos originalmente relacionados às figuras parentais e ao complexo de Édipo. Esses conflitos são vividos como se emanassem da relação fraterna pela actuação de mecanismos de deslocamento.

Existe de facto uma convergência nos trabalhos que consideram que o deslocamento de fantasias incestuosas de uma pessoa relacionadas com o universo parental para o universo fraterno consiste numa manobra de carácter adaptativo que é comum e facilita a transformação de fantasias parentais incestuosas em fantasias orientadas para os pares (Abend, 1984; Anna Freud, 1958; cit. por Coles, 2003; Bonaparte, 1953; cit. por Coles, 2003; Fenichel, 1931; cit. por Kaës, 2008; Parens, 1988). Ao mesmo tempo que norteia relações com novos objectos, o deslocamento é descrito como mecanismo preferencial para a descarga de sentimentos hostis sobre um objecto menos indutor de ansiedade do que o objecto original, permitindo assim a libertação de pressões internas (Parens, 1988).

Até ao momento temo-nos reportado a desenvolvimentos posteriores às ideias que Freud sugeriu acerca da natureza das relações fraternas que ainda continuam presentes no pensamento psicanalítico. Apesar disso, essas ideias são contemporâneas de outras que põem o acento no carácter criativo e de suporte cooperativo das relações fraternas (e.g. Anna Freud & Dann, 1951; cit. por Coles, 2003; Klein, 1927). Os trabalhos mais recentes tendem a considerar as propostas relativas à hostilidade e ao deslocamento de afectos como *parte não fundamental da experiência fraterna* (e.g. Neubauer, 1982; Colona & Newman, 1982).

Foi nesse sentido que se encaminharam as observações de Anna Freud e Sophie Dann (1951; cit. por Coles, 2003) sobre o comportamento em grupo de crianças órfãs de guerra. Em grupo de pares, estas crianças não fazia quaisquer manifestações de inveja ou hostilidade entre si, direccionando toda a sua agressividade contra os adultos que deles cuidavam no lar. Ao contrário, entre si havia expressões de cooperação e generosidade que tomavam forma, entre outras, à hora da refeição com a partilha de comida. As autoras compõem estes dados como corolário da ausência completa de uma figura cuidadora preferencial, que transforma os pares em objecto de amor primário. Assim, a preservação dessa relação torna-se para elas uma prioridade. Tem-se reunido evidências que apontam que o amor fraterno pode auxiliar a gestão de impulsos e a estabilidade emocional no desempenho de um papel equiparável ao do

cuidador, especialmente se o cuidador for negligente ou ausente (Agger, 1988; Akhtar & Kramer, 1999; Bank & Kahn, 1982; Charles, 1999).

Contudo, um novo ímpeto sugere que não é necessário que os cuidadores sejam ausentes ou negligentes para se poder considerar os irmãos como verdadeiros objectos de internalização nas primeiras fases da vida. Lesser (1978; cit. por Rosner, 1985) afirma que tal acontece e, mais ainda, essas internalizações podem servir como antídoto contra introjectos parentais malignos. Parat (2008) conta o caso de uma paciente cujas relações fraternas parecem ter exactamente cumprido essa função de desadensar uma história familiar crispada e reorganizar uma relação que era de natureza simbiótica com a mãe.

Sharpe e Rosenblatt (1994) afirmam que, apesar de interpenetráveis, as constelações parentais e fraternas parecem ser paralelas e independentes entre si (Sharpe & Rosenblatt, 1994). Com efeito, distingue-se bem na literatura a tendência de alguns autores a considerar a especificidade das relações fraternas no que concerne ao desenvolvimento e maturação intelectual, social e emocional. Esse esclarecimento da especificidade das relações fraternas já havia sido pontuado em Freud, contudo não suficientemente explorado. Freud (1908, 1925) e Klein (1921; cit. por Thorner, 1981) haviam já mencionado que o aparecimento de um irmão constitui um estímulo à curiosidade intelectual, alimentada por uma pulsão epistemofílica, que conduz ao questionamento inquieto acerca da origem do bebé e das diferenças anatómicas entre os sexos. Isso acontece tanto no caso da criança mais nova como a da criança mais velha. Além do mais, o aparecimento de um irmão serve também de âncora à realidade na diferenciação entre esta e a fantasia (Freud, 1909).

O mesmo se passa em relação às coordenadas que os irmãos fornecem uns aos outros de movimentação na esfera social, nomeadamente ao nível da apropriação das regras sociais, de recalçamento da agressividade e do adiamento da satisfação dos desejos, subordinadas ao princípio da realidade (Balsam, 1988; Kieffer, 2008; Parens, 1988). Essa apropriação dos princípios da vida social permite a inclusão em grupos sociais progressivamente mais complexos e o desenvolvimento de percepções que configuram o próprio e o outro como seres entre si diferenciados (Charles, 1999; Emde, 1988; cit. por Coles, 2003). Embora seja numa perspectiva de diferenciação, Kieffer (2008) evoca a dimensão identificatória do desenvolvimento social através da fratria quando sugere que os irmãos, por serem pares, fornecem modelos mais realistas de reflexão sobre o lugar do próprio e, por conseguinte, de internalização das normas sociais. É nesse sentido que Lechartier-Atlan (2008) emprega a metáfora da fratria como *palco de ensaio* da vida psíquica adulta, uma vez que permite a

actuação dos afectos mais variados, como a partilha, a cooperação e o amor (Coles, 2003; Lechartier-Atlan, 2008) a par com a agressividade (Neubauer, 1982), a inveja e o ódio (Lechartier-Atlan, 2008). Com efeito, essas teias relacionais e as interacções nelas vividas parecem inscrever-se de tal maneira no psiquismo que mesmo na vida adulta, quando os irmãos se afastam entre si, nos momentos de reunião familiar, as estruturas que primeiramente se haviam estabelecido na fratria – como a estrutura hierárquica – tendem a ser de imediato estabelecidas (Neubauer, 1982). Abend (1984) liga esse dado à actuação dessas primeiras influências ao longo da vida e, por conseguinte, das restantes relações que o próprio estabelece.

O poder dessas primeiras forças liga-se ao investimento emocional dos irmãos como objectos primários de relação (Leichtman, 1985; Parens, 1988). Esses vínculos são decisivos para enfrentar as exigências das diferentes etapas do processo de separação-individação (Parens, 1988; Sharpe & Rosenblatt, 1994) e do desenvolvimento moral (Kernberg & Richard, 1988), nomeadamente na perspectiva da criança mais nova. O envolvimento em interacções sociais cada vez mais extensivas e gratificantes facilita a distinção entre o que é da natureza das relações maternas e o que diz respeito às relações fraternas e abre caminho à constituição de um lugar próprio e único no mundo (Sharpe & Rosenblatt, 1994; Vivona, 2007).

Muita da literatura dedicada às relações fraternas, por ser produzida no campo da clínica psicanalítica, envolve a exploração de casos intrincados onde todas as dimensões – quer a hostilidade, quer a culpabilidade ou a idealização – da relação fraterna adquirem dimensões muitíssimo maiores. A morte de um irmão é disso um exemplo. A análise põe a descoberto um conjunto de dados que invariavelmente convergem na presença nesses pacientes de aterradores sentimentos de culpa que comprometem uma necessidade constante de auto-punição (Berman, 1978; Charles & Charles, 2006; Christian, 2007; Crehan, 2004; Davids, 1993; Kylman, 1986; Pollock, 1986; Rappaport, 1994; Rosen, 1995). Esse sentimento de culpa tem um laço directo com a hostilidade fraterna e as fantasias alimentadas pelo desejo de eliminação do rival fraterno que ganham corpo e se tornam reais (Berman, 1978). A culpa justifica-se não só pela morte do irmão amado, com a sobrevivência do próprio, experienciada como ferida narcísica, mas também pelo sofrimento causado aos pais (Charles & Charles, 2006; Davids, 1993) cujo processo de luto compromete a própria função parental.

Além dos casos relatados sobre análises de pacientes que experienciaram a morte de um irmão, encontramos referência a uma análise de um paciente que tivera um irmão com

deficiência congênita. A análise revelou igualmente a existência de afiados sentimentos de culpa pelas capacidades que têm em relação ao irmão temperados com a tentativa infecunda de corresponder às expectativas irrealistas dos pais de que o filho saudável compense o desapontamento causado pelas fragilidades do outro (Aronson, 2009; Kennedy, 1985).

Em toda a evidência tem-se tornado claro que a complexidade das relações fraternas demanda a organização de um quadro compreensivo das mesmas que transcenda as pontuais referências que ocasionalmente emergem do campo da clínica. O contributo de Sharpe e Rosenblatt (1994) baseia-se na noção de *triângulo edipiano fraterno* que pretende dar conta da dinâmica que se conjuga em torno da rivalidade entre dois irmãos pelo amor de um dos pais ou de outro irmão com desejo de eliminação do rival, muito à semelhança do que no complexo de Édipo acontece. O irmão rival é concebido como um objecto total pelo que intensos sentimentos de amor e ódio lhe são dirigidos de forma ambivalente e simultânea. Desta forma, as mesmas fantasias de eliminação do rival envolvem veementes sentimentos de culpa pela perda do amor do rival e medo de retaliação.

Apesar das evidentes semelhanças entre os clássicos *triângulos edipianos* ao nível da competição entre duas figuras pelo amor exclusivo de outra, existe da parte dos autores um esforço por destacar as diferenças. Em primeiro lugar, a génese de tais triângulos descreve rotas bem diferentes. Na fratria o irmão mais velho começa por ter sentimentos hostis em relação ao mais novo, por experienciá-lo como um intruso a eliminar, e só posteriormente se torna capaz de investir libidinalmente o objecto fraterno. No triângulo edipiano, originalmente a criança nutre sentimentos de amor em relação a ambos os pais, e só depois a competição e os sentimentos de hostilidade ganham fôlego (Sharpe & Rosenblatt, 1994). A estrutura dos triângulos é também claramente diferente e atesta aos *triângulos edipianos fraternos* uma maior flexibilidade. Na sua forma negativa, dois irmãos do mesmo sexo competem pelo amor do pai do mesmo sexo. Na sua forma positiva, dois irmãos do mesmo sexo competem pelo amor do pai do sexo oposto. Qualquer outra configuração representa uma fusão entre as formas positiva e negativa (Sharpe & Rosenblatt, 1994). Diferentemente, no complexo de Édipo trata-se da competição entre a criança e o rival do mesmo sexo pela figura do sexo oposto.

Além disso, também o que se pretende obter da competição com o rival distingue ambos os triângulos. No contexto edipiano parental trata-se da competição pelo amor do pai do sexo oposto. Porém, na fratria trata-se não só do amor do objecto desejado, mas também do reconhecimento e da admiração do rival (Sharpe & Rosenblatt, 1994). No que respeita à

existência de fantasias sexuais, ao nível da fratria são fantasias que adquirem um muito maior volume ansiogénico por constituírem um tabu muito mais leve do que ao nível das relações parentais. O carácter ansiogénico advém não só da facilidade em pôr em marcha as fantasias, mas também da força das identificações entre os irmãos em cuja actuação de fantasias sexuais pode comprometer confusões identitárias e fantasmas de perda imaginária do amor do objecto, concebida em termos de ferida narcísica (Sharpe & Rosenblatt, 1994). A resolução da rivalidade no triângulo fraterno edípiano, na visão de Sharpe e Rosenblatt (1994) é a companhia ambivalente do rival baseada mais em afectos de preocupação genuína e amor para com o rival do que em preocupações narcísicas primárias como o medo da punição. Assim, a resolução óptima do triângulo ocorre quando a criança aceita a realidade da impossibilidade de possuir o amor exclusivo de um dos pais ou de um dos irmãos e se identifica com o rival. Haas-Lyon (2007) vem sugerir posteriormente a atenção dos clínicos em relação à organização de triângulos edípianos fraternos motivada por movimentos activos de um dos pais em atribuir ao filho um lugar marital, colocando-o numa posição vertical em relação aos seus irmãos.

Além da estrutura apresentada por Sharpe e Rosenblatt (1994), também Kaës (1993) expõe uma proposta capaz de proliferar na compreensão das dinâmicas de construção identitária na fratria à qual chamou *complexo fraterno*. Um complexo define-se como um conjunto organizado de representações e de investimentos inconscientes constituído a partir de fantasmas e relações intersubjectivas nas quais se jogam desejos narcísicos e objectais. Esse conjunto compõe a arquitectura fundamental das relações interpessoais que actua ao longo da vida e a maneira pela qual uma pessoa encontra o seu lugar no mundo e dele se apropria (Laplanche & Pontalis, 1970). De acordo com Kaës (1993, 2008) o complexo fraterno constitui um *verdadeiro* complexo uma vez que é dotado de uma estrutura e desempenha uma função concreta no espaço psíquico do sujeito e lhe permite encontrar o seu lugar de sujeito com desejos em relação com outros sujeitos com desejos. Desta maneira o complexo fraterno é contemporâneo do desenvolvimento do sujeito e do estabelecimento dos alicerces da alteridade e da construção identitária (Bourguignon, 2000; Kaës, 2008).

Kaës (2008) aconselha uma distinção fundamental entre o complexo fraterno na sua forma arcaica e na sua forma triangular. O complexo fraterno arcaico organiza-se num estado primitivo da construção do sujeito, da noção de objecto e dos processos psíquicos numa época em que o espaço psíquico se encontra ainda na época da bidimensionalidade. Assim, a invasão do psiquismo por fantasmas de conteúdos não simbolizados, logo crus e ameaçadores,

compromete o recurso a mecanismos de defesa também rudimentares. A relação de objecto é parcial, entre um sujeito e um objecto ainda não diferenciados, sendo o irmão experienciado como apêndice do corpo materno imaginário. A fantasia da partilha do corpo e do espaço psíquico materno possibilita a criação de uma fantasia fraterna de relação perfeitamente complementar e complementarmente perfeita. O avanço no sentido da resolução do complexo fraterno arcaico permite alcançar a primeira noção de separação do corpo materno (Kaës, 1993). Por seu turno a forma triangular do complexo fraterno seria inaugurada pela emergência dos primeiros esboços da figura do duplo e da especularidade narcísica que configuram os primórdios da alteridade e da diferenciação (Ferrari, 2000; Kaës, 2008; Zilkha, 2008). Desse modo é possível ultrapassar o modo de relação preferencial com a mãe por identificação narcísica abrindo espaço à instauração da diferenciação entre sujeito e objecto bem como entre o que é da ordem do mundo interno e o que pertence à realidade externa. É nessa linha que o complexo fraterno constitui a ontogénese da socialização (Bourguignon, 2000).

Esta progressiva diferenciação é tornada possível pela própria natureza daquilo que constitui o nascimento de um irmão. O seu aparecimento é sentido, na visão de Bourguignon (2000), desde o início de forma ambivalente, o que resulta no irmão mais velho um duplo movimento contraditório em relação ao mais novo: a chegada de um irmão e a sua instalação na família são sentidos como uma invasão no universo do filho primeiro, o que estimula sentimentos de rejeição e ódio – dimensões que têm sido privilegiadas na literatura – mas ao mesmo tempo um interesse intenso que não consiste apenas num contra-investimento do ódio e vem estimular grandemente, só pela sua presença, a criação de investimentos afectivos (Bourguignon, 2000). Essa ambivalência inerente à relação fraterna compõe um jogo complexo de identificações e de diferenciações simultâneas (Ferrari, 2000; Vivona, 2007).

Pelo processo de identificação as características e desejos de outra pessoa são adoptados como pertencendo ao próprio (Vivona, 2007). A pertença a uma fratria é altamente estimulante de identificações, o que Brusset (2008) esclarece de uma forma simples quando afirma que *ser irmão é ser quase o mesmo* – entrosa a partilha da mesma genealogia e hereditariedade, da mesma família, dos mesmos pais, da mesma geração e do mesmo sexo, uma em cada duas vezes. É o duplo investimento da imago fraterna, ao qual nos referimos acima quando citámos Bourguignon (2000), que possibilita a diferenciação através da rivalidade.

A diferenciação consiste num processo activo e inconsciente de desenvolvimento identitário que envolve o aguçar de qualidades diferentes daquelas que o sujeito reconhece ao objecto fraterno e ao mesmo tempo o silenciar das qualidades que assume como semelhantes (Baïetto, 2010; Balint, 1945; Lachmann, 2004; Vivona, 2007). Esse processo inicia-se logo que estão lançados os alicerces da percepção do duplo e é possível a comparação entre o próprio e o outro com o reconhecimento das qualidades actuais ou potenciais. A esse reconhecimento segue-se a projecção no irmão das qualidades que entre os dois são similares e uma amplificação das características que os distinguem (Charles, 1999; Vivona, 2007). É desta forma que Charles (1999) evoca a importância das relações fraternas na dinâmica identitária, reforçando a demarcação dos limites à própria identidade. As experiências de alteridade são precisamente o elemento distintivo, presente nos processos de identificação, que permitem diferenciá-los da imitação, não criativa e que não tem em conta o outro, senão como reflexo do próprio (Ferrazzi, 2010; Frau-Frérôt, 2010). A identidade assegura e é assegurada, com efeito, pelo envolvimento em experiências de alteridade com o objecto fraterno num confronto premente com aquele que é ao mesmo tempo duplo e estrangeiro (Brémond, 2010; Brusset, 2008). É isso que torna a elaboração do complexo fraterno verdadeiramente desafiante e complexa. No caso do complexo de Édipo os fenómenos de identificação e diferenciação são dirigidos a objectos diferentes; no contexto da fratria são dirigidos ao mesmo objecto. Além desse desafio de gestão de processos inconscientes, a fratria impõe o desafio psíquico encenado no palco da dimensão lateral da vida psíquica de encontrar um lugar único num mundo de semelhantes com quem coexiste (Bourguignon, 2000; Vivona, 2007). Essa concepção reafirma a permanência dos padrões de relação estabelecidos e seu reacender no mundo objectal. Com efeito, os modelos fraternos são testemunhas privilegiadas das fixações arcaicas que reenviam aos conflitos internos, à ambivalência, à bissexualidade psíquica e às dimensões do activo e do passivo (Bourguignon, 2000). É por este motivo então que o complexo fraterno é classificado como complexo nuclear dos problemas de identidade (Bourguignon, 2000).

3. SOBRE O OBJECTO DE ESTUDO E SUA RELAÇÃO COM O MÉTODO

O levantamento acerca dos trabalhos subordinados à fratria existentes que agora se finda permite-nos destacar que além de ser escassa, a literatura é pouco variada. Uma grande massa dos trabalhos publicados diz respeito às dimensões da rivalidade fraterna e suas manifestações como pedra de toque das relações fraternas que, por sua vez, não são investidas de grande importância. Com efeito, as relações com os pais surgem nessa linha como bastante mais poderosas, tanto mais que os conflitos dirigidos às figuras parentais, demasiado conflituais na sua configuração original, são deslocados para a fratria. Porém, a análise de pacientes que sofreram traumas relacionados com a perda de um irmão trazem à tona a importância dessas relações. Não só, também a observação de crianças em grupo – com equivalentes fraternos e irmãos – lança luz para as potencialidades criativas das relações fraternas. Nos trabalhos mais recentes verifica-se uma tendência a considerar a importância dos processos de identificação e diferenciação dos irmãos, uns em relação aos outros, na construção identitária que lhes permite o acesso à alteridade ao mesmo tempo que por ele é estimulada.

Deste modo o principal objectivo do estudo presente, de carácter qualitativo, consiste em aceder à experiência dos membros de duas fratrias no pressuposto de que o método escolhido expõe a dinâmica de funcionamento de cada um dos irmãos na fratria e permite compreender os processos de construção da identidade e à estruturação interna. Pretende-se averiguar o presente objectivo através do convite à expressão interna do sujeito, recorrendo à Entrevista Narrativa em Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000). Com efeito, de forma a conhecer o conflito inconsciente e a sua gestão como a base da vida psíquica e da auto-apresentação, a livre associação permite encontrar um significado emocional, muitas vezes inconscientes, contido nas ligações entre uma ideia e outra e na forma como elas são produzidas na relação específica com o ouvinte (Freud, 1916; cit. por Hollway & Jefferson, 2000).

Para além de solicitar autenticamente a expressão individual de cada sujeito na sua especificidade, este método tem a vantagem de possibilitar a produção de dados fora do contexto clínico. No caso concreto da fratria, os trabalhos fazem-se impregnar de referências ao tecido analítico, o que à partida levanta duas questões: por um lado, a tendência a fabricar elaborações a partir de conteúdos mais ou menos patogénicos relativos à experiência fraterna; por outro lado porque os dispositivos psicanalíticos privilegiam notoriamente mais a

resolução de conflitos ligados às relações verticais. Isso deve-se essencialmente a dois factores que culminam no estabelecimento de uma relação transfero-contratransferencial que tem muito em comum com a relação pai/mãe-filho.

Em primeiro lugar, a figura do analista é mais facilmente identificável a uma imago parental por ser ele quem sugere as regras, apresenta ao paciente o funcionamento do *setting* analítico e sugere as interpretações. Em segundo lugar, a própria natureza do *setting* convoca no paciente um estado regressivo em que a urgência de conteúdos infantis convida o analista a ocupar uma posição de cuidador. Desta maneira as interpretações que surgem na relação transfero-contratransferencial tendem a elucidar aspectos relativos a essa mesma relação. Existem contudo algumas referências na literatura à transferência fraterna.

De acordo com Sharpe e Rosenblatt (1994) uma distinção básica deve ser feita entre a transferência paterna e a transferência fraterna. Enquanto a primeira consiste numa ambivalência entre submissão ao objecto e rebelião contra si, a segunda compõe-se de uma dialéctica entre a admiração intensa e a competição inflamada. Tirando esta anotação, Lesser (1978) alertou que a explicitação por parte de um paciente em relação a outros pacientes do seu analista constitui um forte indício à abordagem da relação fraterna na análise e Waugaman (1990) aconselhou o mesmo na altura em que o paciente começa a tratar o irmão pelo nome próprio por ser indicador da emergência de conteúdos relacionados com a época do reconhecimento da alteridade. Parece notório que o assunto da transferência fraterna tem sido pouco explorado (Graham, 1988; Kieffer, 2008; Lesser, 1978).

De facto o universo psicanalítico apropriou de forma muito fértil os investimentos da fase do complexo de Édipo para a intervenção clínica, o que se justifica à luz da estrutura social ocidental e reafirma que a cultura talha a apreensão e a compreensão da realidade (Bourguignon, 2000).

4. TIPO DE ESTUDO

O estudo que agora se apresenta inscreve-se nos procedimentos das metodologias qualitativas. Porém não se trata aqui dos métodos qualitativos convencionais que, na tentativa de fornecer uma análise mais compreensiva e sensível dos fenómenos, apresentam falhas nos seus pressupostos teóricos e metodológicos que comprometem essa mesma tarefa. Esses métodos direccionam as respostas ao convidar as pessoas a responder de uma certa forma. Na verdade, o entrevistador selecciona as perguntas a colocar de acordo com os aspectos que considera serem as questões centrais. Mais ainda, assume que o entrevistador e o entrevistado partilham significados ao ponto de a questão colocada pelo entrevistador coincidir com a questão entendida pelo entrevistado e com a questão a que ele responde (Hollway & Jefferson, 2010). Esta assunção configura a teoria da transparência da linguagem, que tem caído em desuso precisamente pela importância cada vez mais robusta das variáveis de contexto na (co-)construção de significados. Assim se vê que tanto os métodos quantitativos e psicométricos como os métodos qualitativos convencionais não fornecem senão uma parte muito curta da explicação dos fenómenos e das experiências.

Desta maneira não nos esforçámos por formular uma hipótese a ser depois sujeita a um processo de análise: em primeiro lugar efectuou-se uma recolha de dados significativos através de instrumentos privilegiados na investigação psicanalítica; posteriormente, foi feita uma análise suportada nos modelos psicanalíticos das narrativas fabricadas pelos participantes. Apesar de sem hipóteses, abriu-se uma hipótese de compreensão das experiências e representações na fratria.

Com certeza que o projecto do estudo assenta numa concepção epistemológica de sujeito distinta da tradicional. Nessa nova concepção, o sujeito é visto como um ser psicossocial, que constrói os significados numa complexa teia relacional. É um ser cuja experiência é mediada pela linguagem, o que faz com que o mundo nunca seja representado de forma neutra no seu discurso e um ser discursivo, que pela linguagem revela o significado latente do seu discurso. Essa concepção não condiz com a concepção de um sujeito que partilha significados com o entrevistador, que transmite a sua experiência de forma neutra pela linguagem, experiência essa que pode ser captada por conceitos simples.

Além das características já referidas da concepção epistemológica de sujeito que valorizamos na investigação em Psicologia Clínica, importa referir que se trata de um sujeito defendido. Um sujeito movido por motivações inconscientes, entre as quais gerir os conflitos

que ebulem no seu mundo interno. A própria situação da entrevista coloca um conflito ao sujeito, e em face do conflito ele é levado a mobilizar defesas contra a ansiedade que daí advém. A colocação em marcha dessas defesas, que em si mesmas se compõem como processos ou resultantes de processos intersubjectivos, influencia o discurso e também a forma como os eventos são apropriados discursivamente e defensivamente.

É neste enquadramento epistemológico, e tendo em conta o objectivo do nosso estudo, que surge o Método de Análise de Narrativas em Associação Livre (FANI), desenvolvido por Hollway e Jefferson, que será melhor explicitado na secção dos instrumentos.

5. MÉTODO E INSTRUMENTO

O FANI é um método conceptual de resposta livre que ao ter por base o princípio psicanalítico da livre associação motiva a exposição do *eu-em-relação* de forma livre e verbal num mundo de representações. Com efeito, a associação livre é a técnica fundamental da psicanálise. Encoraja-se o paciente a dizer livremente o que lhe acorrer ao espírito, sem reservas e na ausência de um grande esforço de estruturação consciente. Assenta no pressuposto de que as motivações e os elementos do discurso estão ligadas por malhas inconscientes e no exercício de dizer o que lhe vem à mente, a pessoa vai circular nessas teias. Desta maneira, as ligações entre uma e outra ideia, bem como a forma como são produzidas na relação com o ouvinte, são terreno para a procura do significado emocional (Hollway, 2003). Ao acompanhar o livre curso das ideias, efectua-se uma melhor compreensão da relação entre o paciente e os elementos representados na narrativa, numa partilha que conduz ao conteúdo verdadeiramente significativo.

Assim, qualquer Entrevista Narrativa em Associação Livre se inicia por uma questão, que no caso presente foi: “Gostava que me contasses a tua história com os teus irmãos.”. Esta instrução, ao mesmo tempo que apela à construção de narrativas, dá espaço à pessoa para que estruture a sua narrativa de forma livre. Hollway e Jefferson (2010) estabelecem critérios básicos para a condução da Entrevista em Associação Livre: (1) formulação de questões abertas; (2) apelo à construção de histórias; (3) evitar questões de “porquê?”; (4) acompanhar a narrativa procurando ecoar a ordem e a terminologia do sujeito sem interpor conteúdos ao livre desprender de ideias – as intervenções devem surgir apenas como incentivos à

continuação da narrativa ou para convocar esclarecimentos relativos a conteúdos carregados de significado emocional colocados pela pessoa no seu discurso.

Na condução da entrevista, o ouvinte deverá adoptar uma postura de analista bioniano, *sem memória, sem desejo e sem compreensão*, elementos que reservam o sujeito a uma concepção estática e desvitalizada (Bion, 1962). Ao invés, o ouvinte deve substituí-los por uma consciência meditativa, movimentando-se na atmosfera de uma atenção flutuante em relação ao discurso do sujeito.

Firmado sobre os referenciais teóricos da psicanálise, este método facilita o acesso às dimensões latentes do discurso dos sujeitos e através da disponibilização de elementos interpretativos relevantes. Além das dimensões teóricas que auxiliam a descodificação dos mecanismos subjacentes ao discurso do sujeito, importa ter em conta as noções de transferência e de contratransferência. Em 1912 Freud define a transferência como o deslocamento sobre a pessoa do analista de desejos inconscientes primariamente dirigidos a uma figura significativa. No seio da relação analítica, esses desejos são experienciados como se da pessoa real do analista se tratasse (Hollway, 2003).

Apesar de na situação da Entrevista, por ser única e não-clínica, a dinâmica transfero-contratransferencial se encontrar esbatida, ela evidencia-se. Desta maneira, um investigador sensível às suas expressões, da sua própria parte e da parte do sujeito conta a sua história, poderá recorrer a estes dados como elementos da investigação, o que permite complementar a sua reflexividade e compreensão (Hollway, 2003).

6. PARTICIPANTES

Qualquer fratria poderia participar neste trabalho se cumprisse quatro requisitos: pertencer a uma população não-clínica, ser uma fratria filhos dos mesmos pais, não tendo sido adoptados nem acolhidos, e ter representados ambos os géneros – o feminino e o masculino. As duas fratrias participantes foram seleccionadas por conveniência.

A Amélia, o Fausto e o Rúdi (fratria Maia) são irmãos e têm, respectivamente, vinte e dois, vinte e catorze anos. Moram todos juntos, com os pais, numa cidade nos arredores de Lisboa. A Amélia e o Fausto frequentam o ensino superior, em cursos e instituições diferentes, em Lisboa. O Rúdi estuda na cidade onde a família reside e encontra-se no oitavo ano de escolaridade.

À semelhança dos primeiros, também a Eunice, o Elias e a Débora (fratria Branco) são estudantes universitários. As suas idades são vinte e dois, vinte e dezoito anos. Os irmãos residem nos arredores de Lisboa com os pais. A Eunice e o Elias estudam na mesma instituição de ensino superior em Lisboa. A Débora ingressou recentemente no ensino superior noutra cidade do país, o que a faz viver nessa cidade durante a semana.

Os participantes aceitaram prontamente colaborar na investigação. Foram informados sobre o tema e foi-lhes comunicado que teria uma finalidade académica. O anonimato da informação por eles fornecida foi assegurado e as dúvidas concernentes à natureza do estudo foram esclarecidas no fim das entrevistas.

7. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE RESULTADOS

Antes de proceder à análise dos resultados propriamente dita procedemos a uma transcrição integral das narrativas (Anexos A, B, C, D, E e F). Posteriormente, o primeiro momento da análise ocorreu num grupo de intervenção constituído por quatro elementos, entre os quais a entrevistadora, a orientadora da dissertação e duas estudantes de Psicologia. A análise em grupo funciona da seguinte forma: a entrevistadora leu em voz alta a transcrição da entrevista e cada um dos membros, incluindo a própria entrevistadora, interferia livremente de acordo com o que as narrativas iam evocando em cada um. Este processo possibilita a análise em triangulação de forma criativa e dinâmica. À partida todas as pessoas saberiam que teriam de ter em conta aspectos específicos do discurso, como o vocabulário utilizado, o nível de excitação, as repetições, os evitamentos e as incongruências.

Esta análise ocorreu numa sessão única para cada fratria que teve a duração de três horas.

O seguinte momento de análise foi feito individualmente pela entrevistadora, com o destaque dos grandes temas mais relevantes. Nas narrativas concernentes à primeira fratria, os temas que sobressaíram foram: (1) Ocupação complementar de papéis; (2) Expressões do Feminino e do Masculino; (3) Relação com as *imagos* parentais. Com respeito à segunda fratria destacaram-se os seguintes temas: (1) Referências ao paterno; (2) Expressões da competitividade na fratria; (3) Manifestações de alteridade na fratria; (4) Proximidade e afastamento.

8. RESULTADOS

A presente secção do trabalho divide-se em dois momentos na análise das narrativas. O primeiro momento baseia-se numa análise individual do discurso e das sequências associativas na primeira fratria. O segundo momento consiste numa leitura comparativa dos textos produzidos pelos membros da fratria com vista no destaque dos grandes temas que pontuam o seu discurso. A análise das narrativas da segunda fratria seguirá a mesma lógica.

8.1. Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Análise do discurso na “fratria Maia”: Amélia, Fausto e Rúdi

A análise das entrevistas tal como vem descrita na secção do Método permitiu a atribuição de significados ao discurso dos participantes num movimento de escrutínio do conteúdo latente das suas narrativas. Esse exercício resultou na composição dos textos que em seguida se apresentam e que contém uma proposta de significação do discurso dos sujeitos com particular atenção na ordem em que os conteúdos foram aparecendo. As transcrições em discurso directo das narrativas encontram-se em anexo (ANEXOS A, B e C).

8.1.1. Amélia

A Amélia (ANEXO A) inicia a sua narrativa aclamando a união fraterna – “(...) *somos bué unidos (...) damo-nos bué bem em tudo.*”. Contudo, logo após, faz um apontamento sobre a natureza dos conflitos que, pontualmente, se fazem sentir – “*O Fausto (...) é preguiçoso e não ajuda muito (...) é mais velho, devia ajudar mais um bocado.*”. Nesse movimento a Amélia coloca-se num papel parental ou de auxiliar parental, lugar para onde tenta transportar o Fausto, porém em vão. Para o Rúdi, por seu turno, é descrito um lugar especial a que mais tarde a Amélia vai voltar. Apesar de ser o “*mais novo (...) ajuda mais*”. Assim, desde o começo a Amélia é clara na explicitação da diferença entre ambos os irmãos.

Prossegue falando sobre o Fausto e destaca nele uma qualidade que consiste no apelo à união na fratria pela sugestão de planos “*só de irmãos*”. Essa qualidade transforma-o numa espécie de elo de ligação entre todos. Desta maneira a Amélia revela que apesar de em

primeira instância o Fausto não aderir às suas propostas de ao seu lado desempenhar um papel parental, ele encontra o seu lugar como placa agregadora.

É de lugares que a Amélia vem falando. Em seguida recorda um episódio familiar, com introdução dos pais, assim também clarificando a sua própria posição, mais próxima do parental. Nesse episódio a Amélia conta ter dito ao Rúdi que a sua gravidez não havia sido planeada. Desta forma, não só a Amélia penetra na penumbra do desejo parental como o denuncia. É o pai que, posteriormente, a dirige de volta ao seu lugar filial – “(...) *veio dizer-me que eu não devia ter dito aquilo.*”. A força da mãe nesse sentido parece ser mais apagada – “(...) *a olhar para mim*”, restringindo-se ao olhar. Além de nos mostrar o franquear das fronteiras da relação parental, que são defendidas mais pelo pai do que pela mãe, a Amélia marca a distinção entre os dois irmãos mais uma vez. Enquanto o Fausto é na fratria como um eixo aglutinador, o Rúdi representa a separação; é diferente dos outros, é o preferido – “*ele disse «Posso não ter sido planeado mas sou o preferido de toda a gente cá em casa» (...) acho que isso é verdade!*”. Mais tarde na narrativa a Amélia vai decifrar por que razões o Rúdi não fazia parte do (seu) plano.

Segue contando acerca da sua relação com ele num contexto de alimentação: “(...) *ponho uma mesa bué bonita, com velas e tudo, tudo bué arranjadinho e depois faço um prato e tal para almoçarmos.*”. Em contrapartida, “(...) *quando o Fausto ‘tá não dá para fazer, porque tipo, ele quer sempre comer a ver televisão e depois o Rúdi vai atrás dele e fazem uma javardice no sofá.* Esta contraposição deixa intuir que quando o Fausto está presente, o Rúdi adere às propostas do irmão – “*vai atrás dele*” – e não às da irmã. Em face dessa união entre os dois rapazes que a si a apartam, a Amélia parece encontrar uma saída possível ao assumir o lugar parental, o que se nota pelo tom imponente com que ela refere que “(...) *o Fausto quer sempre comer a ver televisão (...) fazem uma javardice no sofá.*”.

Em sequência evoca uma característica do Fausto que a “*irrita profundamente: acha que eu tenho obrigação de lhe fazer a comida*”. Mais uma vez a Amélia estabelece uma diferença entre os irmãos: o desejo do Fausto de que os irmãos comam juntos e os pedidos de que a comida seja preparada pela Amélia são interpretados por ela como um abuso: “*inferniza-me a vida até eu lhe fazer a porcaria do almoço. A sério pá... eu agora já não faço. Antes fazia, agora já não faço (...)* Já *‘tou farta.*”. Para o Rúdi prepara o almoço cuidadosamente, mas para o Fausto (já) não.

Esta evocação de um feminino materno provavelmente terá sido responsável por que passasse ao espírito da entrevistadora interrogar sobre a forma como a Amélia sente o seu

feminino na fratria. Apesar de fazê-lo significar introduzir um tema, o que não coaduna com a natureza de convite à livre associação do método, perguntou como é ser a única rapariga. A Amélia efectua um caminho em volta e responde à questão convocando a possibilidade de não ser a única rapariga e ter uma irmã: “*Eu acho que se tivesse uma irmã e se ela fosse tipo com a personalidade parecida à minha e à dos meus irmãos, eu ia entrar bué em choque com ela.*”. Faz pensar que a existência de outra pessoa do mesmo género poderia comprometer o lugar da Amélia na fratria – na família, no mundo – o que em seguida é reforçado no seu discurso – “*não quero nenhuma irmã, ‘tou bem assim, sou a princesa da casa.*”. A entrevistadora procura esclarecer o que significa ser a *princesa da casa* e a Amélia refere: “*tenho mais cenas para fazer, tipo limpar e não sei quê, mas tipo também sou a menina da casa e fazem-me as vontades...*”. É curioso notar que nessa referência a ser uma princesa esteja contida a ideia da limpeza e arrumação. Como se a Amélia tivesse de se organizar – *limpar, arrumar* – para ser capaz de dar resposta às solicitações que as relações familiares, e fraternas em particular, lhe colocam e encontrar o seu lugar.

Quando fala sobre os outros atenderem aos seus pedidos, fazerem-lhe *as vontades*, conta: “*ontem ‘tava-me bué a apetecer comer brigadeiro e então liguei ao meu pai e disse para ele trazer e ele foi logo a correr comprar...*”. Desta maneira a Amélia mostra que o pai é cuidadoso com ela e atende aos seus desejos como quem *corre* (e *acorre*) para os satisfazer. Em relação à mãe não sente um movimento específico no mesmo sentido de satisfação em relação a si. Coloca a mãe em cena, porém numa cena de doença: “*Hoje eu ‘tava doente e liguei à minha mãe e ela saiu a correr do trabalho para ir comprar tipo griponal (...) mas isso ela faz sempre, não é por ser eu, é por ser os filhos.*”. Ambos os pais correm e *acorrem*, contudo com diferentes panos de fundo: enquanto o pai *corre* para satisfazer os desejos da filha, a mãe *corre* para cuidar das constipações dos seus filhos.

Em seguida, a Amélia vai elucidar os movimentos maternos em relação a si e em particular à construção do seu feminino: “*gasta mais dinheiro em mim tipo em roupa e produtos (...) porque ela quer tipo que eu seja uma princesa bué arranjadinha, ‘tá sempre a dizer, ah, ‘tás com pouca roupa, temos de comprar roupa para ti... para ires sair, para te arranjares.*”. Assim, no dizer da Amélia, a mãe ocupa-se de um feminino percebido e devolvido com insuficiente, o que dá conta da presença subterrânea na Amélia de um sentimento de insuficiência na comparação com a rival edipiana.

Após se referir a si como mulher, descreve-se como a mais velha da fratria – “*(...) é uma trabalhadeira (...) tenho de cuidar deles... mesmo que a minha mãe não ligue, eu já sei o que eles vão pedir.*”. Desta maneira, a Amélia auto-proclama-se como substituta da mãe no

cuidado com os irmãos e revela a complementaridade da dinâmica entre as duas: a mãe ocupa-se de cuidar do feminino da filha reincidindo na sua insuficiência. A filha ocupa o lugar da mãe e de forma ainda mais eficaz, uma vez que sabe *o que eles vão pedir* mesmo antes de pedirem.

Na sequência disso evoca por associação a sua memória mais antiga: *“eu com quase três anos, a minha mãe ‘tava bué grávida do Fausto (...) e eu disse que ele se ia chamar Fausto porque gosto bué do nome.”*. É como se este bebé que a mãe carregava fosse para a Amélia, pois é ela quem lhe dá o nome. Em seguida refere não se recordar bem de como foi que o Fausto nasceu – *“Lembro-me quando ele começou a conseguir rebolar na cama, que nós ficámos super contentes.”*. Neste momento ocorre uma certa incongruência uma vez que a Amélia refere que se lembra melhor do nascimento do Rúdi do que do nascimento do Fausto, mas segue dizendo que não se lembra *muito bem de como foi com o Rúdi*. Na verdade a Amélia não se consegue recordar de como foi com nenhum deles.

Depois de falar sobre a gravidez do Fausto, fala sobre como foi quando a mãe ficou grávida do Rúdi e sublinha dois elementos: o da alegria (*“nós ficámos super contentes”*) e o do desejo (*“eu queria que fosse uma menina”*). A referência à esfera do desejo deixa intuir a formação de uma fantasia de ser a mãe desse bebé e ter o poder de querer decidir. Revela: *“depois nós descobrimos que era um rapaz e eu fiquei bué chateada, fiquei super chateada na altura, até chorei e tudo.”*. Aqui a Amélia transparece uma das faces do Rúdi não fazer parte do plano: deveria ter sido uma menina.

É a figura do pai que a consola e a leva de volta ao seu lugar de filha como tinha acontecido no início da narrativa quando a Amélia penetra no desejo parental: *“O meu pai incutiu-me a ideia dessas que eu ia ser a única neta da minha avó, a única rapariga da casa, a princesa da família.”*. O pai consola-a por não ter os atributos que pensa poder ter e deseja ter – os atributos que a sua rival tem.

Nesta altura é possível já aceder às representações da Amélia em relação aos pais. A relação com a mãe assenta numa dinâmica complementar e algo simétrica na distribuição de funções – a mãe não cozinha, a Amélia cozinha; a Amélia não cuida da sua aparência, a mãe encarrega-se disso – porém não identificatória. O pai, por sua vez, urge como transmissor de elementos. O lugar da mãe é pouco expresso e surge sempre na evocação da falta – falta de roupa e falta de *maquilhagem*.

Posteriormente a Amélia refere-se a actividades que fazia com o Fausto antes de o Rúdi nascer, que é o mesmo que dizer que a Amélia se refere ao lugar que ocupava junto do

Fausto. Assim, a Amélia reconhece uma transição entre esses dois tempos. Anteriormente, “*dizíamos que íamos fazer experiências e depois pegávamos tipo nos temperos todos que existiam, metíamos um bocado de cada um para dentro de um copo e mexíamos.*”. Depois do aparecimento do Rúdi, os rapazes uniram-se: “*(...) o Fausto e o Rúdi é que têm bué cumplicidade (...) irem jogar basquete e fazerem tipo cenas de rapazes, basicamente de fazerem merda (...) tipo pregarem partidas e partirem coisas e... aquelas coisas à rapaz, pegarem fogo às porcarias.*”. As actividades em que o Fausto e o Rúdi se envolvem são da mesma categoria que as actividades que antes do nascimento do Rúdi aproximavam o Fausto e a Amélia. Quando o Rúdi nasceu, a Amélia foi excluída do lugar *dos rapazes* e em contraposição metamorfoseou-se na *princesa da casa*. Não que tenha abdicado da posição masculina – foi de lá excluída pela identificação crescente entre os rapazes. Essa representação de exclusão fabrica um discurso desvalorizador e crítico em relação às actividades dos rapazes – “*basicamente de fazerem merda; eles inventam bué dessas porcarias, pronto, e eu não quero saber disso (...) só fazem porcaria, a sério.*”. Esta exclusão motivada pelo aparecimento de um novo elemento masculino e reforçada por movimentos activos do primeiro elemento masculino deixa intuir que em parte o feminino da Amélia se tenha constituído em torno da oposição ao masculino. Assim se compreende que a mãe apareça no seu discurso como transmissora e construtora de um feminino insuficiente.

Acto contínuo, afirma que não se recorda de alguma vez se ter zangado a sério com os irmãos. É curiosa esta sequência, uma vez que esse conteúdo surge logo depois de a Amélia falar em segunda voz sobre o quanto a perturbou o nascimento do Rúdi e a posição que ele passou a ocupar junto do Fausto. Conta então um episódio com o Fausto: “*eu ‘tava a tentar estudar aqui no quarto e o Fausto no quarto ao lado a por a musica super alta e eu já me estava a passar, então já estava super enervada, saí do quarto aos berros, a dizer que esta casa era uma barulheira infernal e não dava, e depois o Fausto saiu do quarto dele já todo enervado, e assim “ah, baixa já essa música, que senão levas nas trombas” e depois pus-lhe a mão assim bué perto da cara, e depois ele é super alto, e é super largo, e disse assim “ah tu é que levas”, e eu “ah”, meu deus, vou levar uma lambada que vou parar À lua. E depois tipo fiquei cheia de medo e tipo fiz-lhe assim uma cara e fui-me embora.*”. Neste relato nota-se bem que a Amélia faz uma reivindicação fálica, viril, activa e agressiva – “*saí do quarto aos berros, baixa já essa música senão levas nas trombas! (...) pus-lhe a mão bué perto da cara.*”. Aqui se nota que, ao enfrentar o masculino – o *solar* - , a Amélia teme ser enviada de novo para a *Lua*, para o lunar, de volta ao seu lugar feminino, de novo uma princesa. Tal

indicia a existência de uma fixação no substrato da personalidade da Amélia. Assim se vê como as dimensões femininas e masculinas são geridas na interação com os irmãos, que ocupam uma relação mais central na relação feminino-masculino do que as referências e imagos parentais. É interessante notar as diferenças na relação com ambos os irmãos: se na relação com o Rúdi emerge um feminino-materno acentuado, na relação com o Fausto a Amélia parece querer revisitar o seu próprio lugar masculino perdido. Todavia sente-se empurrada de novo para o feminino e para (a tarefa de) ser uma princesa, a encarar a sua falta de atributos masculinos e a investir os elementos femininos no movimento contrário.

Parece então ser essa reivindicação negada de um lugar masculino primordial, aliada a uma relação mais simétrica entre os dois, que é responsável por, no discurso da Amélia, afirmar de várias formas que se dá bem e mal com o Fausto: dá-se *mal* quando ele a remete de volta ao seu lugar feminino – quando a manda para a *Lua* - , quando lhe pede para cozinhar; dá-se *bem* quando fazem *porcarias* juntos, como faziam antes de o Rúdi nascer. A relação com o Fausto parece ser mais marcada por experiências e trocas – *entramos mais em choque porque ele é muito diferente de mim... o Rúdi é mais parecido a mim.*

A entrevistadora pede-lhe que especifique os elementos que tornam o Rúdi mais parecido consigo e a Amélia responde: “*Somos mais calmos, gostamos de ‘tar em casa (...)* gostamos das mesmas coisas (...) *mais parecidos em tudo.*”. Neste momento, na análise em grupo ocorre um equívoco que faz com que metade dos presentes tenham erroneamente percebido que a Amélia estava a falar do Fausto e não do Rúdi. O método FANI privilegia a análise destas ocorrências e incongruências, o que neste caso resultou numa interpretação acerca da natureza da relação entre a Amélia e o Rúdi – algo carregada de alguma coisa excessiva que faz com que a Amélia queira ocupar lugares que não são seus e coloque o Rúdi em lugares que não são dele.

Em seguida enumera num tom reprovador as características que atribui ao masculino do Fausto – “*fala bué alto e depois é bué, é demasiado expansivo (...)* ‘*tá sempre a sair, sempre a ouvir música, tem bué energia (...)* *aquilo é demais.*”. Afirma ainda que conseguem ter conversas normais, por exemplo sobre *comida* – a comida, que ao mesmo tempo simboliza o cuidado de parte a parte e também a transgressão, parece uni-los e possibilitar a sua comunicação. Durante uma boa parte do tempo a Amélia vem clarificando o que a aproxima e afasta do Fausto.

Depois de ter evocado os temas principais, a Amélia faz um desabafo: “*ter voltado para casa é complicado porque eu já saí de casa duas vezes e depois habituo-me a ter as*

*cenar à minha maneira e a 'tar sozinha... e depois quando volto entro sempre em choque.'". Neste momento a Amélia diz que quando está sozinha, longe das relações familiares que a fazem ter de oscilar entre lugares e posições femininas e masculinas por referência aos diferentes elementos da família, está tudo calmo: "sempre tudo bué limpo, também não há ninguém para sujar... sou só eu e eu não faço assim tanta porcaria.". Porém quando volta entra em *choque*, confunde-se com os outros, oscila entre diferentes posições: "aqui é uma barafunda, são imensas pessoas... depois eu enervo-me um bocado com isso" – com não ser capaz de *separar* e ser empurrada constantemente de volta ao seu lugar feminino pelo irmão mais velho.*

A Amélia insiste neste ponto. Antes de o Rúdi nascer era diferente: a Amélia e o Fausto faziam mais coisas juntos – "*Basicamente o Fausto era um reisinho e eu fazia tudo o que ele queria, eu era a súbdita... ele ficava no sofá e dizia-me coisas para eu fazer e eu fazia (...) salta, vai buscar uma manta, vai buscar um copo de água... e eu fazia.*". Assim se vê que desde cedo o Fausto assume para a Amélia um papel organizador.

Um organizador que na mãe a Amélia não consegue encontrar já que ela se dissolve silenciosamente do seu lugar para o ceder à filha, posto que ninguém dá ouvidos às suas queixas – "[a mãe] *queixa-se a toda a hora (...) fugimos (...) os três e ela fica sozinha em casa toda contente (...)*".

Em seguida volta a falar sobre o Fausto e sobre o que os aproxima: a transgressão e o cuidado mútuo. Conta com entusiasmo que o Fausto lhe tinha dito de uma coscuvilhice sobre o assassinio de uma mãe de família conhecido na comunicação social e revela que o Fausto sabia muitos pormenores sobre essa história. Assim, o Fausto parece trazer à tona uma fantasia edipiana feminina de morte da rival e isso surge no discurso da Amélia a colocar de novo o Fausto num lugar de parceiro transgressor como também se verifica nas passagens: "*pede-me cigarros e depois quer fumar comigo... cá em casa (...) quando os meus pais estão a dormir (...) isso é bué arriscado! (...) eu às vezes dou-lhe cerveja. Tenho cerveja escondida aí no quarto.*". Posteriormente narra um episódio em que o Fausto a tentou animar de um desgosto amoroso prestando-lhe cuidados orais – "*aquilo era uma tosta enorme mas eu comi tudo só porque ele tinha feito aquilo para mim... e um copo bué grande de sumo e depois tipo 'tava a ser bué querido para me animar e eu achei isso bué fixe.*".

Em suma na narrativa da Amélia parece ser central a movimentação nos lugares do feminino materno como modo de relacionar-se com os irmãos, particularmente com o Rúdi. No caso do Fausto a relação parece ser mais simétrica e fica em experiências recíprocas de

partilha e transgressão. Porém, também as manifestações de conflitos surgem mais abertamente quando o Fausto tem manifestações fálicas que reenviam a Amélia ao lugar de onde foi expulsa pelo próprio Fausto quando do aparecimento do Rúdi. Assim, o encontrar de um lugar feminino-materno parece ser a saída que a Amélia encontra para estruturar a sua posição. A mãe cede-lhe esse lugar sem resistência e é o pai que a coloca de volta no seu lugar de filha quando a Amélia penetra em dimensões específicas do universo parental.

8.1.2. Fausto

O primeiro elemento que o Fausto (ANEXO B) começa por destacar é a transição do tempo em que eram apenas dois irmãos – *“quando começou éramos só dois... quando nasci era só eu e a minha irmã”* – para o tempo em que passaram a ser três – *“e depois nasceu o puto.”*. Refere de seguida que sempre partilhou o quarto: primeiro com a irmã, depois com o irmão – *“por isso eu sou o mais irmão dos irmãos... há muitos anos que sou irmão.”*. Desta maneira o Fausto apresenta-se como detentor de um lugar especial de placa agregadora na fratria, assunto a que volta vezes várias ao longo da narrativa. Assim, aponta o nascimento do irmão mais novo como o concretizar de um desejo dos dois irmãos mais velhos: *“queríamos bué o puto”*, como se este viesse continuar uma união fraterna que estava estabelecida à partida – *“eu e a minha irmã éramos bué unidos (...)”* e *“[os três] ficámos para sempre bué unidos. Para sempre.”*. Em segunda voz o Fausto revela o poder que confere à união fraterna.

No presente os rapazes partilham o quarto: *“Estamos os dois grandes, o Rúdi ‘tá gigante, não cabemos os dois aqui (...) há dias que vira uma bagunça mas não há guerras sobre o espaço.”*

As guerras existentes são com a irmã, quando ela *“quer arrumar a casa”* e *“não nos deixa em paz”*. Estabelece-se então uma diferenciação entre a irmã, que *“quer tudo arrumado”* e os rapazes, que são *“preguiçosos”*. Nesta altura o Fausto introduz o pai: *“ela fica um bocado chateada e o meu pai também.”*. Desta maneira fornece-nos duas informações: por um lado explicita que apreende a irmã num lugar de função materna, por querer cuidar dos irmãos e da casa; por outro faz notar que o pai intervém de forma a reposicionar cada um nos seus papéis recolocando a irmã no lugar de irmã e não de mãe e os irmãos no lugar de irmão e não de filhos da irmã.

De seguida recorda um episódio com a família alargada em que os três irmãos e os seus primos passeavam e contavam *histórias de terror*. Lembra que o Rúdi, que era de todos o mais novo, contava histórias de terror que considerava assustadoras de uma forma muito engraçada. Assim, o Fausto revela o reconhecimento da imaturidade do irmão mais novo numa atitude de carinho e protecção – “*vai ser sempre o nosso protegido*” –, o que configura o reconhecimento da triangulação. Ao relato a entrevistadora comenta “*ele é um bocado mais novo do que vocês...*”, ao que o Fausto responde: “*exponencial... eu para a minha irmã é três e para ele é seis, e ele para a minha irmã é nove. É na base do três e somos três!*” – referindo-se simbolicamente à triangulação.

A entrevistadora interrogou depois se o Fausto se recordaria de como fora quando souberam que iam ter um irmão e o Fausto afirma que se tratava de um desejo já antigo, seu e da sua irmã – “*(...) já estávamos a pedir há bué tempo* –, que não interessava o género e que o nascimento do Rúdi foi o concretizar desse desejo – “*ai, foi uma festa...*”. Porém, de seguida refere apenas o seu contentamento – “*lembro-me (...) de eu ter ficado bué feliz, ah, vou ter irmão, bué fixe, o Rúdizinho...*”. Assim não se torna claro se o contentamento da Amélia foi tão grande quanto o do Fausto ou se o Fausto recorre à irmã e à triangulação para afirmar a formulação do desejo mas não sente necessidade de a evocar na expressão da satisfação.

Além de o desejo fraterno ser suficientemente poderoso para se poder concretizar, são os irmãos que escolhem o nome do mais novo. Nesta sequência é possível notar os poderes que o Fausto atribui à fratria: deseja um irmão e ele aparece; escolhe um nome e é esse o nome do irmão. Diz ainda: “*Pronto, nasceu o Rúdizinho, o alemão (...) ele era loirinho e todo branquinho...*”. Desta maneira coloca o Rúdi numa posição estrangeira em relação a si e à irmã mais velha. Este movimento já tinha ocorrido em relação à irmã no princípio da narrativa quando o Fausto refere que a irmã “*quer sempre arrumar*” e que ele e o irmão são mais “*preguiçosos*”. Assim, o Fausto evidencia que além da relação triangular na fratria, existem relações diádicas, cada uma com a sua especificidade.

Em seguida volta ao conjunto fraterno e cita actividades que os três gostam de fazer juntos, como ver televisão. Apesar disso reclama que os irmãos estão sempre a “*mexer nos telefones*”. Com esta referência o Fausto volta a explicitar o seu lugar de placa agregadora, (“*o mais irmão dos irmãos*”) o único que não fica a “*mexer no telefone*”, que tem a missão dos irmãos e manter a simetria fraterna. Afirma que quando eram mais novos faziam mais coisas juntos. Posteriormente declara ter existido um período em que ficou “*um bocado mais*

de fora e eles ficaram mais juntos” e, agora que voltou, estão os três *“mais juntos outra vez”*. Já havia reconhecido a sua relação com o Rúdi separada da Amélia e a sua relação com a Amélia separada do Rúdi e agora evoca a relação do Rúdi e da Amélia separados de si. Ao mesmo tempo que reconhece a triangulação reafirma-se como elemento unificador da fratria. Assim declara que a fratria não se constitui como lugar fechado, embora exclusivo. É um lugar que permite a relação dos três em conjunto, mas também as relações diádicas dos três dois a dois e relações externas. Numa altura, o Fausto *“saiu”* e agora é a Amélia – *“que já tem namorado”* – que passa mais tempo fora.

Neste momento o Fausto acompanha mais o irmão e dá-lhe *“umas dicas”* ao mesmo tempo que trocam experiências – *“temos mais interesses em comum (...) já dá para conversar”*. Mais ainda, refere que agora que a irmã passa mais tempo fora, ele e o Rúdi podem falar de assuntos de homem, os tais assuntos que têm em comum – *“basquete, miúdas...”* – e em que a Amélia não deve penetrar.

De notar que tanto a Amélia como o Fausto afirmam ter uma relação mais próxima com o Rúdi do que entre si. O Fausto afirma que é muito diferente da Amélia, contudo gostam muito um do outro. Descreve a irmã como *“bué extremista, ou ‘tá bué alegre ou ‘tá bué mal humorada”*, características que atribui ao universo feminino indiscriminadamente – *“isso é normal nas mulheres, são bué extremistas mesmo.”*. Qualifica-a como *“brincalhona”* e *“paranóica com as limpezas”*, e esse elemento é responsável por ele e ela andarem *“às turras”*. Neste momento o Fausto coloca a mãe e refere que ela e a Amélia *“andam sempre às turras”*. Em surdina o Fausto parece dizer que existe uma dissonância entre as duas, o que parece dever-se às investidas da Amélia de ocupar o lugar materno.

Depois de se referir aos irmãos o Fausto vai de novo reforçar o seu papel de eixo agregador, uma vez que agora estão todos mais unidos novamente porque ele *“voltou para casa”* e mostra-nos como é para si o lugar fraterno – um lugar de calma ao qual pode regressar: *“Já vi o que tinha a ver no mundo, agora posso voltar para casa.”* É com satisfação que explica que vê esse processo de *“ver o mundo”* como algo em que o Rúdi agora começa a entrar e que pode contar consigo para lhe pedir conselhos.

Com efeito, o Fausto sente-se como o irmão mais velho, *“o homem da casa, o protector”* da fratria. Tanto ele como a irmã Amélia aparecem no seu discurso como dotados de características que os tornam protectores e cuidadores numa distribuição de tarefas que não se sobrepõem entre si. Porém, refere ultrapassar a irmã quando se define como o mais velho, coisa que nem sempre foi dessa forma: quando eram mais novos, a irmã era a mais velha entre

os dois e ele seguia-a, “*andava atrás dela*”. Quando começa a caminha no sentido de uma maturidade física e psíquica, o Fausto torna-se o mais velho na fratria.

No seguimento da auto-referência no lugar de “*homem da casa*”, o Fausto evoca o pai: “*o meu pai é um elo de ligação. O meu pai basicamente é o elo de ligação de tudo (...) gosta bué da gente. O amor do gajo une-nos bué. Dá para nós e para tudo (...)*”. Neste momento final o Fausto identifica-se claramente ao paterno unificador, “*protector*” e “*homem da casa*”.

Na sua última intervenção refere que o irmão está muito crescido – “*a gente vai em negação até um dia que é tipo... ‘pá, afinal o gajo ‘tá mesmo grande (...) afinal o gajo cresceu, sim senhor. Fogo... ‘tá mesmo grande o miúdo.*”. Assim o Fausto afirma e reafirma um reconhecimento de que o Rúdi abandonou a posição inicial de bebé dos irmãos e que a sua própria posição também é diferente: ao crescerem, os papéis de todos redefinem-se.

Em poucas palavras o Fausto surge como eixo agregador na fratria, lugar que concebe como lugar de possibilidade de relação triangular entre os três numa identificação ao papel do pai. Esse lugar fá-lo posicionar-se como protector da fratria, “irmão mais velho”, “homem da casa” e modelo para o irmão mais novo.

8.1.3. Rúdi

No princípio da sua entrevista o Rúdi (ANEXO C) assevera a boa relação que têm todos – “*a minha relação com os meus irmãos é boa, nós sempre tivemos uma boa relação desde há muito tempo.*”. É curioso notar que o Rúdi se refere à sua relação com os seus irmãos – “*a minha relação com os meus irmãos*” – como se num lugar distinto do lugar dos irmãos se encontrasse. Em seguida esclarece isso mesmo. Diz ser o mais novo e fala sobre os privilégios de o ser – “*eu sou o mais novo (...) acho que é o melhor, eu gosto mais de ser o mais novo (...) sou o mais mimado da casa.*”. Assim o Rúdi destaca desde logo um lugar privilegiado que é seu, assumido por si, e que adquire particular relevância na relação com o Fausto, a que ele se refere logo em seguida – “*(...) pelo meu irmão sou eu que levo a porrada... mas não faz mal, eu gosto também de levar porradinhas (...) Eu começo a brincar e ele depois começa a entrar na brincadeira, é sempre assim. Mas é bom, eu gosto. Faz parte do ser irmão.*”. Ao falar desta maneira o Rúdi revela a importância da troca de experiências paritárias com o irmão e coloca ambos num espaço de partilha recíproca que é reforçado

quando o Rúdi desenvolve o que é “*ser irmão*” e diz: “*É partilhar muita coisa, partilhar o amor entre os dois, entre os três neste caso.*”. Este lapso que o Rúdi produziu tem de ser visto na sequência em que ocorre: depois de falar no seu lugar privilegiado na família e da relação com o irmão, pautada pela partilha de experiência e pela troca. Parece então que a Amália não se configura nessa concepção fraterna, o que faz com que não seja incluída nela em primeira instância.

Está claramente feita uma disjunção entre ambos os irmãos de que o Rúdi vai melhor clarificando os contornos. Conta um episódio que afirma tê-lo marcado muito – “*uma história que eu nunca me esqueci, desde os quatro anos*” – que viveu com o Fausto: “*fomos ao Lidl comprar bolachas de chocolate e ficámos a andar na rua a comer.*”. Neste relato transparece uma relação simétrica entre os dois em que *vão juntos a andar*. Esse relato distingue-se claramente do relato onde se refere à Amélia: “*foi buscar-me para irmos ao McDonalds almoçar e eu adorava.*”. Se, por um lado, o Rúdi vai junto com o Fausto, no caso da Amélia é diferente: ela vai “*buscá-lo*” e o Rúdi vai “*com ela*”. Essa forma de representar a irmã, como alguém que o “*vai buscar*”, vai solicitá-lo, parece não se alterar quando o Rúdi evoca episódios vividos pelos três em conjunto: “*Nós de vez em quando saímos com o carro, a minha irmã conduz e vamos dar umas voltas.*”. O Rúdi segue dizendo que gosta de estar com os irmãos e que todos gostam de estar juntos. Esse tipo de alusão de valência positiva às qualidades da fratria motivou a entrevistadora na formulação de uma pergunta que pretendia perceber se o conflito é reconhecido na fratria e se pode ser elaborado. – “*Então e alguma vez se zangaram?*”; O Rúdi respondeu: “*acontece muitas vezes nós estarmos em casa e acontecer alguma coisa.*”. Refere-se assim ao conflito de uma forma muito vaga, como “*alguma coisa (...) porque alguém não lava o prato ou não arrumou alguma coisa.*”.

Em seguida, por associação, o Rúdi vai contar um episódio porventura conflitual: “*a minha irmã comprou para mim e para o meu irmão um pacote de um quilo de gomas para os dois e nós adorámos só que enjoámos logo...*”. Este episódio compõe-se como uma continuação das referências distintas a um e outro irmão. O Fausto surge novamente como um igual, enquanto a Amélia surge como prestadora de cuidados. Porém as suas preocupações e solicitações, apesar de serem bem recebidas, tendem a ser exageradas, fazem os rapazes “*enjoar*”.

Por oposição fala no irmão de novo, colocando-o num lugar de simetria – “*saímos de casa para ir jogar basquete*” – no seio do qual se criam oportunidades de enriquecimento, admiração – “*eu aprendo com ele, ele joga muito bem...*”. De novo introduz uma separação

entre o Fausto e a Amélia: *“Eu gosto muito de sair com o Fausto e com a Amélia também, claro, mas nós fazemos isso menos vezes porque ela tem de estudar...”* – como se colocasse no exterior a responsabilidade de não (gostar de) sair tantas vezes com a Amélia e resolvesse assim essa questão.

Depois de separar efectua um movimento de aproximação entre ambos os irmãos, mencionando as qualidades que aprecia em cada um deles: *“eu gosto de dizer que a minha irmã é inteligente porque o meu irmão é bom no desporto.”*. Identifica o masculino e o viril ao irmão claramente. Em seguida refere as suas próprias qualidades: *“Sou bom no basquete e depois na escola sou bom em Geografia e Matemática.”*. O Rúdi tem qualidades de ambos os irmãos: a inteligência e a perícia desportiva.

Em seguida volta a falar sobre a qualidade da relação fraterna por comparação a outros irmãos que imagina, que *“estão sempre a discutir... nunca se falam em casa.”* o que autoriza a pensar que talvez esteja a deslocar conteúdos que apreende como pertencentes à relação dos pais para outros irmãos. Permitimo-nos pensar isso uma vez que de seguida o Rúdi refere que os irmãos aprenderam a dar-se bem *“ao longo do tempo”* através dos pais, que sempre os ensinaram a viver uns com os outros. Este apelo ao parental como transmissor da unidade na fratria parece conter um elemento de contra posição ao estilo paterno.

Por outro lado, estes irmãos na experiência de Rúdi só entram em conflito por causa das *“tarefas de casa”* e isso acontece agora que estão *“todos mais crescidos”* – *“quando éramos pequenos não tínhamos de fazer.”*. Desta maneira o Rúdi marca uma distinção entre um tempo em que *“eram pequenos”* e não havia discussões sobre as tarefas e um tempo presente em que estão *“mais crescidos”* e têm de distribuir as tarefas. Os elementos que traz à tona depois vêm esclarecer o significado destas tarefas e, por conseguinte, a natureza dos conflitos: *“ainda há bocado a minha irmã ‘tava a reclamar porque tinha de separar as roupas de toda a gente e ninguém lhe ajudava...”*. Com este exemplo o Rúdi clarifica inequivocamente o problema: a irmã não sabe separar as roupas, não sabe o que pertence a cada um, que é o mesmo que dizer que não sabe onde pertence cada um, qual o seu lugar e qual o seu papel. Esboça um reconhecimento de que é a partir da fratria que ela se organiza: *“ela foi-me perguntando de quem eram as coisas para poder separar.”*

Ao longo da narrativa o Rúdi dá conta de um lugar na família, o seu, que em certa parte é imaculado: com ele ninguém discute, é *“o mais mimado da casa”*, é ele quem *“ajuda a irmã a separar”*. Mais ainda, refere que entre os homens há poucas discussões, mas a mãe e a irmã *“têm muitas”*. Assim, o Rúdi identifica-se ao masculino que identifica como pacífico e

distingue-o do feminino, um lugar mais tumultuoso do qual prefere afastar-se: “*não sei porquê, nunca reparo, não percebo porquê.*”.

Em seguida, como quem pretende encontrar uma saída, refere-se ao tempo futuro e projecta uma boa relação, em que se poderão ajudar os três “*se algo correr mal*” e vislumbra a fratria no futuro: imagina que a irmã vai ser “*muito trabalhadora*” e o irmão vai ser “*normal*”, isto é, facilmente ultrapassável (por si), já que ele próprio se antevê como “*milionário*”.

O Rúdi introduz ainda um novo elemento ao referir que os irmãos implicam “*uns com os outros por causa dos namorados.*”. Da ideia que os namorados serão um elemento separador na fratria, na sua visão, que se por um lado abanam a unidade original que a fratria vem mantendo, vem no mesmo movimento ajudar a redistribuir os papéis. Essa ideia está contida no discurso do Rúdi quando diz em relação ao namorado da irmã: “*começamos a perguntar quando é que ele vem cá a casa e se ele tem muito dinheiro*”. Podemos pensar que o Rúdi questiona se esse namorado terá dinheiro suficiente – qualidades suficientes – para levar a irmã e essa ideia é reforçada pela referência ao casamento.

Depois fala de como a família “*implica*” consigo: “*O Fausto viu-me a falar com uma miúda e ficou todo o ano e os meus pais também começavam e a minha irmã também.*”. Mas aclara: “*o meu irmão é que começou a dizer que ela era minha namorada.*”. Assim o Rúdi identifica o Fausto como a pessoa que nesta situação o retira de um lugar de inocência e o orienta para a procura de novos objectos na adolescência. O Rúdi achou “*engraçado*” mas também “*irritante*”. Com efeito, crescer envolve o abandono de um lugar infantil para ele privilegiado e a constituição de um novo lugar face a si e face aos outros.

Em suma o Rúdi vem caracterizando uma relação forte com os irmãos na qual tem um papel favorecido. O irmão é visto como um modelo a seguir e a ultrapassar, veículo de representações do masculino, e a irmã como um equivalente materno cujo lugar parece ser mais vago e menos interessante para si.

8.2. Análise dos grandes temas na fratria Maia

Da leitura das entrevistas da Amélia, do Fausto e do Rúdi parecem sobressair três grandes temas. Esses temas, apesar de sobreponíveis em certos momentos, são claramente distintos e desenrolam-se em torno dos lugares onde a fratria é colocada por cada um dos

membros em separado e por todos em conjunto. Os temas são delimitados a partir de três lugares que a análise do discurso deixa intuir: lugar de experienciação mútua onde cada um face a si próprio e aos outros adquire posicionamentos específicos que estruturam e são estruturados pela fratria numa lógica de distribuição complementar de papéis; lugar de expressões do Feminino e do Masculino; lugar a partir do qual se relacionam com as imagos parentais em movimentos que oscilam entre o pólo da identificação e o pólo da complementaridade.

8.2.1. Ocupação complementar de papéis

A Amélia, o Fausto e o Rúdi iniciam as suas narrativas os três com apontamentos evidentes à união fraterna. A Amélia afirma: *“Nós somos bué unidos. Nós damo-nos bué bem, em tudo.”*. No discurso do Fausto as referências são veementes: *“Ficámos para sempre bué unidos, para sempre (...) damo-nos sempre bem, eu sinceramente acho que a nossa relação de irmãos é muito melhor do que muitas outras, tipo somos bué unidos, ‘tás a ver, a família em geral, não é só entre irmãos.”*. O Rúdi fala no mesmo sentido e coloca a relação fraterna no tempo: *“A minha relação com os meus irmãos é boa, nós sempre tivemos uma boa relação desde há muito tempo.”*.

Nestes tempos iniciais das narrativas cada irmão esboça em surdina o seu lugar que posteriormente se vai configurar num papel. A Amélia, logo depois de mencionar a união (*“somos bué unidos”*) total (*“em tudo”*), evoca a existência de alguns desacertos: *“depois há alguns conflitos (...) chateio-me um bocado com o Fausto (...) ele é um bocado preguiçoso e não ajuda muito (...) acho que ele já tem uma idade mais próxima da minha e devia ajudar um bocado mais cá em casa.”*. Desta forma a Amélia lança sobre o Fausto a responsabilidade dos conflitos que sombreiam a primeiramente aclamada união total. No mesmo movimento a Amélia fala-nos do lugar que ocupa em relação aos irmãos: um lugar semi-assimétrico e de alguma maneira distanciado dos rapazes. Um lugar ao qual o Fausto deveria aderir em vez de a deixar sozinha nele, uma vez que *“tem uma idade mais próxima”* da Amélia e *“devia ajudar um bocado mais”*.

Por sua vez, o Fausto posiciona-se num outro lugar. Afiança também a união entre os irmãos mas alarga-a à restante família, cumprindo activamente através do discurso o papel que em segunda voz comunica quando no início da entrevista conta: *“(...) eu sou o mais irmão dos irmãos... há muitos anos que sou irmão”* – o papel de placa agregadora. Esse papel

é reconhecido e reafirmado pela Amélia quando refere que o Fausto “*gosta bué tipo de fazer coisas só de irmãos, ele pensa em fazer jantares tipo só de irmãos (...) ele puxa bué por esse lado.*”. “*Esse lado*” é o “*lado*” de unir os três entre si, já que quando a Amélia pede que o Fausto se una a si naquele lugar semi-assimétrico onde ela se posiciona, ele não adere.

As investidas que a Amélia põe em marcha para se unir ao Rúdi são de outra ordem e inscrevem-se num nível de satisfação de cuidados onde adota uma postura quase maternal e ao mesmo tempo sedutora para com o irmão mais novo: “*(...) quando ‘tamos os dois sozinhos em casa, tipo para almoçarmos os dois ou nas férias, tipo ponho uma mesa bué bonita, com velas e tudo, tudo bué arranjadinho, e depois faço tipo um prato e tal para almoçarmos.*”. A aproximação por esse meio parece resultar quando são apenas eles os dois, a Amélia e o Rúdi. Quando o Fausto está presente, a união dual da Amélia e do Rúdi é trocada pela união dual entre o Fausto e o Rúdi: “*(...) quando o Fausto ‘tá não dá para fazer, porque tipo, ele quer sempre comer a ver televisão e depois o Rúdi vai atrás dele e fazem uma javardice no sofá.*” Em face das tentativas fracassadas da Amélia para trazer para junto de si cada um dos irmãos em separado, parece acentuar-se um papel superegóico mais referenciado a um lugar parental do que paritário.

O Rúdi reporta-se à relação fraterna de uma forma peculiar: “*a minha relação com os meus irmãos*”, transparecendo assim um lugar eminentemente exclusivo que o próprio vai pontuando ao longo do discurso: “*sou o mais mimado da casa*”. Esse lugar permite-lhe “*escapar*” às obrigações, ou seja, à emergência de conflitos: “*Como era o mais novinho (...) ‘tava com preguiça e era muito fofinho (...) de vez em quando ainda me safo de algumas (...) no futuro imagino-me um milionário.*”. Esse lugar também é reservado ao Rúdi pelos irmãos. A Amélia descreve-o quando nasceu desta maneira: “*(...) ele era tão lindo e tão perfeito (...) gordinho, era lindo. Uma bebé mesmo lindo.*”. O Fausto diz: “*(...) nasceu o Rúdizinho, o alemão (...) era loirinho e todo branquinho.*”.

A Amélia conta um episódio que transparece a atribuição ao irmão mais novo desse mesmo lugar estrangeiro: “*(...) eu virei-me assim e disse «Ó Rúdi, sabias que tu não foste planeado?» - e ele virou-se assim: «Eu não fui planeado mas sou o preferido de toda a gente cá em casa.» E eu fiquei parva a olhar para ele, porque ainda por cima eu acho que isso é verdade (...) ele tem resposta para tudo!*”. Ao narrar este episódio a Amélia volta a posicionar o Rúdi num lugar apartado, um lugar apartado de si e do Fausto, um lugar especial. O Rúdi é aquele que “*tem resposta para tudo*”, é o “*preferido*”, o que vinha fora do plano. Fora do plano da Amélia de ser uno com o Fausto: “*(...) eu e o Fausto (...) metíamo-nos na*

cozinha e dizíamos que íamos fazer experiências e depois pegávamos tipo nos temperos todos que existiam, metíamos um bocado de cada um para dentro de um copo e mexíamos, ‘tás a ver? (...) agora o Fausto e o Rúdi é que têm bué cumplicidade (...) basicamente de fazerem merda (...) pregarem partidas e partirem coisas (...) porcarias, pronto, e eu não quero saber disso, então fico ali a ler o meu livrinho (...) só fazem porcaria, a sério.’”.

Neste relato extensivo a Amélia estabelece claramente uma diferenciação entre o tempo em que era apenas ela e o Fausto – época em que os dois faziam experiências, faziam “*porcarias*” como aquelas que o Rúdi e o Fausto agora fazem – e o tempo presente. Hoje são os irmãos que fazem “*porcarias*” e a Amélia fica à parte como quem “*não quer saber*” o que se passa na relação entre os irmãos – ou como quem transforma a vontade de saber no seu contrário – e fica “*ali a ler (...) livrinho*”. A Amélia num lado, o Fausto e o Rúdi noutro. Esta separação também surge no discurso do Fausto: “*agora sou eu que acompanho mais o mano*”.

A forma que a Amélia encontra de se ligar aos rapazes em conjunto, de maneira a ficarem os três no *mesmo lado* parece ser através do investimento na satisfação de cuidados orais. Afirma: “*criamos bué laços tipo à volta da comida porque eu adoro cozinhar e eles adoram comer*”. Contudo, essa fome de se ligar aos rapazes e de defender o lugar que é seu, que ela criou para si e onde os rapazes a recebem, tende, em algumas alturas, a ser excessiva. No dizer do Rúdi: “*(...) a minha irmã comprou para mim e para o meu irmão um pacote de um quilo de gomas para os dois e nós adorámos, só que enjoámos logo...*”.

Também o Fausto identifica a diferença entre um tempo em que eram só dois e o tempo em que passaram a ser três: “*Quando começou éramos só dois... quando eu nasci era só eu e a minha irmã (...) nós fazíamos bué de cenas, éramos só eu e ela no mesmo quarto.*”. Esta união entre os irmãos parece dotá-los, para o Fausto, de um poder que transcende cada um deles em separado – o poder de pedir, e receber, um irmão: “*Foi uma festa... já estávamos a pedir há bué da tempo (...) Queremos um irmão, queremos um irmão, queremos um irmão, queremos um irmão (...) e depois nós é que escolhemos o nome!*”. Quando o Rúdi nasce: “*fiquei eu e o meu irmão.*”. Ao falar sobre a divisão do espaço físico, o Fausto parece também falar de um lugar que a Amélia ocupava junto dele e quando o Rúdi apareceu passou a ser ocupado por ele. Provavelmente trata-se de um lugar de identificações mútuas, um lugar que a Amélia não poderia jamais ocupar após o aparecimento do Rúdi: um lugar masculino. Este assunto será explorado no seguinte ponto do trabalho.

Ao fim deste primeiro *tema* percebemos que as forças da união fraterna se edificam em torno de uma distribuição de papéis complementar. A Amélia surge como um equivalente parental, o Fausto como um eixo agregador e o Rúdi como um elemento estrangeiro. A fratria é um lugar de união e partilha onde além de existir um espírito conjunto, os irmãos podem coexistir cada um na sua individualidade e cada qual reconhece a necessidade dos outros de relações duais e exclusivas entre si e também de ter relações fora da fratria.

8.2.2. Expressões do Feminino e do Masculino

As experiências vividas pelos irmãos no seio desta fratria parecem desempenhar um importante papel naquilo que diz respeito à expressão e movimentação das dinâmicas do Feminino e do Masculino.

No caso da Amélia é muito evidente a separação entre a altura em que eram apenas a Amélia e o Fausto, que faziam “*porcarias*” juntos, que estavam “*sempre juntos*” e faziam “*muitas coisas*” juntos e a altura em que passaram a ser os três. Com efeito, o nascimento do irmão parece não ter sido recebido da mesma maneira pela Amélia como foi pelo Fausto, numa atmosfera festiva e celebrante. Já sabemos que, apesar de o Fausto afirmar que ambos desejaram muito o irmão, no dizer da Amélia o Rúdi não fazia parte do (seu) plano. Também não fazia parte do (seu) plano o Rúdi nascer rapaz, já que a Amélia “*queria que fosse uma menina*”. Apesar de o Fausto dizer que não tinha preferência quanto ao género do irmão, a Amélia refere que o Fausto “*queria que fosse um rapaz*”. Continua: “*depois nós descobrimos que era um rapaz e eu fiquei bué chateada (...) até chorei e tudo.*”. Assim, no entender da Amélia, o Rúdi foi a concretização do desejo do Fausto: nasceu para ser um irmão para o Fausto, já que ela própria era uma irmã. A Amélia parece ter vivido essa transição da fratria de dois para a fratria de três como a transição para uma fratria de dois mais um em que ela se vê obrigada a abandonar um lugar masculino inicial que ocupava junto do Fausto. Refere logo em seguida: “*o meu pai incutiu-me uma ideia dessas que eu ia ser a única neta da minha avó, a única rapariga da casa, a princesa da família...*” como se a solução possível para esse luto do seu lugar masculino inicial fosse tornar-se a “*princesa da família*”. Quando interrogada sobre o significado de ser a *princesa da família*, diz: “*(...) tenho mais cenas para fazer, tipo limpar e não sei quê, mas tipo também sou a menina da casa e fazem-me as vontades.*”. É curioso notar que a Amélia coloca como definição de *princesa* o cuidado com as limpezas e

com a casa, o que vai no sentido de ter sido essa a solução por si encontrada. Deste modo a Amélia revela-nos que a constituição desse lugar de princesa foi levado a cabo por si como solução para conservar o seu lugar na fratria, num papel de feminino-materno cuidador dos irmãos-filhos. Considerações relativas a este aspecto serão tecidas na seguinte secção do trabalho. Esse lugar é mantido na relação com o Rúdi – foi, aliás, constituído a partir do Rúdi: *“o Rúdi sabe que eu faço tudo o que ele quer (...) o Fausto pode sentir-se de parte... não é eu gostar mais de um do que do outro, só que eu dou-me melhor com o Rúdi.”*. Nesta intervenção a Amélia parece fazer uma identificação ao Fausto. Quando sugere que *“o Fausto pode sentir-se de parte”* parece estar a dizer que o Fausto pode sentir-se como ela se sentiu quando o Rúdi apareceu e o Fausto passou a ter *“mais cumplicidade”* com o irmão do que com ela.

No caso da relação entre a Amélia e o Fausto é bem diferente: *“temos uma relação mais tipo de igual, nós falamos tipo das nossas coisas.”*. Não só, também transgridem juntos as regras: *“O Fausto pede-me cigarros e depois quer fumar comigo cá em casa, mas eu não fumo cá em casa... ele quer fumar enquanto os meus pais ‘tão a dormir, mas eu não consigo! (...) isso é bué arriscado! (...) e eu às vezes dou-lhe cerveja (...) ele fica bué contente.”*. O conflito entre os dois surge quando o Fausto, aos olhos da Amélia, exagera nas expressões da sua masculinidade: *“(...) fala bué alto e depois é bué, é demasiado expansivo, e depois eu fico... aquilo é demais para mim, ‘tá sempre a sair, ‘tá sempre a falar, ‘tá sempre a ouvir música, tem bué energia, e eu fico... aquilo é demais, não sei.”*

Nessas alturas a Amélia parece pôr em marcha reivindicações fálicas como tentativas de penetrar de novo no seu lugar inicial, mas essas tentativas não são bem recebidas pelo Fausto: *“Uma vez que eu ‘tava a tentar estudar aqui no quarto e o Fausto no quarto ao lado a pôr a música super alta e eu já me ‘tava a passar, então já ‘tava super enervada, saí do quarto aos berros a dizer que esta casa era uma barulheira infernal e não dava, e depois o Fausto saiu do quarto dele já todo enervado e eu disse assim: «Baixa já essa música senão levás nas trombas!» e depois pus-lhe a mão assim bué perto da cara e depois ele é super alto e super largo e disse assim: «Tu é que levás!» - e eu: «Ah! Meu Deus! Vou levar uma lambada que vou parar à Lua!».”*. O Fausto, o elemento Solar, reenvia a Amélia de volta ao feminino, ao lunar. Assim o Fausto demonstra cumprir um papel organizador para a Amélia transportando-a de volta ao seu (novo) lugar e para fora do lugar que não é dela, mas onde por vezes ela gostaria de voltar a pertencer.

Em certos momentos a gestão dos papéis e dos lugares entre si e os irmãos – entre o feminino e o masculino – são difíceis. A Amélia refere: “(...) *entro sempre em choque. Sempre por causa das arrumações e da limpeza, é sempre a mesma coisa (...) quando moro sozinha ‘tá sempre tudo bué limpo, também não há ninguém para sujar (...) e aqui é uma barafunda, são imensas pessoas... depois eu enervo-me um bocado com isso.*”. A Amélia quer ter as posições e as relações arrumadas na sua cabeça, mas em casa, na proximidade dos pais e dos irmãos, torna-se difícil, por oposição à paz – “*arrumação*”, “*limpeza*”, “*silêncio*” – que sente quando está sozinha. Ali, em casa, torna-se difícil de separar as coisas, perceber e aceitar qual o seu lugar. O Rúdi capta isso: “(...) *a minha irmã ‘tava a reclamar porque tinha de separar as roupas de toda a gente e ninguém lhe ajudava (...) eu sentei-me no sofá e ela foi-me perguntando de quem eram as coisas para poder separar.*”. Assim se vê como a Amélia precisa de “*ajuda*” para “*separar*” os conteúdos que são da relação com os pais dos que são da relação com os irmãos. O Rúdi, à semelhança do Fausto, parece também cumprir um papel organizador quando a “*ajuda*” a “*separar*” a “*roupa*”.

Todavia, apesar das vicissitudes aparentes que ser a “*princesa da família*” colocam, a Amélia afirma que não gostaria de ter uma irmã: “(...) *se ela fosse tipo com a personalidade parecida à minha e à dos meus irmãos, eu ia entrar bué em choque com ela (...) eu ‘tou bem assim, não quero nenhuma irmã, ‘tou bem assim, sou a princesa da casa.*”. Não é de estranhar que a Amélia, que tão arditamente teceu e reteceu para si esse lugar impenetrável a partir do qual consegue relacionar-se com os irmãos – numa ocupação do lugar da mãe, é certo –, não quisesse mais uma irmã, que poderia vir a colocar em causa o seu lugar na fratria.

Entre os rapazes o encaixe dos lugares e dos papéis parece ser mais pacífico e assente em experiências de reciprocidade e troca mútua em que o mais novo fica feliz por poder aprender com o mais velho e o mais velho participa e contenta-se com o crescimento do mais novo. O Rúdi refere, no início da narrativa, uma característica importante desta relação com o Fausto quando conta: “(...) *eu tinha para aí quatro anos (...) saímos para comprar bolachas de chocolate e uma fanta e ficámos a andar na rua a comer (...)*”. No discurso do Rúdi transparece uma relação recíproca em que ambos vão “*a andar na rua*”, lado-a-lado. O Fausto também se refere a essa característica da relação de ambos quando diz: “(...) *já temos mais interesses em comum (...)* [o Rúdi] *já sabe ver um rabinho, já dá para conversar.*”. Assim, o apreciar das raparigas, um elemento masculino, agora partilhado entre os rapazes parece permitir a ambos expressar-se nesse lugar e participar na construção um do outro. Essa relação tem espaço para a diferença de idades num registo gratificante e saudável para ambas

as partes. As expressões do masculino do Fausto, como ser *“bom no desporto”* parecem ser captadas pelo Rúdi – *“aprendo muito com ele”*. Quando afirma que aprende muito com o irmão o Rúdi está a enunciar que se identifica com ele. Continua: *“(…) gosto de ‘tar com ele, nós muitas vezes saímos de casa para ir jogar basquete. Eu gosto porque aprendo muito com ele, ele joga muito bem.”*. O Fausto constitui-se, para o Rúdi, como um exemplo a seguir e a par com quem se construir: *“eu sempre achei que ele jogasse muito bem, ele era o meu irmão mais velho, eu ficava orgulhoso (...) a querer um dia ser como ele, ou melhor (...) em um tempo eu já lhe apanho.”*.

Por seu turno o Fausto aceita e gratifica o crescimento do irmão e as expressões do masculino: *“(…) ainda por cima joga de selecção (...) ‘tou a ver que o miúdo ‘tá-lhe a dar bem... fico contente (...) sangue do meu sangue. Sempre orgulhoso.”*. Não só o gratifica como também participa nele: *“(…) eu acompanho (...) o mano no basquete (...) dar umas dicas (...) se ele precisar de umas dicas já sabe.”*. O Fausto participa no crescimento do Rúdi dando-lhe *“dicas”* sobre a constituição do seu masculino, *“sobre miúdas e tal”*. Esse movimento do Fausto em direcção ao Rúdi é percebido pelo Rúdi quando conta: *“o meu irmão começou a dizer que ela era minha namorada.”*.

Assim, na fratria Maia, o Fausto parece convidar o Rúdi à identificação ao masculino. Este movimento tem derivações em ambos: no Fausto, que se oferece como modelo de identificação; no Rúdi, que se identifica e se tenta diferenciar do irmão, superando as suas capacidades. Este lugar exclusivo aos rapazes leva a Amélia a estabelecer(-se n)um lugar feminino em certa medida sobreposto ao da mãe, lugar que terá constituído como possibilidade para o luto do lugar inicial.

8.2.3. Relação com as imagos parentais

No desenrolar das narrativas dos três irmãos sobressai uma ocupação de lugares relativamente às imagos parentais que pendem ora para o pólo da identificação, ora para o pólo da complementaridade. O equilíbrio da constelação fraterna na relação com as imagos parentais parece então estabelecer-se numa área entre esses dois terrenos, com incursões por vezes simultâneas num e noutra.

Vejamos o caso da Amélia. Começa a sua narrativa destacando(-se n)a sua posição de *dona* da casa: é ela quem parece assumir o comando das tarefas domésticas na fratria: dos

irmãos, é ela quem melhor desempenha esse papel, apesar de nem sempre ter a ajuda devida: “(...) chateio-me um bocado com o Fausto (...) acho que ele é um bocado preguiçoso e não ajuda muito.”; “(...) digo-lhe que ele tem de ajudar, até o Rúdi (...) ajuda mais do que ele.”

Amélia coloca-se num lugar materno onde desempenha funções referenciáveis ao lugar materno. Os irmãos reconhecem-lhe esse lugar, mesmo a par com o pai. Fausto diz: “*Eu e o meu irmão somos bué preguiçosos (...) deixamos tudo desarrumado e ela tem de ir, quer que fiquem as coisas arrumadas, e depois ela sofre um bocadinho porque quer tudo arrumado e a gente não liga (...) quando o monopólio da arrumação é dela, ela fica um bocado chateada e o meu pai também.*”

Neste movimento, em que a Amélia parece progressivamente ocupar um lugar materno em relação aos irmãos, ela clarifica melhor ainda o seu lugar: “(...) *eu sou a mais velha, então tenho de cuidar deles... mesmo que a minha mãe não ligue, eu já sei o que eles vão pedir...*”. Mais do que desempenhar o papel de cuidar da casa melhor que os irmãos, a Amélia cuida melhor dos irmãos do que a própria mãe: acaba por substituí-la. Porém, esta *substituição* não resulta apenas de um movimento activo da Amélia: por outro lado, este movimento activo enlaça no movimento contrário da mãe, que ela própria se retira. No dizer da Amélia: *A nossa mãe tipo ‘tá-se a queixar a toda a hora... e nós «ah, vamos fugir daqui, vamos comer um gelado!» e depois vamos só os quatro e a minha mãe fica aqui sozinha, toda contente (...) sem ninguém a chatear.*

Assim se intui que a mãe autoriza que a filha ocupe o seu lugar. Por seu turno a mãe, complementarmente, parece ocupar-se de áreas de que a Amélia não se ocupa, como o seu feminino: “(...) *a minha mãe gasta mais dinheiro em mim, tipo em roupa e produtos, tipo cosméticos e assim porque ela quer tipo que eu seja uma princesa bué arranjadinha porque sou a única filha, e ‘tá sempre a dizer, ah, ‘tás com pouca roupa, temos de comprar roupa para ti... para ires sair, para te arranjares.*”. Desta maneira, a mãe aparece como transmissora de atributos femininos, contudo esse lugar constitui-se em torno da falta: à Amélia falta alguma coisa que a mãe vem compensar – roupa, maquilhagem... e à mãe falta alguma coisa que a Amélia vem compensar – o cuidado em relação aos irmãos-filhos.

Nesta relação, cada uma parece encarregar-se daquilo de que a outra se demite. Porém esta complementaridade de papéis não permite à mãe desempenhar o seu papel de rival edipiana que remete a filha de volta ao seu lugar. Um exemplo nos ocorre quando a Amélia conta o episódio familiar em que diz ao Rúdi que ele não foi planeado. Nesse momento, a Amélia fez uma incursão activa no lugar do desejo parental. É o pai que vem colocá-la de

volta no seu lugar: “(...) o meu pai veio dizer-me que eu não devia ter dito aquilo para o Rúdi”, enquanto a mãe permanece silenciosa no seu lugar, “(...) a minha mãe fez tipo uma cara do género ai, essas coisas não se dizem”.

Quando a Amélia tenta penetrar no lugar do parental, é o pai que a conduz de volta ao seu lugar de filha. Quando tenta penetrar no lugar do masculino, é o irmão que a transporta de volta ao feminino. Quando tenta penetrar no lugar do feminino-materno, a mãe cede-lhe esse lugar. Assim, a Amélia encontra um lugar através da tomada de posição nesse lugar do feminino-materno, lugar a partir do qual transgride o interdito edipiano e toma o lugar da mãe pela prestação de cuidados maternos aos irmãos.

O lugar que a Amélia constitui na relação com as imagens parentais é então um lugar materno cuja fronteira ela transpõe sem retaliação materna numa identificação ao papel materno. A mãe cede-lhe este lugar e complementa-o com atributos que entende estarem em falta em Amélia. A Amélia volta a esse lugar através do Masculino, no qual se organiza, pois são os irmãos e o pai que a trazem para lá.

A identificação ao lugar parental parece revestir-se de uma acentuada importância no Fausto. Não da mesma maneira que a Amélia, que ocupa o lugar da mãe, mas na forma em que o Fausto apreende o lugar do pai e se identifica claramente a ele. Ao longo de toda a entrevista do Fausto, é visível que ele adopta um posicionamento de placa agregadora na fratria: “(...) sou o mais irmão dos irmãos (...)”; “(...) antes era cada um num sítio, eu costumava sair sempre, eu acho que basicamente agora estamos mais juntos porque eu é que estava mais separado e agora voltei (...)”, papel que também lhe é reconhecido pelos irmãos. A Amélia diz: “O Fausto (...) gosta bué de fazer coisas tipo só de irmãos (...) ele puxa bué por esse lado.”.

Mas além de placa agregadora, o lugar do Fausto parece ter mais uma especificidade: “(...) sou o do meio mais sou o mais velho, basicamente (...) sinto-me o mais velho. Sinto que tenho alguns deveres de mais velho. Tipo também já estou acostumado às pessoas me considerarem o mais velho desde sempre (...) isso já é tipo um reflexo mais tipo mesmo da cena.”. Fausto considera-se o mais velho, coloca-se num lugar de maior responsabilidade face aos irmãos, em que deve desempenhar um papel de “homem da casa”, assim como a irmã se coloca como “princesa-gata-borracheira da família”. A identificação do Fausto com o lugar paterno é muito evidente, uma vez que logo depois de evocar e clarificar o que é ser “homem da casa”, refere não se lembrar de muitas mais coisas para dizer... “(...) também não sou um gajo com boa memória. Sou da família do Sérgio.”. O Fausto refere-se ao pai pelo nome

próprio, numa identificação muito clara e simétrica com o pai. O pai, para o Fausto é *“um elo de ligação. O meu pai basicamente é o elo de ligação de tudo.”*

O próprio Fausto fala de si como elo de ligação na fratria, e posteriormente descreve o pai da mesma maneira. Essa identificação, contudo, parece ser pacífica, sem risco de ocupação de lugares de um e de outro, não só entre o pai e o Fausto, mas também entre o pai e o Rúdi. Os conflitos parecem circunscrever-se ao(s) lugar(es) do feminino. Segundo o Rúdi: *“(...) eu e o meu irmão temos muito poucas discussões... agora a minha mãe e a minha irmã têm muitas por acaso (...) elas discutem muito (...) nós os três com o nosso pai nunca discutimos (...) damo-nos muito bem”*.

8.3. Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Análise do discurso na “fratria Branco”: Eunice, Elias e Débora

Em seguida procede-se à análise do discurso dos irmãos da fratria Branco, cujas narrativas se encontram em anexo (ANEXOS D, E e F).

8.3.1. Eunice

Nos instantes iniciais da sua narrativa a Eunice (ANEXO D) dispõe como em cima de um tabuleiro os posicionamentos de si face aos irmãos, e dos irmãos face a si, na fratria. No mesmo movimento, requisita as representações que tem dos pais e das relações de cada um dos irmãos com os pais, o que permite auscultar a importância que os pais têm, na experiência da Eunice, na dinâmica fraterna. Quando se refere a si própria, afirma ser a *mediadora* entre os irmãos, palavra cujo significado se vai clareando ao longo da conversa.

As descrições primeiras que fornece da fratria apoiam-se na marcação da diferença entre eles – *Não gostamos das mesmas coisas... nós sempre fizemos desporto (...) nem no desporto, nunca estivemos ao mesmo nível*. Ao introduzir o tema do desporto e da nivelção, a Eunice enuncia a presença de uma atmosfera de competitividade na fratria que é introduzida pela figura do pai – *(...) o meu pai tinha na cabeça que todas as pessoas deviam fazer desporto, então nós sempre tivemos desporto* – e que, porém, por instaurar esse quase apelo à competitividade, os afasta. Desta forma a Eunice reconhece que, mesmo apesar de existir um

elemento comum na fratria, o desporto, este não os aproxima, pois é a diferença que impera. No mesmo movimento em que a Eunice percebe uma tentativa de reunião (e não necessariamente de união) por parte do pai em relação aos três filhos, parece existir também um esboço de corte, um indutor da competitividade fraterna.

Em sequência da intensidade dessa mesma tendência, o pensamento da Eunice dirige-se para a figura da mãe, ligada ao plano do afecto, em que não existe distinção alguma entre os três – (...) *às vezes somos carinhosos uns para os outros. Com a minha mãe. Deitamo-nos todos na cama da minha mãe e começamos aos beijinhos e aos abraços.*

Depois de caracterizar o afastamento e a aproximação, a Eunice reforça que não tem com os irmãos uma *relação muito próxima* – *Eles não sabem tudo da minha vida e eu não sei tudo da vida deles (...) eu não sei nada da vida deles, também não quero saber... prefiro não saber... pronto, já estou habituada a não saber.* Pelo menos duas informações se desprendem desta intervenção. A primeira diz-nos que, na sua experiência, o afastamento predomina sobre a aproximação. A segunda é a atribuição desse afastamento à sua própria passividade. As configurações que a *aproximação* adquire não deixam de ser curiosas. Nota-se uma preocupação de fornecer elementos que aproximem a fratria, porém esses elementos sempre são externos à fratria. A Eunice dá o exemplo dos *amigos em comum* – *só por causa desses amigos é que eu algumas vezes sei alguma coisa da vida deles* [dos irmãos] – , dos aspectos em relação aos quais concordam em não gostar – *damo-nos melhor quando há uma discussão qualquer. Para nos darmos bem aqui em casa tem de haver outra pessoa ou um assunto qualquer que nos irrita profundamente e então partilhamos o nosso ódio. Geralmente nunca é uma coisa que gostamos muito, muito, muito.* De novo a aproximação é deslocada para uma força fora da fratria, que os incomoda, uma *pessoa ou um assunto qualquer*. Ao enumerar algumas coisas que os *irritam profundamente*, a Eunice requisita o exemplo do pai. Assim se vê que apesar de o pai adquirir os contornos de um agente do afastamento por motivar em surdina a competitividade, diferenciação e distinção entre os três, parece também configurar-se como agente de aproximação que os une em certos momentos. O último elemento unificador na fratria que a Eunice destaca no seu discurso, é a actividade de *ir passear os cães*, já que não fazem *programas*. – *Ir ao cinema, ou... ou à praia... Isso são coisas com os amigos.* Mesmo quando passeiam os cães, do que *nunca fazem muita questão*. Essa actividade é também introduzida pelo pai, que foi quem levou os cães, que os filhos passeiam em conjunto, para casa. Mais uma vez é reafirmado o papel do pai como agente de afastamento e de aproximação, uma vez que apesar de irem juntos passear os cães, não vão *todos* juntos –

vamos sempre só dois. Justifica: “(...) se for só uma pessoa com dois cães é muito mau.”. É neste quadro que a Eunice introduz a temática, ou a problemática, da auto-desqualificação ao dizer: “(...) o meu irmão tem mais força que eu (...) sozinha não tenho força para agarrar a cadela... é ela que me leva a passear.”.

O modo de representar a figura paterna, conquanto não acessível, fabrica um lugar de indefinição para a Eunice, um lugar a partir de onde e no qual destacar-se é impossível, o que dificulta o estabelecimento de relações com os outros. Essa indefinição tem ramificações que proliferam ao longo de toda a narrativa e manifesta-se até no jeito de falar sobre si, de forma que reafirma o que nos instantes iniciais da entrevista disse acerca de ser a *mediadora*; estar no meio.

Fala, depois, de si através dos irmãos. A irmã costuma pedir-lhe para ir consigo às compras. “*Eu não me importo de ir às compras com ela, só que ela importa-se de ir às compras comigo.*”. Ao expressar-se, introduz logo uma separação entre si e a irmã que vai concretizar quando refere sobre a irmã que “(...) *ela já sabe muito bem o que quer comprar (...) não entra nas lojas todas (...) já vai mais ou menos com a ideia de onde é que vai comprar.* De si mesma revela: “(...) *não faço pesquisas na internet a ver que roupa é que quero (...)*”. A irmã é descrita como determinada por oposição a si e conclui que “(...) *ninguém gosta de ir às compras comigo, mas vão às compras com a minha irmã.*”.

Até ao momento, a Eunice colocou-se já numa posição de desqualificação em relação aos seus irmãos. O irmão é mais forte – “*tem mais força do que eu*” – e a irmã é mais determinada.

Assim como se descreve por contraponto à representação que transmite ter dos irmãos, caracteriza a sua relação com os seus pais quando fala da relação que os irmãos têm com os pais. Começa pelo irmão: “*O meu irmão admira muito o meu pai, mas dá-se melhor com a minha mãe.*” Acto contínuo, afirma: “*Eu dou-me melhor com a minha mãe. Eu gosto de falar com o meu pai. Gosto de lhe pedir opiniões. A minha mãe de uma maneira geral não dá opiniões. Não sei porquê, mas ela submete-se sempre...*”.

O pai surge como aquele que é *admirado* (pelo irmão) e, ao mesmo tempo, aquele com quem a Eunice gosta de falar e a quem gosta de pedir opiniões, de onde aquele que é *admirado* pela própria Eunice. A mãe é aquela que se *submete*, aquela a quem a filha não se submete porque não a faz submeter-se a si. Quando lhe pede uma opinião, a mãe diz-lhe “*tu é que sabes*” e a Eunice não gosta de lhe pedir opiniões porque de facto não sabe, o que revela a inexistência de referências internas suficientemente sólidas e fixadas para se sentir capaz de

tomar uma posição. Assim, prefere pedir opiniões ao pai e, agora sim, submeter-se a elas. Ao criticar o carácter *submisso* da mãe, critica a sua própria submissão perante a figura paterna, que tenta contudo mascarar de *opiniões*.

Desta maneira, a Eunice provavelmente não consegue continuar a explorar o assunto da submissão já suficientemente embaraçado em si mesmo e de si mesmo, fala nos irmãos e de si através dos irmãos: “*Acho o meu irmão muito... muito pouco confiante, tem uma necessidade de aprovação externa., quase como a Eunice, com quem ninguém gosta de ir às compras, que pede opiniões e que se submete; “(...) e acho que a minha irmã é completamente ao contrário (...) eu acho que estou no meio. A minha irmã não quer saber do que é que ninguém pensa. E ela vive num mundo que é só dela.”*”.

Até agora, a Eunice foi enumerando atributos que enaltecem os irmãos em relação a si, colocando-se num lugar ao mesmo tempo desqualificado e auto-desqualificante. Com respeito ao irmão Elias, começa por destacá-lo nos seus atributos – “*tem mais força do que eu*” – e progressivamente vai-lhe retirando valor – “*muito pouco confiante*”. Relativamente à Débora, vai em sucessão aumentando-lhe o valor ao mesmo tempo que se define em oposição. A irmã parece mais evidentemente confrontá-la com o seu próprio embaraço e acanhamento. Esse embaraço e esse acanhamento são com toda a evidência colocados sobre a representação do irmão: “*O meu irmão não é nada determinado, tem sempre que empurrar (...) tem sempre uma necessidade de mostrar algo a alguém, principalmente ao meu pai.*”. A Eunice, ao empurrar sobre o irmão os conteúdos que não quer ver colocados sobre si, protege-se, nomeadamente a *necessidade* de aprovação pelo pai.

Protege-se ao afastar da sua representação de si os conteúdos potencialmente nocivos porque desqualificadores. Segue referindo-se a uma longa história sobre uma tia-avó de quem o pai e o irmão cuidam e faz alongar a extensão da história para depois, nas frestas do seu discurso, dizer que ela não se preocupa da mesma maneira. Uma maneira, quanto a ela, que resulta da parte do irmão de um desejo de *imitar* o pai tão admirado. Nesta altura, no pensamento da Eunice, o Elias parece estar mais próximo do pai do que ela. Em seguida, num movimento de tentativa de lidar com essa proximidade, a Eunice revela-nos sobre o irmão elementos que imagina que possam afastá-lo do pai. Revela-nos que o percurso académico do Elias não corre bem: “*(...) não consegue fazer as cadeiras (...) é óbvio que não tem motivação para estar ali.*”. O Elias pode até aproximar-se do pai por tentar *imitá-lo* e estudar o mesmo curso. Contudo, não o faz *bem*. Pelo menos não o faz como a Eunice, que é boa aluna e gosta do seu curso. A irmã, por seu turno, que “*já é completamente diferente...*”,

escolheu um curso também *completamente diferente*. No fim de falar sobre os irmãos, a Eunice conta: “*Acho que... estou um bocado no meio.*”. É como se os elementos que destaca para se referir aos irmãos, como as falhas em corresponder ao ideal paterno, que reforçam e são reforçadas por esse desejo, bem como a característica da irmã de *não querer saber de nada* fossem partes suas. A verdade é que nem ela sabe e principalmente ela não sabe onde está. Movimenta-se entre uns e outros nas teias do seu próprio pensamento, entre partes diferentes de si, algumas das quais identificadas aos irmãos. Diz ainda: “*Às vezes eles ainda se unem contra mim!*”

Autoriza-nos a pensar que mais do que os irmãos que se *unem contra* si, sejam as diferentes partes de si representadas pelos irmãos, em cujas configurações se confrontam em permanência dimensões como a da submissão, desmotivação e falta de iniciativa condensadas no Elias, e dimensões como a da determinação condensadas na Débora.

O exemplo que fornece acerca de uma ocasião em que os irmãos se *unem contra* si é profundamente esclarecedor: “*(...) sou sempre a última a chegar ao carro... e eles depois ficam a viagem toda a dizer: «Ah, és sempre a última, não te despachas (...) és sempre assim!»*”. Ela atrasa-se, ela é lenta, é desvalida. Em sequência reafirma que é o clima da briga que os aproxima, que é o mesmo que dizer que é nesse clima que os tradicionais arranjos dos papéis familiares se flexibilizam de modo a possibilitar aproximações que normalmente não acontecem: “*(...) ficamos unidos a falar sobre. Ficamos amigos durante um bocadinho.*”.

Durante o resto do tempo o Elias parece girar em torno do pai, a Débora entretém-se com as suas coisas sem *prestar atenção a ninguém* e a mãe, submissa (ou que não faz submeter) mantém-se afastada do pensamento e das encenações.

Importa notar, por ser uma marca do discurso da Eunice, que quando fala nos outros consegue adjectivá-los: a mãe é *submissa* e *atrevida*, a irmã é *determinada*, o irmão é *pouco confiante*. De si, todavia, só consegue dizer, não que *é*, mas que *está no meio*. Essa dificuldade em definir-se terá raízes na dificuldade em constituir-se como núcleo subjectivo diferenciado.

A esta inespecificidade das referências a si própria, a Eunice contrapõe a irmã que vem surgindo progressivamente num lugar idealizado. O lugar da terceira filha, uma espécie de ideal não obediente, não submissa e não atrasada, como a primeira filha. É como se esta irmã fosse o negativo da própria Eunice e a conturbação que transparece na relação entre as duas é um reflexo do confronto com as suas próprias questões. É talvez essa dificuldade em se definir, adjacente a uma dificuldade de se compor como ser diferenciado, que não lhe permite

estabelecer relações satisfatórias e de proximidade com os seus irmãos. Segue com um tom de protesto acerca do distanciamento entre si e os irmãos: “(...) *nós de facto não somos muito próximos... eu não sei nada (...)*”(“...”), o que pressupõe um desejo de proximidade que contudo não chega a adquirir uma forma nem um verdadeiro significado. A Eunice sente a distância e conjura uma solução: os irmãos são distantes porque não sabem uns dos outros, e a solução é passarem a saber. A solução é encontrada com recurso a um mecanismo de controlo, que apesar disso não chega a pôr em marcha. Mantém-se na constatação da falha e fala demoradamente sobre o afastamento: “(...) *não sei com quem ele almoçou, não sei que cadeiras é que ele tem, não sei que testes é que ele tem... Não sei nada*”; “*Sempre jantámos cada um à sua hora (...) às vezes nem a mesma coisa comemos. Nem sabemos o que é que cada um jantou.*”. Para a Eunice a proximidade relacional toma a forma de uma acumulação de conhecimentos factuais e concretos acerca do quotidiano das pessoas, como se de uma tarefa intelectual se tratasse.

A dificuldade em conceber a real aproximação humana e a partilha do afecto parece ligar-se a uma representação do paterno que a conduz à evocação de um episódio em que a Eunice fala sobre a forma como o pai se preocupa, que não é a *correcta*. Mesmo o adjectivo que encontra para qualificar a preocupação do pai tem uma tonalidade moral, o que reforça a necessidade de recorrer a mecanismos de controlo na evocação das relações: “(...) *o meu pai insiste em querer apontar-lhe os erros [à avó da Eunice] à frente de toda a gente, como se estivesse a ralhar com ela.*”.

Ao contar esta história, a Eunice revela outra qualidade da representação paterna: o seu alcance e a legitimidade para se comportar como um *pai soberano* de todas as pessoas, inclusivamente da sua própria mãe. Porém entende-se que na base deste pequeno excerto está uma crítica ao próprio pai, o que autoriza pensar numa espécie de dinâmica entre identificação ao pai e identificação ao não-pai e que esse lugar se componha para Eunice como uns *óculos de ver o mundo*. Quando se identifica ao pai, o pai parece tornar-se parte dela: “*O meu pai acha que se uma pessoa acordar às dez já perdeu muito do seu dia, e até é verdade, mas eu olho para o dia dele e ele passa metade do dia a procrastinar... mas ele é um bocado como eu (...) o meu pai é exactamente assim [como a Eunice]*”. Quando se identifica ao não-pai, ou seja, aos pares psíquicos, consegue relacionar-se com o pai e com a crítica externa.

Esse pai é percebido como poderoso e controlador e implanta na Eunice um desejo de corresponder a esse ideal paterno: “(...) *ele diz que nós temos de ser produtivos, temos de passar o dia todo a fazer alguma coisa (...) ele nunca diz «está bom» (...) Podes ter feito*

imensa coisa, há sempre uma coisa qualquer que não fizeste e podias ter feito (...) se eu durante um dia tiver estudado piano, tiver ido à vela, tiver feito um teste, tiver ido correr... ele vai dizer porque é que eu não estudei francês.”.

Em face desta exigência paterna, a Eunice não se consegue posicionar e persegue permanentemente um ideal inalcançável. Depois de dizer isto, fala nos irmãos como aliás é seu costume: quando um assunto sobre si a incomoda, decide mudar o trilho para os seus irmãos: *“o meu irmão sente-se mal com isso e a minha irmã não.”.* Ela própria não sabe dizer como se sente, mas neste momento coloca-se num lugar de valorização narcísica onde não é afectada por esses assuntos, ao contrário do irmão: *“(…) ele [o pai] sempre deu ao meu irmão as mesmas oportunidades que me deu a mim. Mas eu geralmente aproveitei melhor (...) ele [o irmão] agora olha para mim, para as oportunidades que não aproveitou (...)”.*

Contudo, essa tentativa de valorização narcísica por recurso ao cumprimento e à adesão às propostas do pai é acompanhada de uma consciência de que abdica de certas oportunidades: *“Se eu disser assim «Pai, quero ir para o Instituto.», ele dá-me o dinheiro para eu ir. Se eu disser assim: «Pai, quero ir fazer um curso de dança do verão», ele não dá. Também não vou fazer nenhum curso de dança do verão, mas sei lá... uma coisa qualquer!”.* A referência ao *curso de dança do verão*, que tem uma conotação abertamente sexual, indica vários elementos: em primeiro lugar a diferença quase diametralmente oposta entre as actividades intelectuais que o pai apoia e promove, como *ir para o Instituto*, e as actividades como a *dança do verão* é sinónima da magnitude do desejo de se opor. A magnitude do desejo de se opor, por sua vez, indica a força do sentimento de estar amarrada ao cumprimento do ideal que nunca pode alcançar. Em segundo lugar, esta referência ao *verão*, que o pai não lhe *daria dinheiro* para fazer, parece ser uma referência ao facto de a representação que tem do pai e da sua relação com ele não lhe permitir viver a sua sexualidade.

Logo depois dessa referência, a Eunice faz uma incursão novamente no universo da irmã, que lida com a frustração de uma forma que a Eunice admira: *“(…) acho que ela está mesmo chateada, mas não se vê (...) arranja sempre alguma coisa para ela se entreter (...) não se deixa afectar.”.* A Eunice, por sua vez, não é *“nada assim”*: *“afecta-me mesmo (...)! E prefiro sair, mesmo que a culpa não seja minha e que seja da outra pessoa (...) a minha irmã aparentemente não tem o mesmo problema que eu.”.*

A Eunice conta-nos que não consegue suportar a crítica, a sua fragilidade não o permite. Assim se percebe que a relação seja ameaçadora e vivida da forma como em seguida

descreve ao contar um episódio sobre o irmão e os amigos do seu irmão: a relação entre as pessoas não pode ser desinteressada e genuína, tem de cumprir uma função, tem de ser *produtiva*. Novamente introduz o pai como se o pai fosse o veículo dessa representação da funcionalidade obrigatória.

A questão do estabelecimento de relações funcionais parece ser verdadeiramente relevante no psiquismo da Eunice e motiva movimentos ao mesmo tempo contrários em face dessa mesma questão. Esboça um movimento de denúncia das relações funcionais e não-genuínas através do irmão: *«eles só te convidaram para ir à praia para tu levares o carro! Vais ser o motorista!»* e atribui esse comportamento do irmão a uma fragilidade narcísica: *ele acha que se lhes cobrar mais eles depois não vão. E parece que isso depois vai culminar em eles deixarem de ser amigos dele. Parece que a única coisa que ele tem é o carro.*”. Ao mesmo tempo denuncia a incapacidade do Elias em encontrar novos amigos e nesse movimento, logo depois de acusar a funcionalidade das relações, revela: *«quando estás a estudar pode dar-te muito jeito dares-te bem com as pessoas da tua turma (...) se faltares a uma aula (...) estudar para um teste ou assim (...) eu acho que não conseguia fazer a Universidade sem as pessoas que conheço lá.»*

Assim a Eunice mostra-nos que oscila entre posições aparentemente contraditórias e que essas oscilações variam de acordo com as identificações momentâneas que faz. Quando se identifica à parte que carece de ser funcional para conseguir formar e manter relações, a Eunice denuncia esse modo. Quando se identifica à outra parte, não reconhece sequer o registo da funcionalidade. A Eunice oscila de parte a parte sem conseguir encontrar um ponto de equilíbrio fixado.

A fratria parece desta maneira servir à Eunice como terreno de projecção das problemáticas que derivam da, ou na, instabilidade do(s) seu(s) próprio(s) posicionamento(s).

A última fracção da narrativa da Eunice vai colocar em cena, com força ainda maior, a batalha identificatória que trava permanentemente. Fala sobre a irmã, que à margem de todos os paternos conselhos, decidiu estudar Música. Começa por criticar o ponto de vista do pai: *(...) queria que (...) era bom ela ir para Gestão na música... nada a ver... ele não quer, acha que a Música é um passatempo (...) Ele não percebe mesmo.*”. Sequencialmente, refere que o pai não reconhece nenhum valor ao seu professor de guitarra portuguesa por ele não ter um diploma: *se não tiveres um diploma a dizer que fizeste, não és nada. E quando tens o diploma, és quase garantidamente bom, o que também não é verdade.* Assim, a Eunice assume uma posição discordante do pai, porém sempre na tentativa de ir ao encontro dos seus

projectos. Isso coloca-lhe uma questão: para se espriar em todas as actividades que cumprem o projecto paterno, não consegue ser suficientemente boa em nenhuma. O pai sugere o estancar dessa preocupação com a aquisição de um diploma, mas a Eunice não a apropria. A forma de com esse aspecto lidar é ir sendo sempre melhor que os irmãos. Nesse sentido, começa a referir a profissão que a irmão escolheu: (...) *é preciso ser bom para se viver daquilo. Se a minha irmã quiser viver daquilo, vai ter de estudar aquilo.*” E logo parece começar a identificar-se ao lado paterno no qual encontra um lugar que, apesar de precário, serve para afastar a representação de auto-desqualificação de si mesma e ancorar-se numa inscrição paterna: *Eu acho que a minha irmã teve sorte (...) nunca teve boas notas na escola (...) porque se fosse eu a dizer que quero ir para música, não ia para música.*”. Neste fragmento observa-se a intensidade do desejo de ter desejos próprios, pelo recurso do verbo “querer” no tempo Presente, equivalentes ao da irmã de ter escolhido Música. Porém, a ancoragem que vai conseguindo ao paterno por se tornar no exemplo que ele pretende, permite-lhe em certa parte uma sobrevivência identitária e assume a crítica dos outros que não se submetem a esse ideal: *“ela é um bocado despreocupada demais. Eu estou sempre a pensar que se fizer isto vou receber algo depois (...) profissão onde possa ganhar mais dinheiro, ou ter uma melhor casa. No fundo é ganhar mais dinheiro. (...) quanto mais encher o meu currículo com coisas, maior a probabilidade de me pagarem mais.”*

Em suma, a Eunice revela-se como fortemente identificada à linhagem paterna e às exigências de rigor paterno, de tal forma que o acesso à sua própria identidade se torna sombrio. Desenrola os seus elementos contrastantes, e por isso conflituais, de rebelião e, ou, fracasso, nos seus irmãos, o que lhe permite manter-se à margem dessas representações.

8.3.2. Elias

No relato do Elias (ANEXO E) a fratria começa por surgir representada como uma amálgama de elementos entre si pouco diferenciados: *“ (...) ser irmão é estar presente quando as minhas irmãs precisam (...) apoiamo-nos uns aos outros (...) quando precisam de ajuda em alguma coisa.”*. Nessa mescla o Elias assume um papel de “ajudante” e nesse movimento existe o pulsar de uma força de apelo à união, como se vê quando em seguida afirma: *“ (...) sempre fizemos desporto os três, quando começámos foi sempre os três (...) juntos.”*. Porém, rapidamente o Elias descodifica essa necessidade de apelo à união: *“ (...) há*

sempre aquela competitividade entre irmãos, seja na escola, seja no desporto, seja nessas coisas todas, há sempre aquela competitividade e aqueles em que os pais vão fazer mais ou menos pressão.”. Desta maneira o Elias coloca aquele que parece ser a temática e a problemática que atravessa todo o seu discurso: a incapacidade de entrar em competição. A *ajuda* parece então ser a maneira que o Elias encontra para lidar com a pressão subjacente aos incentivos à competição fraterna que do(s) pai(s) emanam: ao valorizar a identificação com as irmãs e o nivelamento entre si e elas, pode abandonar temporariamente o papel de “competidor” e o lugar de “perdedor”.

No contexto da competição destaca a irmã mais velha: “ (...) *foi a que fez vela mais competitivamente (...) tinha hipóteses de ir a mundiais (...) o meu pai principalmente achava que ela conseguia (...)* ”. Assim a irmã mais velha surge como a mais competitiva e aquela para quem o pai projecta metas mais elevadas, como “ir a mundiais”. A confrontação do Elias com essas metas que (não) são para ele resulta na referência a uma angústia ancorada numa “*pressão que não é necessária*” e que compromete uma espiral de auto-desvalorização na comparação com essa irmã. Em seguida refere que a “pressão” que sente ser exercida pelo(s) pai(s) o afasta da prossecução dos objectivos pela confrontação com um nível de exigência que se afasta daquilo que ele se sente capaz de corresponder: “ (...) *as pessoas começam a desistir. Eu fazia vela e se calhar agora já não faço porque...* ”.

Segue dando exemplos de planos em que não foi bem sucedido: “ (...) *eu desisti da música no quinto grau, não avancei mais (...)* ”; “*Não me safei no desporto.*”. Em contrapartida conta que as irmãs cumpriram esses projectos paternos: a Eunice destacou-se no desporto e a Débora na música.

A forma de o Elias se organizar face à castração com a qual é confrontado pelos sucessos das irmãs é a sujeição ao mesmo tempo totalmente aceitante da autoridade paterna que se revela muito estruturante para ele e para as suas relações. Com efeito, depois de a isso se referir, conta acerca das “picardias” que se encenam na fratria: “ (...) *começo a gozar com ela [com a Débora] (...) a minha irmã mais velha também me dizia essas coisas (...) e eu agora digo à minha irmã mais nova.* ”. “Essas coisas” eram pirraças acerca da forma de cada um guiar os carros. Como não sente que tenha atributos que lhe confirmem alguma autoridade ou destaque, apoia-se na posição que ocupa na ordem de nascimento para se comportar de uma forma que foi legitimada pela irmã mais velha, que também lhe *dizia essas coisas*. O Elias demonstra-nos em seguida de que forma vê a autoridade, como gradativa, que “passa” dos mais velhos para os mais novos. Encontra-se submerso por essa estruturação que aceita

prontamente, o que se intui pela forma como critica a irmã mais nova por não o fazer: “[a Débora] é muito influenciável (...) pelas pessoas (...) tentamos ajudar e ela acha que já sabe tudo, principalmente os meus mais, a dizer-lhe o que tem de fazer e ela acha que já sabe tudo (...) podia ouvir mais a opinião que lhe dão.”

No dizer do Elias, a irmã Débora parece adoptar referências externas às referências familiares, que são as suas próprias referências. Esse modo é visto de forma depreciativa pelo Elias, o que reafirma a aceitação inquestionável da autoridade, como nos revela na continuação do seu discurso em jeito de máxima moral: “ (...) basicamente quem é mais velho e tem mais experiência dita mais ou menos as coisas.”. O próprio Elias e a Eunice aceitam essa regra, porém a Débora não: “Comigo e com a Eunice já é diferente...”. Parece ser esse traço de aceitação da autoridade que têm em comum, que o Elias sente mas não reconhece, que o leva em seguida a convocar a relação preferencial que tem com a Eunice e que atribui a dados exteriores: “ (...) já tivemos outro tipo de vida, vivíamos os dois, distribuíamos tarefas e já é diferente...” que denotam porém uma orientação para o intra-familiar e que toma forma quando o Elias diz: “Estávamos sozinhos os dois e obviamente se ela não tinha mais ninguém para falar e eu não tinha ninguém para falar, íamos falar.”. Esta orientação para o intra-familiar parece resultar de nesse meio conhecido existir a estruturação bem delimitada de um quadro de referência onde o Elias atribui com toda a evidência a autoridade ao paterno. É talvez isso que o faz em seguida evocar de novo o pai: “ (...) o meu pai leva tudo um bocado, as mulheres faziam uma coisa e eu fazia outra (...) obviamente que não pedia às minhas irmãs para ir cortar lenha (...) ”. Ao contar este detalhe o Elias revela que não só é o pai quem delega como também é o pai quem distribui as tarefas consoante o género e no mesmo movimento determina de que formas os filhos podem expressar esse género.

Possivelmente esse conteúdo tem uma associação com a tendência que o Elias parece ter em falhar projectos paternos, o que o leva de novo a reforçar a entreatada na fratria como forma de colocar a fratria ao mesmo nível de cuidado mútuo que lhe permite umas vezes ser ajudado – quando precisa, e aí pode reconhecer a sua incapacidade – e ajudar: “ (...) fazer qualquer coisa para ajudar o outro (...)”, como se esse fosse o seu anteparo sempre que é confrontado com a identificação ao ideal paterno. Em seguida a entrevistadora solicita um esclarecimento relativo ao significado de *quem é mais velho dita mais as regras* e o Elias explica: “ (...) é mais normal eu pedir à minha irmã mais nova para fazer algo do que à minha irmã mais velha (...) A minha irmã mais nova não pede a ninguém e a minha irmã

mais velha é capaz de pedir aos dois.”. Assim se vê que a autoridade hierarquicamente estabelecida impregna no Elias até as relações de *ajuda*.

No fim relata um episódio em que tentou ajudar a irmã, porém não terá sido bem sucedido também. Conta que foi na altura em que morava com a Eunice: “[a Eunice] *tava a voltar à noite para casa e meteram-se com ela (...) voltou para casa a chorar e eu depois fui ter à rua onde supostamente tava o senhor que tinha feito alguma coisa e ele já não tava lá (...)*”. Desta maneira o Elias demonstra que mesmo quando pretende ajudar a irmã não é bem sucedido, não consegue desempenhar o papel de “cortador de lenha” e defender a irmã, o que indica uma incapacidade de competir e de se posicionar face ao masculino. Assim o Elias justifica a sua sujeição à autoridade e a permanência numa posição passiva.

Ao fim da narrativa do Elias, percebe-se bem a atribuição a si mesmo de elementos que minoram o seu valor em relação ao das suas irmãs numa permanente busca de correspondência ao ideal paterno, que compromete em si mesma a falha constante do projecto. Esse risco de falhanço eminente compromete um não acesso à competição.

8.3.3. Débora

O início do discurso da Débora (ANEXO F) é algo confuso, marcado por um débito acelerado em que fala alternadamente de ambos os irmãos destacando qualidades positivas e negativas da relação: “ (...) *a minha relação com a minha irmã é um bocadinho melhor que com o meu irmão (...) há uns anos atrás era [a Eunice] assim um bocado mais hipócrita; gosto muito dele, é meu irmão (...) é rapaz, as coisas são um bocado mais complicadas (...)* já nos damos melhor (...) *costuma muito haver aquela coisa do «foste tu que começaste!»; também tivemos bons momentos.*”

Depois deste início oscilante, a Débora parece encontrar (an)coragem para prosseguir a sua narrativa nas memórias de bons momentos que teve com o irmão e segue explorando uma particularidade dessa relação: “ (...) *eu gostava mais de estudar Matemática com o meu irmão do que com o meu pai (...) ele [o irmão] não me tratava como se eu fosse uma criança.*”. Esse aspecto é valorizado pela Débora, o que se nota pelo contraponto que constitui à forma como o pai parece fazê-la sentir, de uma forma que põe em evidência a sua incapacidade ligada à imaturidade. À mesma imaturidade que o pai a faz sentir, a Débora associa “*histórias de roubar o sofá*”.

Assim, em seguida fala-nos de um lugar de onde é retirada para ser recolocada num lugar que não é o dela. Vejamos a sequência: *“O meu irmão começa por me deixar ver o que eu quero. Depois senta-se no sofá e vai-me empurrando para fora do sofá e depois eu tenho de me ir embora. A minha irmã não, a minha irmã diz «Eish, eu ‘tou em Lisboa todos os dias, deixa-me lá ver... em Lisboa não tenho os canais que eu quero, aqui já tenho (...)”*. É depois de nos contar que a retiram do lugar onde ela tinha chegado primeiro para a colocar noutra que não lhe pertence. Logo em seguida, após uma curta hesitação, afirma: *“ (...) a minha família gosta bastante de me comparar com a Eunice (...) o meu pai (...) quer que nós sejamos com ela (...) estudemos como ela, façamos tudo como ela faz.”*. Um lugar à sombra da irmã onde quase em permanência enfrenta solicitações que a compelem a ser desse jeito. Mas se isso acontece e se a Débora está destinada por esta figura paterna a ser como a irmã e a fazer tudo como ela faz, está igualmente destinada a falhar nessa missão e a ser tratada como se fosse uma criança.

No momento seguinte conta que, quando era criança, os amigos do irmão “gozavam” com ela no ténis e que *“havia imensas confusões... é sempre difícil”*. Porém depois fala de como se dava bem com o irmão quando jogavam *PlayStation* juntos, o que dá conta de um duplo registo em relação ao irmão: por um lado têm cumplicidade, mas pelo outro ele “goza” com ela. Quanto à irmã, a Débora reconhece que ela é o modelo a seguir criado pelo pai e que essa força paterna origina entre elas uma interação competitiva: *“Quando andávamos as duas no piano havia assim um bocado de competição (...)”*. As sugestões que a Débora faz parecem ser mal recebidas pela Eunice, que poderá sentir o seu lugar ameaçado, o que se subentende quando a Débora diz: *“ (...) ela não percebe, se calhar no sentido de «ai, eu sou mais velha do que ela, ela não sabe ainda», deve ser por aí, é sempre assim.”*. Em seguida, num tom de protesto, afirma que as expressões do feminino são condenadas em si, por oposição à irmã, que *“não faz nada”*. Em contrapartida, a Débora é sempre responsável por ter deixado *“cabelos no ralo”* e *“pensos mal enrolados”*. A Débora vai protestar longamente a respeito de as *“culpas”* serem sempre colocadas nela enquanto os irmãos estão *“sempre certos”* e também de quererem submetê-la à lógica deles, o que ela reconhece, porém recusa: *“Mas às vezes parece que às vezes querem mudar-me e não, eu gosto de ser como sou, eles têm é de lidar com isso (...) nunca tiveram esse tipo de atitude de aprender a lidar com a pessoa que eu sou.”*. Neste momento a Débora fala-nos de como sente que não pertence ao grupo fraterno. Durante longos minutos vai explicar porquê: porque os irmãos passam muito tempo a expressar a sua inveja e a forma como as relações externas são ameaçadoras, *“para te*

sacar qualquer coisa (...) acham que as pessoas têm segundas intenções, nunca são boas por si mesmas”. A Débora tenta recorrer a uma outra lógica que é ameaçadora para os irmãos, tão enredados na referência paterna.

De facto a Débora retira-se desse lugar: “ (...) deixem-me viver como eu sou (...) a minha família é uma família de engenheiros e é horrível (...) o meu irmão ‘tá a tirar Engenharia, a minha irmã ‘tá a tirar Engenharia, os meus pais tiraram Engenharia, para que é que eu me quero relacionar com uma coisa assim?”. Nesta intervenção a Débora, que era retirada “do sofá” e da fratria, retira-se e desidentifica-se do grupo familiar subordinado às lógicas paternas e em seguida denuncia os irmãos, que se mantém nesse lugar: “ (...) se calhar se ele [o Elias] estivesse a fazer uma coisa que ele quisesse e não que o meu pai tivesse (...) posto na cabeça dele, ele se calhar ‘tava mais feliz (...)”; “ (...) a Eunice já me tinha dito isto «Eu agora vou fazer aquilo que eu quero, não vou fazer aquilo que o pai me põe na minha cabeça.»”. Assim se vê bem que a Débora apreende os irmãos nesse lugar de cumprimento de desejos paternos e denuncia que os irmãos aceitem esse lugar. Ela própria não o terá aceite. Em seguida fala sobre a falta de referências internas e sobre os ataques narcísicos infligidos pela figura do pai quando ela tenta expressar-se e essa expressão não coincide como os seus desejos.

Conta como foi o processo de candidatura e prestação de provas de aptidão na universidade e logo em seguida refere: “O meu pai agora veio dizer-me a mim que eu não sou muito boa porque fiz para quatro universidades, só entrei numa e foi à rasca. É um bocado brusco nessas coisas e se calhar é por isso que eu também não gosto que as pessoas gritem comigo (...) já não ligo a coisa que se calhar me vão perturbar, se calhar eu já me sinto um bocadinho melhor com eles.”. Nesta intervenção vê-se que a Débora em certas alturas se pode sentir ameaçada pela falta de referências que da negação da referência paterna advém. Dessa maneira, tenta restaurar os laços anulando-se. Porém, volta em seguida a criticar a postura dos irmãos, como se o reconhecimento de que também ela por vezes se coloca nesse lugar fosse responsável pela reemergência do conflito: “ [a Eunice] está a começar a fazer coisas que gosta.”; “O meu irmão não sabe dizer: «Não, eu não quero tocar piano, não quero fazer isto, não quero fazer aquilo, vai mas é dar uma voltinha, não quero fazer isto.»”. Ela própria, que conseguiria fazer isso, tenta levar o irmão a revoltar-se contra o pai e a constituir a sua própria identidade, porém essa investida produz no irmão o efeito contrário: “ (...) ainda assim virou-se contra mim e disse: «Ah, porque é que achas que eu não quero aprender guitarra?» (...). Não queria vê-lo passar por aquilo outra vez (...).”.

Em seguida regressa aos ataques narcísicos do pai em relação a si: “ (...) o meu pai uma vez tinha aqui visitas e vira-se para mim: «Ó Débora, vai lá tocar pianinho, que é bonito.» e houve uma vez que eu disse assim: «Pai, eu não ‘tou com reportório sabido, é início do ano e eu não tenho peças para mostras às pessoas (...) correu mal, obviamente (...) e então depois acabei aquilo e ele disse: «Ah, ‘tás fraca hoje.». Ele disse-me aquilo (...) cada vez que eu faço uma coisa que é ele que me ‘tá a pedir ou é ele que me ‘tá a obrigar ou é ele que ‘tá a pôr em cima de mim, nunca corre bem.”.

É como se este tipo de representações lhe relembrasse constantemente de que o pai não pode ser a sua referência. Em seguida, fala longamente sobre referências outras que foi encontrar fora do espaço familiar: professores de piano com quem fez Masterclasses, o professor de piano do Conservatório, o explicador de Matemática. Além disso, fala também da forma como o pai critica esse movimento e qual a sua resposta: “ (...) podia ter-lhe dito: «Olha lá, porque é que o Elias foi para o Instituto X? Não foi porque tu lhe deste a tua opinião (...)? Eu ‘tou a pedir opinião, não é a tua, é essa a diferença!»”. De seguida fala sobre a sobrecarga que o pai coloca sobre si em comparação com a irmã: “«Ai, tens de ir para a natação, tens de fazer isso, tens de encontrar uma casa, mais não sei o quê, tens de ir para um curso de línguas, que a tua irmã também fez isto e aquilo.» (...) Eu não tenho de fazer aquilo que os meus irmãos fazem e aquilo que ele quer que eu faça.”.

Na sequência de muito falar sobre o seu lugar efusivamente contestatário da lógica paterna e dos tumultos entre a apresentação constante por parte do pai de um lugar que é sempre rejeitado por ela, a Eunice revela-nos onde se encontra a sua inscrição genealógica na linhagem paterna: “ (...) eu queria tocar violino, mas tu não me deixaste, quiseste que eu fosse para piano, então eu fui para piano...”. Assim se vê que em certa parte a referência paterna está também presente.

Posteriormente cita o pai que despoja as suas outras figuras de referência: “ «(...) os professores do Conservatório não sabem o que dizem.»” e logo em seguida, por associação, fala de como a irmã se inclui bem na linhagem paterna: “O meu pai já me disse que a minha irmã estuda muito mais do que eu e como é que eu não me sinto mal se uma pessoa que não ‘tá em música estuda mais do que eu.”, ao contrário de si própria que aos olhos do pai fracassa com frequência: “No teste tirei treze (...). Eu estudava mas aquilo não dá.”.

Em resumo, a narrativa da Débora transparece a ocupação de um lugar estrangeiro face aos irmãos e porventura mesmo face à família. Estabelece uma diferença entre os irmãos que, inscritos fortemente na linhagem paterna, operam numa rejeição de influências exteriores

e também numa rejeição de si própria, que escolhe não se submeter às mesmas referências. Desta maneira, a relação entre a Débora, os irmãos e o pai revela-se bastante tumultuosa e dificulta o estabelecimento e o assegurar de referências internas.

8.4. Análise dos grandes temas na fratria Branco

À semelhança do que aconteceu com a fratria Maia, com a fratria Branco a análise das narrativas individuais permitiu o destaque de quatro grandes temas que sobressaem nos discursos dos participantes. Todos os temas ramificam do primeiro, que se trata da *relação com a figura paterna*. Esta relação determina expressões da *competitividade* na fratria, bem como manifestações eloquentes da diferenciação e comprometem uma certa distância afectiva entre todos.

8.4.1. Relação com a figura paterna

É por demais evidente que o discurso de todos se encontra impregnado de referências ao pai. Essas referências traduzem as formas como cada um se relaciona com o pai e como essa relação tem implicações nas relações fraternas.

Os apontamentos que os irmãos fazem a respeito do pai autorizam a compor a imagem de um pai que parece ter a capacidade de injectar as suas ideias e os seus ideais aos filhos, como se vê por exemplo no princípio da narrativa da Eunice, quando diz: “(...) *o meu pai tinha na cabeça que todas as pessoas deviam fazer desporto, então nós sempre tivemos desporto.*”. Desta maneira, a Eunice parece apresentar como justificação a vontade do pai ou pensamento do pai, numa lógica de: o pai pensa, de onde o pai faz acontecer. Da mesma natureza parece ser a intervenção da Eunice quando diz: “*O meu pai sempre nos passou um bocado a ideia que... só há duas ciências: a Física e a Matemática.*”, o que, pelo menos em parte, terá ditado as escolhas profissionais da Eunice e do Elias. Esse elemento surge no discurso da Débora também, ao dizer, a respeito do irmão: “*Se calhar se ele estivesse a fazer uma coisa que ele quisesse e não que o meu pai tivesse, não é imposto, mas se calhar posto na cabeça dele, ele se calhar ‘tava mais feliz.*”. No dizer da Débora entremostra-se o reconhecimento desta figura paterna que deposita ideias *na cabeça* dos filhos e que os leva a

desejar corresponder e a relegar para outro plano a vontade mais autêntica. Também com ela mesma isso parece acontecer: *“o que eu tou a tentar dizer com isto é que cada vez que eu faço uma coisa que é ele que me ‘tá a pedir ou é ele que me ‘tá a obrigar ou é ele que ‘tá a pôr em cima de mim, nunca corre bem”*.

Essas ideias e, ou, desejos paternos tentam ser correspondidos pelos filhos mais velhos e esse elemento não surge como referência aberta no discurso deles por encararem isso como algo natural. É com a Débora que vai surgir um maior atrito no que concerne à germinação de desejos paternos em si. Inclusivamente, denuncia-o entusiasticamente no Elias: *“E o meu irmão não sabe dizer «Não, eu não quero tocar piano, não quero fazer isto, não quero fazer aquilo, vai mas é dar uma voltinha, não quero fazer isto!”*. Tenta, inclusivamente, interceder junto do irmão, o que não é bem recebido: *“«não vale a pena, deixa-o lá fazer aquilo que quer» e isso tudo e o meu irmão ainda assim virou-se contra mim e disse: «Ah, porque é que achas que eu não quero aprender guitarra?»”*. É o mesmo movimento de quando refere, a respeito da irmã: *“(…) a Eunice já me tinha dito isto «Eu agora vou fazer aquilo que quero, não vou fazer aquilo que o pai me põe na minha cabeça.»”*. A Débora mostra-se extremamente sensível a este assunto e são várias as vezes que o evoca ao longo da entrevista: *“Olha lá, porque é que o Elias foi para a Universidade X? Não foi porque tu lhe deste a tua opinião (…)? Então! Eu ‘tou a pedir opinião, não é a tua, é essa a diferença!”*.

Com toda a evidência, a forma da Eunice e do Elias se relacionarem com o pai anuncia-se como bastante diferente do modo da Débora. Esta transporta consigo a construção de um pai que, mais que autoritário e rejeitante, é atacante. Esse carácter é posto em evidência quando a Débora diz: *“O meu pai agora veio-me dizer a mim que eu não sou muito boa porque fiz para quatro universidades, só entrei numa e foi à rasca. É um bocado brusco nessas coisas.”*. Assim se vê que este pai de quem a Débora fala é um pai que lhe retira qualidades e transmite representações anti-narcísicas, como se vê na passagem seguinte: *“(…) e então depois acabei aquilo e ele disse: «Ah, ‘tás fraca hoje.»”*.

Na Eunice e no Elias, a percepção desse pai atacante e impossível de agradar não parece adquirir o mesmo volume que na Débora, o que parece dever-se a uma maior conformidade e identificação dos filhos mais velhos em relação a esta figura. A Eunice afirma: *“Ele acorda cedo. E depois quer que as outras pessoas acordem todas cedo. O meu pai acha que se uma pessoa acordar às dez, já perdeu muito do seu dia. E até é verdade”*. O facto de o pai dizer a “verdade” parece conferir-lhe legitimidade para dirigir e orientar o caminho que os filhos hão-de seguir, mesmo que seja na prossecução eterna (e interna) de um

ideal inalcançável, como em segunda voz mesmo a Débora parece reconhecer: *“ele diz que nós temos de ser produtivos, temos de passar o dia todo a fazer alguma coisa (...) nunca diz «está bom». Há sempre uma coisa qualquer que podias ter feito. Podes ter feito imensa coisa, mas há sempre uma coisa qualquer que não fizeste e podias ter feito. E connosco há sempre muitas”*. No caso do Elias, parece não haver reconhecimento da magnitude com que o paterno se infiltra na subjectividade dos irmãos. Afirma: *“Na escola se nos estivermos a safar, os meus pais são pessoas que nos deixam fazer qualquer coisa. A partir do momento em que começa a haver algum desleixo, falhas, começam a entrar mais no assunto e a pressionar mais no geral”*.

A Débora faz inúmeras referências a um pai que se impõe na sua vontade aos filhos: *“tens de fazer [mais] qualquer coisa, tens de tocar um instrumento, tens de fazer qualquer coisa”*; *“(...) uma vez tinha aqui visitas e vira-se para mim «Ó Inês, vai lá tocar pianinho, que é bonito.»*”; *“E ele disse: “Vai para guitarra! Já ‘tá tudo em guitarra, já tão aqui as guitarras.”*”; *“O meu pai ficou possesso, ele queria era que eu fosse para guitarra, o meu pai supostamente também queria que eu fosse para outro instrumento e ele queria que eu fosse para guitarra.”*

Elias: *“Não me safei no Desporto e o meu pai disse: “Olha, se tivesses continuado na música...”*”

Em certos momentos, a Eunice refere não concordar com o pai. Os exemplos que fornece autorizam a pensar que seja em relação a aspectos nos quais não se identifica com o pai: *“eu acho que ele tem uma maneira de se preocupar que eu não concordo, sinceramente não gosto, faz-me confusão. A minha avó é diabética e o meu pai insiste em querer apontar-lhe os erros à frente de toda a gente, como se estivesse a ralhar com ela.”*. Conta um episódio com a avó em que o pai toma uma posição superegóica em relação à própria mãe e a Eunice não concorda, provavelmente por se sentir identificada à avó nesta situação. Porém a discórdia do pai parece ser demasiado perturbadora para ela, motivo pelo qual ressalva no início da intervenção que é uma forma do pai se *preocupar*.

Porém, a representação que tem do pai deixa livre o caminho para a expressão de um afecto de admiração em algumas ocasiões: *“prefiro falar com o meu pai quando tenho alguma decisão importante a tomar.”* E: *“o meu pai... dá muita atenção às irmãs do meu avô, que já morreu, como a minha tia, que vive sozinha (...) É o meu pai é que ia lá buscá-la para ela vir cá almoçar, e levava-a ao campo...”*

Com respeito ao Elias, a interiorização da autoridade paterna parece ser uma referência já tão profunda que acaba por ser projectada no exterior: *“(...) basicamente quem é mais velho*

e quem tem mais experiência dita mais ou menos as coisas” e também na fratria: “(...) *é mais normal eu pedir à minha irmã mais nova para fazer algo do que à minha irmã mais velha, um favor ou assim. A minha irmã mais nova não pede a ninguém e a minha irmã mais velha é capaz de pedir aos dois.*”; “*Há uma vantagem em ser mais velho aqui, claramente.*”. Porém essa projecção da autoridade dá-se em direcção a um exterior abstracto, já que quando a Débora faz efectivamente a procura de substitutos à autoridade paterna, que encontra por exemplo nos professores e explicadores, tende a ser criticada pelos irmãos: “ (...) *não quer saber do que ninguém pensa (...)*” (Eunice); “ (...) *é muito influenciada pelas pessoas (...)* ” (Elias).

8.4.2. Expressões da competitividade

O estudo sistemático das narrativas de cada um dos irmãos deixa intuir que as manifestações da competitividade são enraizadas na relação face a um paterno que premeia o destaque académico, desportivo e intelectual. Esse dado surge abertamente no discurso do Elias: “(...) *há sempre aquela competitividade entre os irmãos, seja na escola, seja no desporto, seja nessas coisas todas, há sempre aquela competitividade e aqueles em que os pais vão fazer mais ou menos pressão.*”. Existe no discurso do Elias uma atribuição directa da competitividade à coisa parental. Também na narrativa da Débora essa atribuição sobressai: “*O meu pai gosta muito de me comparar com a minha irmã*”. Nas palavras da Eunice a relação surge como mais subtil quando ela diz: “[o pai] *sempre deu aos meus irmãos as mesmas oportunidades que me deu a mim. Mas eu geralmente aproveitei melhor.*”

No modo de cada um falar acerca da *competitividade*, revela-se o seu posicionamento face a ela. No caso do Elias é notório que atribui a competitividade à pressão paterna e torna-se mais que evidente que essa pressão está relacionada ao fracasso a que o Elias se sente destinado: “(...) *pressão que não é necessária e também não traz muito de bom... (...) se for exagerado, (...) as pessoas começam a desistir. Eu fazia vela e se calhar agora já não faço porque...*”. A ele lhe faltam atributos que o permitiram competir ou ir a favor da pressão motivada pelo olhar paterno e pela exigência paterna, o que se vê pela forma como fala das actividades que deixou pelo caminho: “(...) *eu desisti da música (...) não conseguia.*”. No Desporto: “(...) *não me safei*”. A saída para as solicitações paternas parece ser o reforço da incapacidade.

Por seu turno, a Eunice parece encontrar outra saída, que é ser o mais semelhante com a vontade paterna que consegue, *aproveitar melhor as oportunidades*, ser a melhor dos três.

A Débora reconhece o desejo do pai de que ela própria seja como a irmã mais velha: “(...) a minha família gosta de me comparar bastante com a Eunice porque digamos que ela se está a sair bastante bem a nível escolar, está no curso em que está, e é muito bom, mas o meu pai acaba por ser um bocadinho rígido demais, porque ele quer que nós sejamos como ela. Quer que sejamos daquela maneira (...) sejamos como ela, estudemos como ela, façamos tudo como ela faz (...)”. Este tema assim configurado surge vezes repetidas ao longo da narrativa da Débora: “(...) tens de ir para um curso de línguas, que a tua irmã também fez isto e aquilo.”; “(...) o meu pai já me disse que a minha irmã estuda muito mais do que eu e como é que eu não me sinto mal (...)”.

Em face destas solicitações paternas permanentes de assimilação à irmã mais velha, a Débora não cede e é por oposição que encontra uma saída: “*Eu não tenho de fazer aquilo que os meus irmãos fazem e aquilo que ele [o pai] quer que eu faça.*”

Parece evidente que esta tentativa de distanciamento do desejo parental e ao mesmo tempo das representações fraternas acarreta em certa parte uma perda de referências para a Débora que poderá vir a ter expressões na sua identidade. No momento presente, ela preocupa-se em marcar a diferença entre si e os seus irmãos. Assinala a competitividade em ambos e denuncia-a, desta vez em relação a uma prima aprendiz da língua chinesa e também da alemã: *O meu irmão (...) tem de se zangar, tem de mandar à cara «não, ela não fala, é impossível ela falar.»*; e a irmã disse: “(...) isso é mentira, ela não fala” e têm sempre de julgar uma pessoa, nunca podem, nunca podem, sei lá, pá *«ainda bem que falas», não sei, têm sempre de dizer a opinião, mas a opinião tem sempre de ser alguma coisa má.*”

Em suma, a competitividade na fratria Branco é altamente estimulada pelo pai, que além de premiar constantemente aquilo que considera serem “sucessos”, convida os filhos a destacarem-se nas mesmas actividades. Assim, mais que pelo amor do *objecto de amor*, esta competitividade parece orientar-se pela conquista de um lugar de si que só pode ter relevo se for junto da figura paterna, que o confirma e reafirma. Porém, parece esse lugar não estar ao alcance de todos na fratria: enquanto a Eunice se destaca por responder positivamente às solicitações paternas, o Elias parece estar condenado ao falhanço e a Débora constrói-se como se de um negativo se tratasse: por oposição ao projecto paterno – por oposição à irmã. Porém, este carácter “contrário” explicita precisamente o desejo de pertença a esse lugar inalcançável.

8.4.3. Expressões da diferenciação

Uma das características no discurso da fratria são as ressalvas que cada um dos irmãos faz no sentido de marcar uma diferença em relação a um dos outros ou a ambos. A Eunice começa por falar, nos momentos iniciais da sua narrativa, sobre uma certa distância que sente em relação aos seus irmãos e que atribui às diferenças que entre eles se observam: “*não gostamos das mesmas coisas (...) sei lá, se calhar não gostamos de jogar as mesmas coisas*”. Neste dizer, a Eunice dá conta de que fantasia com um tipo de relação superficial em que a aproximação se faz por meio de elementos em comum.

Diferencia-se também dos irmãos pelas diferenças que imagina existirem entre eles na forma como se relacionam com as figuras parentais: “*(...) acho que cada um de nós tem uma relação muito diferente com o meu pai e com a minha mãe. O meu irmão admira muito o meu pai mas dá-se melhor com a minha mãe. Eu dou-me melhor com a minha mãe. Eu gosto de falar com o meu pai (...) a minha irmã dá-se bem com os dois e às vezes também se zanga com os dois (...)*”. Ao falar nas diferenças de relação com os pais entre os irmãos, a Eunice introduz a importância que estas figuras têm na dinâmica fraterna.

Por seu turno, a Débora não evoca as figuras paternas e refere-se abertamente aos irmãos: “*(...) a minha relação com a minha irmã é um bocadinho melhor que com o meu irmão. Se calhar é um bocado porque ela é rapariga e é um bocado mais velha (...) o meu irmão (...) como ele é rapaz as coisas são um bocado mais complicadas.*”. São as primeiras ideias que a Débora profere em relação aos irmãos – de que se dá melhor com a irmã por ser rapariga, como ela própria, e *um bocado mais velha*, e menos bem com o irmão porque é *rapaz*. Desta maneira, a Débora deixa transparecer que a relação é melhor quando as diferenças são menores entre os irmãos. Contudo, a parte mais evidente das suas expressões de alteridade parece cumprir uma função de destaque de si própria na fratria como *diferente* dos irmãos. Essa diferença parece ter-se constituído desde cedo: “*(...) quando eu era pequena andavam a chamar-me croma nas minhas costas (...) parece que às vezes querem mudar-me (...) eu gosto de ser como sou, eles têm é de lidar com isso.*”. Assim, a Débora faz referência a uma diferença entre si e os irmãos que interpreta como uma dificuldade de a aceitarem como é, como se ela própria sentisse que transporta uma espécie de elemento que põe em causa um equilíbrio relacional e dinâmico mantido pelos irmãos: “*Se calhar fui eu que já aprendi um bocadinho a ajustar àquilo que eles queriam.*”.

A Débora explora largamente essa lógica distinta da lógica a que os irmãos recorrem. Diz desta maneira: “(...) *nunca tentam entender (...) eu (...) tentava sempre ver o lado bom nas pessoas (...) e os meus irmãos são mesmo assim, acham que as pessoas têm segundas intenções, nunca são boas por si mesmas (...)*”. Na seguinte passagem, o assunto é clarificado: “(...) *eles vão começar a julgar. Porque é o que eles são.*”. A Débora assume que as lógicas usadas por si e pelos dois irmãos em conjunto, inerentemente diferentes, estão enraizadas em qualquer coisa de essencial dos irmãos que define e é definida pelo que *eles são*. Adianta que deseja “*não ficar a ser como eles. Digamos que eu não gostava de como eles me faziam sentir (...) não faças aos outros o que não queres que me façam a mim.*”. Neste dizer, a Débora revela que o movimento de distinção partiu dos irmãos pela forma como a *faziam sentir* e, mais ainda, dá nota que é no intra-familiar, no intra-fraterno, que se encontra o problema. Neste sentido o discurso dos irmãos é bem diferente.

A Eunice conta, a respeito do irmão: “*Ah, vou buscar o não sei quantos, vamos à praia. E eu: «O quê? Eles só te convidaram para ir à praia para tu lebares o carro! Vais ser o motorista!» (...) eu não sou motorista, não é (...) Não percebo como é que o meu irmão se pode dar com pessoas assim, ou como é que não vê que lhe podem fazer o mesmo a ele, e que fazem, com certeza absoluta.*”. Neste fragmento é notório que a Eunice representa as relações interpessoais como estando ancoradas nos benefícios funcionais que uma das partes pode obter em relação à outra e transparece a representação de fragilidade que tem do irmão. Além disso, e ao contrário da Débora, atesta que é fora que está o problema: nos amigos, nas pessoas de fora. Existe uma passagem no discurso do Elias que parece ser desta análoga por enaltecer as qualidades do intra-familiar em relação ao extra-familiar, fazendo uma crítica da atitude da irmã mais nova: “(...) *é muito influenciável, consegue ser muito influenciada pelas pessoas. E então muitas vezes tentamos ajudar e ela acha que já sabe tudo, principalmente os pais, a dizer-lhe o que é que tem de fazer, e ela acha (...) que as pessoas é que a ajudam. As pessoas, as outras (...)*”.

Ainda com respeito ao tema das relações de funcionalidade, os testemunhos de cada um dos irmãos permitem formular uma hipótese compreensiva. A Eunice, mais claramente embebida nas solicitações paternas e na correspondência ao ideal paterno, é levada a movimentar-se num mundo relacional onde as pessoas são valorizadas, e valiosas, por aquilo que fazem, o que constitui um conjunto de atributos externos à pessoa, equiparáveis ao *carro* do Elias que leva os amigos à praia. A Débora, mais liberta de corresponder aos ideais instituídos, critica o modo de relação funcional e considera-se capaz de observar além disso e

de dirigir a sua atenção para o interior das pessoas: “(...) *eu tento perceber porque é que ela [uma pessoa qualquer] fez isso, tento perceber o que é que se passou para ela fazer isso, tento perceber alguma coisa e assim pode me levar a ver que afinal aquela característica não é tão má como parecia à primeira (...) ver para dentro das pessoas.*”.

Sente que não pode ser como é porque não quer ser como eles são e marca em permanência a diferenciação no seu discurso: *É um facto, uma coisa que me irrita, o facto de não me deixarem ser como sou, digamos assim... não há aqui segundas intenções, deixem-me viver como eu sou, e também é o facto de muitas vezes eu ver, por exemplo, a minha família é uma família de engenheiros (...) o meu irmão ‘tá a tirar Engenharia, a minha irmã ‘tá a tirar Engenharia, os meus pais tiraram Engenharia, para que é que eu me quero relacionar com uma coisa assim?*”

Esse estatuto de “estrangeira” também é reconhecido pelos irmãos da Débora, nomeadamente pela Eunice, que pontua o seu discurso com referências a esta irmã tão diferente de si: “(...) *a minha irmã é completamente ao contrário (...) não quer saber do que é que ninguém pensa (...) expressa-se dessa maneira, como se nós fôssemos entender do que é que ela está a falar.*”. São alguns exemplos que em marca de água ocultam e revelam alguma admiração e um desejo de a igualar ou de se assemelhar a ela: “(...) *ela está mesmo chateada, mas não se vê (...) de maneira nenhuma (...) arranja sempre alguma coisa para ela se entreter.*”; “(...) *não se deixa afectar por a outra estar ali a mandá-la calar! (...) Não somos nada iguais. (...) a minha irmã aparentemente não tem o mesmo problema que eu. Mas eu tenho esse problema. E para mim esse problema é tão grande que eu não percebo se é possível que ela não o tenha de maneira nenhuma.*”

Bem contrária é a forma como a Eunice se refere ao irmão Elias, como alguém a quem faltam atributos para conseguir suceder: “*Ele não consegue fazer as cadeiras... e para mi é um bocado desesperante como é que ele ainda não mudou de curso. Porque é óbvio que ele não tem motivação para estar ali (...)*”; “*E o meu irmão faz o que acha que tem de fazer.*”; “(...) *ele é claramente uma pessoa que não quer fazer nada e quer ganhar rios e rios de dinheiro...*”; “*Ele cansa-se mesmo, eu às vezes vejo-o a pensar no que ainda falta e a desistir.*”. Assim se vê como a Eunice coloca o irmão num lugar de passividade. A Débora representa-o no mesmo sentido quando conta: “(...) *o meu irmão não sabe dizer “Não (...) não quero (...)*”. Encontra no irmão uma falha que ela se sente capaz de suprimir: “(...) *eu até tentava ajudá-lo (...)*”; “*Não queria vê-lo passar por aquilo outra vez (...) não porque gostava mas sim porque era uma coisa que eu e a minha irmã fazíamos e então ele também*

tinha de fazer.”. Também o próprio Elias parece aperceber-se da diferença entre si e as suas irmãs e atribuí-la a uma falta de atributos próprios: “*Eu desisti (...)*”; “[a Eunice] *dá-me ajuda, mesmo ela diz que se eu precisar de ajuda ela dá-me ajuda (...)*”

Em suma todos os três se consideram diferentes entre si e dessas diferenças múltiplas deriva o último grande tema que destacámos das suas narrativas: a impossibilidade de conquistar o lugar junto de um pai que reconhece e garante a existência e o valor aos filhos. Nessa impossibilidade, cada um dos filhos parece querer diferenciar-se, o que se nota com maior evidência da parte do Elias e da Eunice em relação à Débora e vice-versa. A Eunice afirma a sua diferença pela superioridade, ao passo que o Elias o faz pela inferioridade. De uma maneira bem diferente, ainda que com elementos de ambas, a Débora cria uma fantasia de não-pertença à mesma família psíquica que os irmãos.

8.4.4. A proximidade e o afastamento afectivo na fratria

No dizer da Eunice, com nenhum dos irmãos a relação é próxima: “*(...) diria que não tenho... uma relação muito próxima com nenhum deles.*”. Atribui essa falta de proximidade na relação com uns irmãos a um desconhecimento: “*Eles não sabem tudo da minha vida e eu não sei tudo da vida deles.*”. O elemento de aproximação que coloca também nesta fase da entrevista é o facto de fazerem todos desporto: “*(...) nós sempre fizemos desporto (...) nunca estivemos ao mesmo nível.*”. O Elias fala também no desporto como um factor de união entre os irmãos: “*(...) fizemos sempre desporto os três, quando começámos um desporto foi sempre os três.*”. Não só o desporto, mas também a convivência: “*À medida que uma pessoa vai passando mais tempo, consegue dar-se melhor.*” Por sua vez, a Débora começa por referir que tem uma melhor relação com a irmã, “*por ser rapariga e um bocado mais velha*” e pior com o irmão *por ser rapaz*. Assim se nota que atribui a proximidade na relação a factores que considera assemelharem-nos (como neste caso o género). É uma característica que em primeira instância se anuncia como comum entre os três: recorrem a factores externos a si, pouco subjectivos, para caracterizarem a aproximação: o Desporto e o género.

Porém quando a Débora explora a relação, revela ter de facto uma relação mais paritária e rica com o irmão, o que transparece quando conta dos jogos electrónicos que jogavam em conjunto: “*(...) ajudávamo-nos mutuamente (...)* Jogávamos bem em equipa.”. Desta maneira, a Débora efectua um apelo à proximidade que ganha forma através da

cooperação. Esse elemento é também destacado pelo Elias quando diz que *“ser irmão é estar presente quando as minhas irmãs precisam, qualquer coisa que elas necessitem ou que eu necessite, apoiamo-nos uns aos outros (...) qualquer problema que tenham.”*. Assim o Elias dá nota de que a união fraterna é um recurso e coloca esse recurso no campo da *necessidade*, o que também transparece quando se reporta ao tempo em que viveu noutra cidade com a irmã Eunice: *“(...) obviamente se ela não tinha mais ninguém para falar e eu não tinha mais ninguém para falar, íamos falar.”* A Eunice fala na união em contextos de briga: *“Para nos darmos bem aqui em casa tem de haver outra pessoa ou um assunto qualquer que nos irrita profundamente e então nós partilhamos o nosso ódio.”*, como por exemplo o pai. Novamente a Eunice recorre à figura paterna como um elemento de aproximação na fratria. *“Ficamos amigos durante um bocadinho.”*

Ao destacar a união enraizada na discórdia em relação a elementos exteriores, a Eunice revela-nos mais um aspecto: é que a união dos irmãos pode ser desvantajosa para si: *“(...) às vezes unem-se contra mim! (...) é a tal história de alguma coisa que nós não gostamos e unimo-nos contra isso.”*. Nas alturas em que os irmãos não gostam dela, unem-se contra si.

Quando se trata de falar na união, como vimos, a Eunice coloca o pai. Por se desagradarem com o pai os irmãos unem-se; unem-se por terem de passear os cães que o pai trouxe para casa; unem-se por fazerem o mesmo desporto, que o pai os pôs a fazer. Porém, coloca também a mãe na referência à união na fratria como ponto aglutinador e fonte de afecto: *“(...) às vezes somos carinhosos uns para os outros. Com a minha mãe. Deitamo-nos todos na cama da minha mãe e começamos aos beijinhos e aos abraços.”*

Para a Débora, apesar de não se referir directamente ao afastamento, fala várias vezes na diferença, deixando intuir que as diferenças entre si e os irmãos, não só concretas mas aquelas que por eles são percebidas e vividas, não permitem uma aproximação volumosa entre os três, ou entre ela e os outros dois.

A Eunice, do seu lado refere-se abertamente ao afastamento que sente em relação aos irmãos: *“Sempre jantámos cada um à sua hora (...) não nos sentávamos todos à mesa à mesma hora a comer (...) às vezes nem a mesma coisa comemos. Nem sabemos o que é que cada um jantou.”*; *“Eu agora sei a que horas é que ele vai para Lisboa porque ele vem comigo de carro e sei quando volta porque ele volta comigo. Mas não sei com quem ele almoçou, não sei que cadeiras é que ele tem, não sei que testes é que ele tem... Não sei nada. E da minha irmã também não.”*

De um modo abrangente vimos como a dialética proximidade-afastamento é representada na fratria. A Eunice fala num afastamento manifesto que atribui a uma passividade da sua parte associada a um “*não saber*” que é ao mesmo tempo a solução do seu desconforto: Se soubesse, resolveria. Um afastamento que só em contextos de briga se dissipa, podendo, no entanto, virar-se contra si. Esta dialética parece ser, para a Eunice, impregnada de elementos parentais que introduz por associação quando a ela se reporta, o que dá conta da intensidade com que as imagos parentais estão presentes na sua experiência. Esses elementos, podemos pensar, são responsáveis pelo afastamento. O Elias destaca uma aproximação com as irmãs que traz a necessidade de *ajuda* como pano de fundo.

Evidentemente que para todos os três a competitividade é um tema que os afasta, uma vez que leva cada um a avolumar as características que os diferenciam e não parece existir uma base suficientemente sólida de relação na diferença.

Ao fim, fica a impressão de uma relação realmente não muito próxima representada na narrativa do Elias da seguinte maneira: “(...) *nós não temos nem grandes episódios nem grandes sobressaltos... acho que não há assim grande história.*”

9. DISCUSSÃO

Na sequência do levantamento dos conteúdos que das elaborações do discurso dos participantes se destacam, procede-se a uma discussão desses conteúdos. Essa discussão compõe-se de uma articulação dos elementos destacados com propostas compreensivas, inscritas no quadro da teoria psicanalítica, em consonância com os objectivos traçados de compreender de que forma os processos psíquicos que ocorrem pela, e na, relação fraterna moldam a identidade de cada um dos irmãos.

Para compreender a dinâmica e a forma como os processos identitários são experienciadas na fratria pelos participantes é necessário primeiro perceber os processos essenciais à criação de si através da relação de um mesmo com um outro de genealogia comum, ao qual o próprio se identifica e do qual ao mesmo tempo se diferencia. Como anteriormente frisámos, a relação do sujeito com um duplo narcísico é um importante subsidiário no processo de construção identitária (Ferrari, 2000; Ganem & Hassan, 2013; Kaës, 1993, 1998, 2008; Miermont, 2000; Rhode, 2005). É em direcção a esse mesmo duplo, ao mesmo tempo igual e distinto do sujeito, que se vão desdobrando processos de identificação e diferenciação que vão desembocar no cimentar da identidade do próprio e, por conseguinte, no acesso à noção de alteridade (Bourguignon, 2000; Brusset, 2008; Ferrari, 2000). Ora a representação primeira de um tal duplo narcísico, ao mesmo tempo primeiro representante da alteridade na experiência individual, é precisamente o irmão (Ganem & Hassan, 2013). Contudo esses processos não encontram terreno para germinar se não existir elaborada uma representação de si e da relação com os outros (Levinas, 2000; Minolli, 2004).

Desta forma, em primeira instância, tornou-se claro que os participantes são capazes de representar tanto a fratria como as relações fraternas. Vamos dar conta de algumas dessas referências, à fratria e às relações fraternas, para de seguida compreendermos de que forma recorrem a essas construções, de carácter mais ou menos conjunto, na estruturação identitária.

A representação que a fratria Maia faz do conjunto fraterno tende a ser comum entre todos os irmãos: um espaço de reciprocidade e de próximas relações de afecto – “ (...) *eu acho que nós somos bué unidos. Nós damo-nos bué bem em tudo (...) divertimo-nos juntos (...)* ” (Amélia); “ (...) *ficámos para sempre bué unidos, para sempre (...)* damo-nos sempre bem (...) *a nossa relação de irmãos é muito melhor do que muitas outras.*” (Fausto); “ (...) *a minha relação com os meus irmãos é boa (...)* ser irmão (...) *é partilhar.*” (Rúdi). Na fratria Branco as referências à classe fraterna parecem ser menos nítidas e menos sonantes entre si, o

que deixa intuir a ausência de elaborações conjuntas de significações e simbolizações do fraterno: “*Não gostamos das mesmas coisas.*”; “*(...) não tenho uma relação muito próxima com nenhum deles (...)*”; “*(...) não sei nada da vida deles.*” – Eunice; “*(...) ser irmão é estar presente quando as minhas irmãs precisam, qualquer coisa que elas necessitem ou eu necessite, apoiamo-nos.*”; “*Não temos grandes episódios nem grandes sobressaltos... acho que não há assim grande história.*” – Elias. A Débora, por sua vez, em momento algum se refere a si e aos seus irmãos como um colectivo. Destaca um lugar onde inclui os irmãos, porém mantém-se à distância, apesar de se poder aproximar se tiver movimentos activos nesse sentido: “*(...) os meus irmãos são mesmo assim, é o que eles são (...)* já aprendi um bocadinho a ajustar àquilo que eles queriam.”.

Mais do que serem capazes de representar a fratria, como dissemos, os participantes são capazes de representar as relações fraternas nas quais tomam parte: “*(...) eu faço com o Rúdi, mas com o Fausto nunca faço (...)*”; “*(...) dou-me melhor com o Rúdi.*”; “*(...) com o Fausto tenho uma relação mais de igual.*” – Amélia; “*(...) eu acompanho mais o meu mano no basquete.*” – Fausto; “*(...) gosto muito de ‘tar com ele [o Fausto]*” (Rúdi); “*(...) a minha relação com a minha irmã é um bocadinho melhor que com o meu irmão.*” – Débora; “*(...) dou-me melhor com ela [Eunice] porque passo mais tempo com ela.*” – Elias. Mas para além de serem capazes de conceber diferenças de relacionamentos onde eles mesmos têm lugar, são também capazes de se referir às relações diádicas entre os irmãos nas quais não participam, o que indicia o acesso à triangulação: “*(...) o Fausto e o Rúdi é que têm bué cumplicidade (...)* fazerem tipo *ceias de rapazes.*” (Amélia); “*Eu fiquei um bocado mais de fora e eles [a Amélia e o Rúdi] ficaram mais juntos.*” (Fausto). Apesar de na fratria Branco não haver evocação directa das relações diádicas entre os irmãos por cada um dos participantes, ressalta uma característica na Eunice e na Débora que consiste em aproximar os irmãos num conjunto no qual cada uma não faz parte. A Eunice conta: “*Às vezes viram-se contra mim!*” e a Débora diz: “*(...) quando eu era pequena andavam [o Elias e a Eunice] a chamar-me nomes nas minhas costas*”; “*(...) gostam de julgar as pessoas e eu não gosto muito disso.*”.

Estas anotações relativas ao reconhecimento de relações diferentes entre os irmãos – isto é, uma relação entre-dois da qual o próprio não participa mas consegue observar – fazem surgir referências aos irmãos como objectos de identificação e também de diferenciação, logo participantes na estruturação identitária. A possibilidade de conceber representações da fratria e das relações fraternas parece-nos ser essencial para compreender a construção identitária na fratria, uma vez que por alcançarem a esfera da representação, as relações fraternas se

revelam como poderosamente significativas. Com efeito, o fraterno compõe-se entre a dimensão narcísica – que consiste na identificação ao irmão como semelhante, pertencente à mesma geração e com a mesma ancestralidade real, porém também imaginária e simbólica – e a dimensão do reconhecimento da alteridade (Kaës, 1993). Essa coexistência de dimensões narcísica e objectal no espaço do fraterno justifica a concomitante ocorrência de processos de identificação e diferenciação. Esses processos podem ocorrer em simultâneo e num movimento (quase) único, como acontece por exemplo com a Amélia. Em certos momentos, quando se identifica ao Rúdi, esboça ao mesmo tempo uma diferenciação entre si e o Fausto: “*O Rúdi é mais parecido a mim (...) sentido de humor mais parecido e somos mais calmos, gostamos de ‘tar em casa, não temos que ‘tar sempre a sair, gostamos das mesmas coisas (...) mais parecidos em tudo.*”. Por contraposição, o Fausto: “*(...) ‘tá sempre a sair, ‘tá sempre a falar, ‘tá sempre a ouvir música, tem bué energia (...)*”. O Fausto também recorre a esse movimento “bi-valente” que lhe permite identificar-se com o irmão e ao mesmo tempo distanciar-se da irmã quando diz: “*[eu e o Rúdi] temos mais interesses em comum [do que eu e a Amélia].*”. No caso do Rúdi a identificação ao irmão mais velho expressa o desejo de como ele gostaria de vir-a-ser: “*(...) ficava a querer um dia ser como ele (...)*”. Porém, nesse mesmo desejo de vir-a-ser como o Fausto, está presente o desejo de o ultrapassar: “*(...) em um dia já lhe apanho (...)*”. Este movimento de admiração do “rival” com desejo de o transcender tão característico das referências à fase do complexo de Édipo está bem presente na relação entre o Rúdi e o Fausto e na forma como o mais novo vê o irmão.

Com respeito à fratria Branco, são os processos de diferenciação que pairam com uma densidade maior, apesar de mecanismos identificatórios também em surdina se fazerem notar. A Eunice vai revestindo a sua narrativa de comentários sobre características que referencia aos irmãos, como se vê na passagem: “*[o Elias] muito pouco confiante (...) tem uma grande necessidade de aprovação externa (...) a minha irmã é completamente ao contrário (...) não quer saber do que ninguém pensa (...) eu acho que estou no meio.*”. Nesta composição de excertos, que de um modo de se caracterizar é um exemplo, a Eunice encontra um compromisso que lhe permite disseminar representações contrastantes de si própria, e por isso conflituais, sobre a representação dos irmãos. Assim se vê que no caso da Eunice a fratria permite uma estabilização da representação de si despojada de elementos conflituais que o seu aparelho psíquico não teria condições de gerir. A finura desse mecanismo faz notar as dificuldades patentes. A dificuldade de se identificar é de tal ordem, que a Eunice põe em marcha mecanismos para falar sobre si de duas diferentes formas: por um lado, define-se por

oposição àquilo que reconhece nos irmãos: “*Não gostamos das mesmas coisas.*”; “*(...) eu acho que era isso que ia fazer se fosse comigo (...). Não somos nada iguais. (...) a minha irmã aparentemente não tem o mesmo problema que eu, mas eu tenho esse problema.*”; pelo outro, agrupa os irmãos num lugar unitário a partir do qual se opõem a ela: “*(...) às vezes eles ainda se unem contra mim!*”. A Débora faz uso do mesmo processo de forma muito evidente ao longo do seu relato apesar de marcar abertamente uma posição diferente em relação aos seus irmãos nesse movimento: “*Os meus irmãos gostam de julgar as pessoas e eu não gosto muito disso.*”; “*(...) nunca olham para dentro deles (...)* [eu consigo] *ver um bocado mais para dentro das pessoas (...)* [a forma como eles me tratavam] *fez-me não ficar a ser como eles.*”. O Elias jamais seria capaz de se definir pela diferença, o que se intui pela importância que atribui às referências externas, revelando a fragilidade das referências internas. O facto de atribuir à Débora o lugar de “dissidente” fá-lo unir-se mais à Eunice por identificação e junto da irmã “vitoriosa” constituir um lugar mais sólido: “*(...) dou-me melhor com ela [Eunice] porque passo mais tempo com ela.*”; “*(...) muitas vezes tentamos ajudar e ela [a Débora] acha que já sabe tudo.*”.

Os processos de identificação e de diferenciação de que até então temos vindo a dar conta ocorrem, com efeito, no seio da fratria, o que coloca a fratria num lugar de destaque no que concerne à construção identitária, como este trabalho vem mostrando. A identidade é o corolário de um vasto e contínuo processo de identificações e diferenciações dirigidas a pessoas exteriores que resultam depois na apropriação de papéis, funções, atributos e estilos relacionais que compõem o lugar do si no mundo (Aulagnier, 1991; Kernberg, 2006). Assim, a construção identitária é um processo complexo pelo qual, na relação com diferentes sujeitos, o próprio acede às semelhanças e às diferenças entre si e eles numa apreciação progressivamente mais autêntica de si (Kaës, 1998) e estável ao longo do tempo (Feldman, 1996). Esse processo ocorre na fronteira entre uma dimensão sincrónica do sujeito, de afiliação num grupo de relações horizontais, e uma dimensão diacrónica do sujeito, relacionada com a história do sujeito e os sentimentos de filiação (Miermont, 2000).

É nessa consideração da importância da dimensão filiativa, nomeadamente na adolescência e início da fase adulta (Marques, 2001), que atribuímos sentido às referências às figuras parentais (Roman, Drevon, Billon-Galland, & Chappaz, 2004) que tantas vezes ecoam no discurso dos nossos participantes. De acordo com Kaës (1998) existe uma fracção “estável” da identidade que se compõe como assento narcísico de base a partir do qual a criança adquire a noção de suporte, o que é capaz de assegurar uma raiz identificatória. Essa

parte “estável” é uma garantia da continuidade do existir, pela associação com a inscrição numa linhagem que liga o próprio à ascendência e pela partilha de conteúdos inconscientes – crenças, projectos, mitos familiares – entre gerações. Assim, os membros de uma fratria encontram-se à partida unidos por uma espécie de contrato narcísico de pertença ao mesmo grupo e à mesma filiação (De Mijolla, 1981; Jeammet, 2000). Essa inscrição é nos participantes do presente estudo muito evidente. Os reaparecimentos de referências, nomeadamente à figura do “pai” nos relatos de todos os participantes deixam intuir a importância desta figura na construção identitária, quer pelos elementos transmitidos por uma ordem simbólica apenas pela inscrição filiativa, quer pelos elementos que surgem e se modificam nas interacções fraternas, ficando gravados no psiquismo de cada qual.

Vejamos a presença da figura do pai no caso da fratria Maia. Quando evocam o pai, associam as dimensões de estabelecimento de limites e de transmissão do afecto. Falar no estabelecimento dos limites no caso do pai da fratria Maia é o mesmo que dizer sobre o reposicionamento dos lugares quando no equilíbrio dinâmico das relações fraternas os participantes tendem a ocupar lugares que não são os seus. Isso acontece, por exemplo, quando a Amélia faz uma incursão no universo do desejo parental para revelar que o irmão mais novo não teria sido desejado. Nessa situação, o pai vem de facto trazer a Amélia de volta ao seu lugar de filha. Nas suas palavras: “ (...) o meu pai veio dizer-me que eu não devia ter dito aquilo (...) ”. Também para o Fausto o pai é apreendido dessa maneira: “ (...) quando vê que a gente ‘tá a abusar um nadinha, dá uns abandonês. ”. Assim, o pai da fratria Maia surge como elemento que vem clarificar os papéis de cada um ao mesmo tempo que se oferece como modelo de identificação. Segundo a Amélia, o pai satisfaz prontamente os seus desejos: “ (...) ontem ‘tava-me bué a apetecer comer brigadeiro. E então liguei ao meu pai e disse para ele trazer e ele foi logo a correr comprar. ”, e é dessa maneira que ela mesma se comporta em relação aos irmãos: “ (...) eu já sei o que eles vão pedir... tipo... para trazer uma mantinha ou fazer um chazinho, ou vão pedir boleia (...) ”. Também o Fausto se identifica ao pai na dimensão fálica: “ (...) pensam sempre que eu sou o mais velho e isso já é tipo um reflexo mais tipo mesmo da cena (...) eu é que me ponho à frente, cenas tipo de homem da casa. Sei lá. Tentar chamar à razão (...) ”, e também na dimensão continente mais acordada ao materno, mas que contudo emana da figura do pai. Quando o Fausto refere no início da entrevista ser “o mais irmão dos irmãos” está a identificar-se à figura do pai que, esclarece no fim, “é o elo de ligação de tudo”.

As referências da fratria Branco ao pai revestem quase todo o discurso da Eunice, do Elias e da Débora. Porém este pai é apreendido num lugar bem diferente que o pai da fratria Maia. Trata-se aqui de um pai autoritário que ao invés de reposicionar os lugares dos filhos na dinâmica relacional familiar, determina os lugares que estes ocupam de uma forma estática e desnarcisante que ao mesmo tempo tem traduções no modo dos filhos se relacionarem entre si. Este pai é descrito como: autoritário, ou seja, pretende ditar regras rígidas que ditem as ações e a satisfação do prazer nos filhos à luz das suas próprias referências – *“Ele acorda cedo e depois quer que as outras pessoas acordem todas cedo.”* (Eunice); *“ (...) ele diz que nós temos de ser produtivos, temos de passar o dia todo a fazer alguma coisa (...) ”* (Eunice); e descrito como desnarcisante – *“ (...) não me safei no desporto e o meu pai disse: «Olha, se tivesses continuado na música...» (...)”* (Elias); *“ (...) ele nunca diz «está bom» (...). Há sempre uma coisa qualquer que não fizeste e podias ter feito.”* (Eunice); *“ (...) veio dizer-me que eu não sou muito boa (...) «Ah, ‘tás fraca hoje» (...) ”* – e de um pai que estimula a competitividade entre os filhos: *“ (...) há sempre aquela competitividade e aqueles em que os pais vão fazer mais ou menos pressão.”; “ (...) o meu pai principalmente achava que ela [a Eunice] conseguia (...) fazem pressão que não é necessária e também traz muito de bom.”* (Elias); *“ [o pai] Quer que sejamos daquela maneira (...), sejamos como ela [a Eunice], estudemos como ela, façamos tudo como ela faz (...) ”* (Débora). Porém trata-se aqui de uma competitividade não pelo amor e reconhecimento do pai mas sim pela circunscrição de um lugar de si que não estimula a ocorrência de movimentos abertos de superação dos outros. Por outro lado, produz o sentimento de insuficiência num exercício de procura por corresponder ao ideal paterno ao mesmo tempo que produz movimentos de diferenciação. Porém essa diferenciação parece não ser bem aceite pelo pai, que *“ (...) não dá um grande leque (...) ”* (Eunice) de opções aos filhos e quer que todos aprendam o mesmo (Débora). Desta forma, a competitividade, ao invés de produzir rivalidade (e.g. Sharpe & Rosenblatt, 1994), produz um afastamento entre os irmãos e compromete uma tentativa constante de encontrar um lugar de si afastado da coisa parental (Débora) ou o fracasso constante, no caso do Elias, ou fantasias de fracasso no caso da Eunice.

Apesar de a Eunice ser da fratria a pessoa que, no olhar próprio e no olhar dos irmãos, melhor corresponde aos ideais paternos – *“ (...) eu geralmente aproveitei melhor (...) as oportunidades que ele [pai] nos dava.”* (Eunice); *“A Eunice principalmente era aquela que fazia vela mais competitivamente.”* (Elias); *“ [a Eunice] está a sair-se bastante bem a nível escolar, está no curso em que está e é muito bom (...); “[a citar o pai] «A Eunice ao menos*

estuda! A Eunice 'tá a fazer o Mestrado em Berlim!». (Débora). – e de não invocar abertamente a instauração paterna da competitividade na fratria, é a pessoa quem vem dizer que o pai é um elo de ligação entre os irmãos, assim como observámos no caso da fratria Maia. Conta: “Para nos darmos bem (...) tem de haver outra pessoa ou um assunto qualquer que nos irrita profundamente e então nós partilhamos o nosso ódio (...) por exemplo «Ai, o pai é assim, o pai faz isso.» É desta maneira que a Eunice dá conta de um dos elementos que de acordo com Freud (1913a) é soberano na constituição da identidade: o parricídio, que neste caso equivale à revolta dos irmãos em relação ao pai, que os une entre si – “Ficamos amigos durante um bocadinho.” (Eunice) – ao mesmo tempo que o torna mais poderoso. Tão poderoso que não pode não ser admirado. Além de se unirem na culpabilidade por terem cometido o metafórico parricídio, os irmãos unem-se, com efeito, na admiração e submissão a este pai - “Eu gosto de lhe pedir opiniões.” (Eunice); “O meu irmão admira muito o meu pai (...) imita-o.” (Eunice); “«Não me deixaste, quiseste que eu fosse para piano, então fui para piano...».” (Débora). – No caso do Elias, a admiração surge no discurso da Eunice – “O meu irmão admira muito o meu pai (...) imita-o.” – Esta identificação ao pai corresponde à sua devoração na refeição totémica que faz com que cada um dos irmãos adquira parte da força do pai e lhe reconheça a autoridade, apesar de esta poder surgir representada em figuras substitutas – “ (...) basicamente quem é mais velho e quem tem mais experiência dita mais ou menos as coisas.” (Elias).

Esse elemento dirige não só a relação dos irmãos uma vez que compromete uma procura constante de autoridade, quer na fratria: “ (...) é mais normal eu pedir à minha irmã mais nova para fazer algo do que à minha irmã mais velha (...). Há uma vantagem em ser mais velho aqui, claramente.” (Elias) – quer fora da fratria: “ (...) eu acho que o professor não é para ti porque acho que a professora certa para ti será (...); “ (...) o Paulo ‘tá contente comigo, fui das únicas pessoas que fez o trabalho de casa (...) ” – afirma a Débora quando fala do professor de piano e do explicador de Matemática, o que denota a procura de substitutos à figura paterna como referência.

Assim se vê que em ambas as fratrias o paterno é organizador e inscreve os participantes numa genealogia. Observámos também que em ambas as fratrias o pai impõe limites à identidade dos filhos. Porém, a função narcísica do complexo fraterno tem (também) um efeito estruturante e delimitador na formação do eu (Kaës, 1993).

De facto a história da fratria Maia é disso um bom exemplo. Notámos que antes de o Rúdi ter nascido, a Amélia e o Fausto estavam envolvidos numa espécie de unidade onde

eram duplo um do outro, o que surge no seu discurso: “ [eu e o Fausto] *dizíamos que íamos fazer experiências*” (Amélia); “ (...) *lembro-me mais de eu a correr com a minha irmã (...)* nos museus e assim.” (Fausto). Apesar de falarem dessa forma de um tempo em que o Rúdi ainda não existia, a separação surge no período da gravidez, como se nota pelas diferenças nas referências a esse período no discurso de ambos. O Fausto fala na alegria que sentiu, enquanto a Amélia conta dos seus prantos. Quando conta sobre a interação dos três, é como se ela própria se situasse num lugar diferente, mais próximo do lugar parental, a partir do qual *cuida* dos irmãos e prescreve regras de arrumação e limpeza. Então, o nascimento do Rúdi parece ter tido um papel determinante na forma como a fratria passou a organizar-se. A Amélia conta que foi o pai quem a consolou quando soube que não ia ter uma irmã, mas sim um irmão, dizendo-lhe que ela iria ser a “princesa da casa”. Desta maneira a Amélia pôde afastar-se do lugar dos rapazes e constituir um lugar para si de “princesa da casa”, contudo levada a desempenhar tarefas mais pertencentes ao universo parental. De facto verifica-se aqui que os irmãos ocupam um papel importante na colocação de limites à identidade por parte dos irmãos. Quando a Amélia exagera nas expressões de autoridade parental, que denunciam ao mesmo tempo a força do desejo de voltar ao seu lugar inicial junto do Fausto e ter um papel mais próximo dos rapazes assim como eles têm um do outro, o Fausto recoloca-a no seu lugar. São curiosas as referências fálicas que ela atribui ao Fausto, que dão conta de características eminentemente fálicas que são capazes de a projectar de novo para a *Lua*. O facto de a mãe se demitir visivelmente do seu papel para o ceder à filha cria para ela uma situação complicada de gerir uma vez que a sua posição na genealogia fica trocada, sobe um nível geracional. Isso acarreta para si a vivência de um conflito com a mãe que os irmãos percebem ao evocar um feminino tumultuoso por oposição a um masculino pacífico.

No caso da fratria Branco a presença do pai parece ser mais densa e impregnar os processos de construção identitária nos três filhos. O estímulo insistente à prossecução de um ideal paterno, condição da inscrição numa linhagem filiativa, ao mesmo tempo veda o acesso à fruição, à formulação do desejo e de relações satisfatórias. A força da correspondência ao ideal paterno é muito determinante na filha mais velha e surge mais mitigada na filha mais nova. Com efeito, a Eunice corresponde aos elementos do ideal paterno de uma forma tão acérrima que tem até dificuldade em se definir, o que a leva a desdobrar-se nos irmãos transformando as auto-referências em hetero-referências. O Elias, por outro lado, tenta também corresponder ao ideal paterno, porém em vão. Despoja-se de todos os atributos que lhe permitiriam dotar-se dessas características, o que compromete um fracasso permanente.

No caso da Débora, não tenta sequer corresponder ao ideal paterno e desidentifica-se de uma forma muito veemente, negando até a pertença à família psíquica dos pais, liderada pelo pai entendido como atacante e desnarcisante.

Assim se vê que em ambos os casos a fratria permite a organização da experiência de alteridade. No caso da fratria Maia essas movimentações permitem aos participantes uma série de identificações e diferenciações que permitem a co-construção do Feminino e do Masculino. Esses processos ocorrem por meio das interações que se iam estabelecendo entre os irmãos e os pais. No caso da fratria Branco verifica-se que as interações fraternas são mediadas pela (omni)presença de uma figura parental muito particular. O convite aberto à competitividade entre os três produz na nossa visão um elemento algo diferente do que vem sendo descrito na literatura como a competitividade motivada pela luta pelo amor e reconhecimento do objecto de amor. Neste caso a competitividade parece ser por uma identidade ao mesmo tempo reconhecida pelo próprio e pela figura paterna. Isso motiva um conflito permanente uma vez que esse lugar é inalcançável e compromete a estabilização da noção própria de identidade.

Outro aspecto muito saliente nas narrativas, que é comum a ambas as fratrias, é a escassez de referências ao materno. Estas surgem abertamente apenas no discurso das irmãs mais velhas, Amélia e Eunice, contudo de forma fugaz. Na narrativa da Eunice a mãe aparece colocada no plano da expressão do afecto: *“Deitamo-nos na cama da minha mãe e começamos aos beijinhos e aos abraços.”*. Posteriormente, as referências deixam intuir o carácter ambíguo desta figura ao opor a sua ousadia – *“(...) ela atreve-se mais e às vezes não corre bem.”* – ao seu carácter submisso – *“A minha mãe de uma maneira geral não dá opiniões (...) submete-se sempre.”*. Esta mãe parece ser apreendida num lugar indeterminado que remete à própria indeterminação da filha e ao permanente re-situar-se num espaço entre espaços na impossibilidade de se firmar num ou noutro. Somos autorizados a pensar que a relação com esta mãe possa então revestir-se de elementos que coloquem a Eunice em contacto com dimensões que dificultem uma estabilização da representação de si por terem no substrato vicissitudes subjacentes ao encontro e diferenciação com o feminino materno (Marques, 1999). O mesmo se poderá pensar a partir da narrativa da Amélia.

No caso da Amélia, a mãe surge como administradora de “recursos”, porém sempre na falta: na falta de saúde, a mãe sai *“(...) a correr do trabalho para ir comprar tipo griponal (...)”*; na falta de elementos associados ao Feminino, a mãe *“(...) gasta mais dinheiro [na Amélia] tipo em roupa e produtos (...)”* e afirma: *“Tás com pouca roupa, temos de comprar*

roupa para ti...”, ao invés do pai, que atende aos desejos da filha. Ao mesmo tempo que a presença desta mãe surge associada à falta, coexiste com uma representação de alguém que se demite, ou se deseja ver demitido, do próprio papel: “ (...) *mesmo que a minha mãe não ligue, eu já sei o que eles vão pedir (...)* ”. Neste excerto, a Amélia revela um lugar da mãe no qual ela “não [se] liga” aos desejos dos filhos, podendo a Amélia substituí-la prontamente, uma vez que a própria mãe “ (...) *fica bué contente (...)* *sozinha em casa, tipo a ler o jornal, sem ninguém a chatear.*”, quando a família tem planos em que não a inclui. Apesar de podermos formular uma compreensão das escassas referências à mãe por parte das irmãs mais velhas, não podemos deixar de dar nota da ausência quase completa da figura materna no discurso dos restantes irmãos. O Fausto e o Rúdi referem apenas as discussões constantes entre a irmã e a mãe, enquanto o Elias e a Débora não chegam a evocar a mãe. A insuficiência de elementos não nos permite reflectir acerca da função deste *apagamento* do materno com uma possível tradução no exaltar do paterno (Marques, 1999). Porém, é evidente que esse silenciar tem uma forte presença, o que sugere que atrás desse silêncio se revelem elementos verdadeiramente robustos que não podem ser ditos nem vistos, por isso feitos desaparecer (Marques, 2003). É nesse silencioso movimento de ocultação que a densidade do que é escondido se revela muito volumosa (Freud, 1913b). A necessidade de diferenciação que fervilha na adolescência e no início da fase adulta intui-se nos movimentos de aproximação seguidos do silêncio (quase) absoluto, já que falar da mãe pode significar ser como a mãe (Ladame, 1983).

Em conclusão, vimos aqui com muita nitidez dois movimentos identitários que correspondem a duas tendências contemporâneas, contudo opostas, que do laço fraterno se desenrolam: de um lado, as forças que tendem a unir os elementos do conjunto fraterno; do outro, as forças que os impelem a separar-se e a constituir um lugar único para si. Tantos os movimentos de aproximação como os de diferenciação são largamente influenciados por conteúdos inconscientes transmitidos pela geração parental que se manifestam na dinâmica da interacção familiar e se inscrevem na identidade de cada um.

10. CONCLUSÃO

Ao fim do trabalho foi possível testemunhar aquilo que no início já se anunciava: que a fratria não só compõe um espaço intersubjectivo no qual, e pelo qual, os sujeitos revelam arranjos identitários, como também estimula processos importantes à arquitectura desses mesmos arranjos. Esses processos emergem da relação com outros aos quais o próprio se identifica e dos quais ao mesmo tempo se diferencia e revela-se na relação com esse mesmo outro. Uma fatia dessa identificação fraterna é estável e prefigura-se no reconhecimento de uma genealogia comum e de conteúdos inconscientes – mitos, fantasias, desejos – que da partilha dessa ancestralidade emanam (Roman, Drevon, Billon-Galland, & Chappaz, 2004). É certo que um trabalho desta natureza é sempre eminentemente *incompleto*, porém, não poderia ser de outra maneira. A ambição enganosa de decifrar todos os elementos do discurso do sujeito levar-nos-ia a uma espiral interpretativa “sem fim” e à redução dos conteúdos a um “mínimo indivisível” que não seria senão artificial. Perder-se-iam as ligações entre uma ideia e outra, entre umas ideias e outras, e o lugar das ligações é onde reside a compreensão, mesmo que incompleta, do sujeito. Mas essa compreensão é fabricada no seio de um encontro intersubjectivo, com duas subjectividades, e mais as subjectividades que no interior de cada um se movimentam, num escutar o que de meu e do outro ressoa em mim neste encontro. Foi dessa maneira que se tornou possível aproximarmo-nos do objectivo do presente trabalho.

O objectivo do trabalho consistiu em caracterizar os referidos processos que tomam lugar na fratria à constituição da identidade e as enunciações dos mesmos por meio do convite à livre expressão individual, possibilitada pelo método da Entrevista Narrativa em Associação Livre. Este objectivo foi esboçado numa “ordem natural” que se seguiu à apreciação prévia dos conteúdos que se destacam das narrativas dos participantes e a uma revisão literária acerca do fraterno e da fratria, servindo ainda um propósito mais abrangente no âmbito da Psicologia Clínica: contribuir para estender a compreensão da construção identitária no tecido fraterno.

Os resultados colhidos sugerem que na fratria os processos identitários derivam no seu essencial de duas fontes. Por um lado, de conteúdos alocados ao parental que se configuram na partilha de uma genealogia comum e de uma herança familiar que se instaura no universo fantasmático de cada irmão e é recriado pela fratria no desenrolar – dinâmico – da interacção e pela partilha de experiências. Por outro lado, de emergências que decorrem da própria interacção, distinta dos conteúdos parentais, a qual é temperada simultaneamente por

mecanismos de identificação e diferenciação. Ambas as influências, quer as do universo parental quer as do eminentemente fraterno, culminam numa distribuição de papéis que permite a cada um constituir o seu próprio lugar e organizar-se face à diferença.

A análise do discurso dos participantes permitiu observar que em ambos os casos a ocupação de papéis admite a expressão do lugar que cada um ocupa enquanto se institui como *eu* na semelhança com o outro, mas também na diferença. Na fratria Maia essa diferença põe em confronto as dimensões associadas à constituição do Feminino e do Masculino no seio da fratria em que o parental apenas interfere pontualmente no auxílio do manuseamento da frustração. Na fratria Branco trata-se, por outro lado, de uma constante referência à diferenciação na (in)capacidade de corresponder a um restritivo ideal paterno. Por terem repercussões no arranjo identitário de cada um, estas influências reflectem-se igualmente nas relações interpessoais, fantasias e desejos de cada indivíduo. Em suma, no lugar que cada um ocupa.

Um lugar próprio que, propriamente, é, na verdade, vários lugares, além de ser o mesmo lugar. Com efeito, além de cada sujeito se confrontar em permanência com as questões inerentes à dialética da identidade-alteridade, confronta-se também com o facto de não ser sempre o mesmo. No caso da fratria Maia este elemento é bastante notório, por exemplo, no lugar que a Amélia ocupa quando está junto do irmão Fausto ou quando está com ambos. Porém o lugar da Amélia junto de cada um dos irmãos em separado não se apaga por completo quando na presença dos dois, contudo transforma-se. Assim, naquilo que este estudo nos permite discernir acerca das relações fraternas, o irmão é um outro que é diferente e igual ao próprio, que é igual e diferente de si mesmo.

Apesar de já ter sido explicitada, a especificidade do instrumento utilizado merece nesta altura um reforço. Por solicitar e encorajar a livre expressão, este método permite a obtenção de dados menos contaminados pelos quadros de referência do entrevistador e pelas investidas do entrevistado em se enquadrar nesses referenciais. Apesar de a linguagem falada ser parcialmente submetida ao controlo consciente, havendo sempre algum nível de estruturação inerente ao acesso dos conteúdos inconscientes à esfera da significação, as técnicas de condução da entrevista facilitam em larga escala as associações inconscientes. Desta maneira, a Entrevista Narrativa em Associação Livre é um método que permite o acesso a materiais que se encontram ligados por malhas inconscientes, num escrutínio do conteúdo verdadeiramente significativo do discurso do sujeito que em segunda voz se faz ouvir. Desta maneira, a concepção de sujeito na presente investigação coincide com o sujeito das

concepções psicanalíticas, o que confere ao estudo, inscrito numa abordagem psicanalítica, uma maior coerência.

O trabalho que agora chega ao fim caracteriza-se por duas principais virtudes. Em primeiro lugar, possibilita desenvolvimentos a um tema que tem sido pouco sujeito a elaborações teóricas. A larga maioria dos trabalhos existentes lança luz sobre as questões da rivalidade fraterna – pelo amor e, ou, reconhecimento do objecto de amor, mais frequentemente o pai e, ou, a mãe – e do deslocamento de conteúdos conflituais originalmente dirigidos às figuras parentais. Desta forma, uma parte significativa da investigação tem situado as relações fraternas num terreno quase indistinto do universo parental, o que deixa de parte uma fracção muito importante ligada aos conteúdos que emergem *da* interacção fraterna. Por colher dados no recurso a um método de livre expressão, sem apriorismos, este estudo fornece a hipótese de um olhar renovado sobre a realidade do que *está lá* e que, como vimos, marca a construção identitária de uma forma diferente.

Em segundo lugar, e numa segunda referência ao método, a Entrevista Narrativa em Associação Livre permite o contacto com conteúdos provenientes de sujeitos que não são pacientes de análise. Essa característica é introdutora de diversidade na investigação até agora produzida, cujos dados sobrevêm de contextos clínicos, numa profunda relação transfero-contratransferencial impregnada de elementos outros que explicitar não cabe no âmbito deste trabalho.

De futuro, poder-se-ia sugerir a condução de novos estudos desta natureza, com recurso ao método da Entrevista Narrativa em Associação Livre em populações fraternas diversas como gémeos, mono e heterozigóticos, fratrias de diferentes elementos, com o mesmo género ou com o género diferente. Em poucas palavras, quaisquer participantes fornecem à investigação contributos únicos, porque a especificidade de cada caso se encontra na inesgotável diversidade de cada um.

REFERÊNCIAS

- Abend, S. M. (1984). Sibling love and object choice. *Psychoanalytic Quarterly*, 53, 425-430.
- Agger, E. M. (1988). Psychoanalytic perspectives on sibling relationships. *Psychoanalytic Inquiry*, 8 (1), 3-30.
- Aronson, S. (2009). Am I my brother's keeper? Challenges for the siblings of autistic children. *Journal of Infant, Child and Adolescent Psychotherapy*, 8 (1), 49-56.
- Aulagnier, P. (1991). *Un interprete en quête de sens*. Paris: Payot.
- Baïetto, M.-C. (2010). La voix incorporée. *Analyse Freudienne Presse*, 17 (1), 57-68.
- Balint, A. (1945). Identification. *International Journal of Psychoanalysis*, 24, 97-107.
- Balsam, R. H. (1988). On being good: the internalized sibling with examples from adolescent analysis. *Psychoanalytic Inquiry*, 8 (1), 66-85.
- Benhaïm, D. (2008). Is there a sibling complex? *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 16 (2), 254-261.
- Berman, L. E. A. (1978). Sibling loss as an organizer of unconscious guilt: A case study. *Psychoanalytic Quarterly*, 47, 568-587.
- Bourguignon, O. (2000). Le complexe fraternel. *Journal de Psychanalyse de l'Enfant*, 27, 63-81.
- Brémond, B. (2010). L'institution du sujet, si elle existe, n'est autre que la destitution subjective. *Analyse Freudienne Presse*, 17, 95-112.
- Brusset, D. (2008). Le lien fraternel et la psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 347-382.
- Camus-Donnet, D. (2008). La fonction fraternelle. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 409-417.
- Charles, D. R., & Charles, M. (2006). Sibling loss and attachment style: An exploratory study. *Psychoanalytic Psychology*, 23 (1), 72-90.
- Charles, M. (1999). Sibling mysteries: enactments of unconscious fantasies. *Psychoanalytic Review*, 86 (6), 877-901.
- Christian, C. (2007). Sibling loss, guilt and reparation: A case study. *International Journal of Psychoanalysis*, 88 (1), 41-54.
- Coles, P. (2003). *The Importance of Sibling Relationships in Psychoanalysis*. London: Karnac.

- Colonna, A., & Newman, L. M. (1983). The psychoanalytic literature on siblings. *Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 285-309.
- Crehan, G. (2004). The surviving sibling: The effects of sibling death in childhood. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 18 (2), 202-219.
- De Mijolla, A. (1981). "Freud et le «complexe fraternel» en psychanalyse". In M. Soulé. *Frères et soeurs*. Paris: Editions ESF, 52-69.
- Dunn, J. & Kendrick, C. (1980). The arrival of a sibling: Changes in patterns of interaction between mother and first-born child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 21, 119-132.
- Druon, C. (2008). Un si petit frère qui tient déjà tant de place... . *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 469-484.
- Eiguer, A. (2000). L'échafaudage narcissique du lien fraternel. *Journal de Psychanalyse de L'Enfant*, 27, 261-275.
- Feldman, B. (1996). Identity, sexuality and the self in late adolescence. *Journal of Analytical Psychology*, 41 (4), 491-507.
- Ferrari, P. (2000). Le fraternel psychanalytique. *Journal de Psychanalyse de l'Enfant*, 27, 46-62.
- Ferrazzi, M. (2010). L'imitation, une impasse de l'identification. *Analyse Freudienne Presse*, 17, 11-23.
- Florence, J. (2010). L'identification impossible. *Analyse Freudienne Presse*, 17, 33-38.
- Frau-Frérôt, D. (2010). «Une passion» de suppléance: l'imitation. *Analyse Freudienne Presse*, 17, 25-32.
- Freud, S. (1900). The Interpretation of Dreams. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vols. 4 & 5, pp. 1-715). London: Hogarth Press.
- Freud, S. (1908). On the Sexual Theories of Children. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 207-226). London: Hogarth Press, 1975.
- Freud, S. (1909). Analysis of a Phobia in a Five-Year-Old Boy. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 7). London: Hogarth Press, 1961.

- Freud, S. (1912). The Dynamics of the Transference. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 97-108). London: Hogarth Press, 1958.
- Freud, S. (1913a). Totem and Taboo. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 1-161). London: Hogarth Express, 1955.
- Freud, S. (1913b). The theme of the three caskets. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 289-302). London: Hogarth Press, 1960.
- Freud, S. (1921). Group Psychology and the Analysis of the Ego. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 65-144). London: Hogarth Press, 1955.
- Freud, S. (1925). Soms Psychical Consequences of the Anatomical Distinction Between Sexes. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 19, 241-258). London: Hogarth Press.
- Ganem, R., & Hassan, G. (2013). Identité, fratrie et immigration: étude exploratoire sur les contributions dès relations fraternelles à la construction identitaire dès jeunes adultes immigrants au Québec. *Enfances, Familles, Generations*, 19, 108-126.
- Gonzalez-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desajios*. São Paulo: Thompson.
- Graham, I. (1988). The sibling object and its transferences: alternate organizer of the middle field. *Psychoanalytic Inquiry*, 8 (1), 88-107.
- Haas-Lyon, S. (2007). To do or undo? Siblings and hysteria. *Studies in Gender and Sexuality*, 8 (1), 1-25.
- Hayes, D. (2008). Sibling rivalry. *Contemporary Psychoanalysis*, 44 (2), 280-288.
- Hollidge, C. (2000). Well children living with diabetic siblings: Implications for emotional adjustment utilizing a psychodynamic framework. *Psychoanalytic Social Work*, 7 (4), 49-74.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*. London: Sage Publications.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. Em L. Given, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. 296-315). California: Sage Publications.

- Jeammet, N. (2000). Échecs et reprises du projet fraternel dans la Genèse. *Journal de Psychanalyse de l'Enfant*, 27, 26-45.
- Junior, K. (1999). The relationship between siblings and their mother in early childhood. *Psychoanalytic Social Work*, 6 (1), 49-68.
- Kaës, R. (1993). *Le complexe fraternel*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (1998). *Différences culturelles et souffrance de l'identité*. Paris: Dunod.
- Kaës, R. (2008). Le complexe fraternel archaïque. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 383-396.
- Kalmanson, B. (2009). Echoes in the nursery: Insights for treatment of early signs of autism in a baby sibling. *Journal of Infant, Child and Adolescent Psychotherapy*, 8 (1), 40-48.
- Kennedy, H. (1985). Growing up with a handicapped sibling. *Psychoanalytic Study of the Child*, 40, 255-274.
- Kernberg, O. (2006). Identity: recent findings and clinical implications. *Psychoanalytic Quarterly*, 75 (4), 969-1003.
- Kernberg, P. F., & Richard, A. K. (1988). Siblings of preadolescents: Their role in development. *Psychoanalytic Inquiry*, 8 (1), 51-65.
- Kieffer, C. C. (2008). On siblings: Mutual regulation and mutual recognition.
- Klein, M. (1928). Early Stages of the Oedipus Conflict. *International Journal of Psychoanalysis*, 9, 169-180.
- Kligerman, C. (1984). Sibling rivalry and Faus. *Psychoanalytic Inquiry*, 4 (4), 555-571.
- Kris, M., & Ritvo, S. (1983). Parents and siblings – Their mutual influences. *Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 311-324.
- Ksensée, A. (2008). À propôs de la mort d'un cadet... Nommé Julius. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 399-407.
- Lachmann, F., M. (2004). Identity and self: historical antecedents and developmental precursors. *International Forum of Psychoanalysis*, 13 (4), 246-253.
- Ladame, F. (1983). Adolescence et féminité: Histoire d'une histoire. *Adolescence*, 1 (2), 217-237.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Larmo, A. (2007). Sibling rivalry and structuring of mind. *Scandinavian Psychoanalytical Review*, 30 (1), 22-30.

- Lecharter-Atlan, C. (2008). Frères et soeurs: une introduction. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 331-338.
- Lesser, R. M. (1978). Sibling transference and countertransference. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 6 (1), 37-49.
- Levin, C. (2008). The sibling complex: Thoughts on french-english translation. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 16 (2), 262-274.
- Levinas, E. (2000). *Alterity and Transcendence*. New York: Columbia University Press.
- Mallet, J. (2008). Une théorie de la paranoïa. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 341-346.
- Mann, S. L. (2008). Assurer la survie d'un frère. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 449-459.
- Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2^a ed.). Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (2003). Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio – campos, sementes e sementeiras. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 23, 55-74.
- Miermont, J. (2000). *Psychothérapies contemporaines: histoire, évolution, perspectives*. Paris: L' Harmattan.
- Minolli, M. (2004). Identity and relational psychoanalysis. *International Forum of Psychoanalysis*, 13 (4), 237-245.
- Mitchell, J. (2003). *Siblings: sex and violence*. Cambridge: Polity Press.
- Nanazer, N. (2008). Quand le corps exprime l'impensable. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 461-468.
- Neubauer, P. B. (1982). Rivalry, envy and jealousy. *Psychoanalytic Study of the Child*, 37, 121-142.
- Neubauer, P. B. (1983). The importance of the sibling experience. *Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 325-336.
- Parat, H. (2008). La relation fraternelle entre voeux oedipiens et plaintes pré-oedipiens. *Revue Française de Psychanalyse*, 2008/2 (72), 419-434.
- Parens, H. (1988). Siblings in early childhood: Some direct observational findings. *Psychoanalytic Inquiry*, 8 (1), 31-50.
- Pollock, G. H. (1986). Childhood sibling loss: A family tragedy. *14*, 5-34.
- Province, S. & Solnit, A. J. (1983). Developmental-promoting aspects of sibling experience. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 337-351.

- Rappaport, J. (1994). Sibling suicide: Its effects on the wish for a child and on the maternal transference/countertransference interaction. *Journal of Clinical Psychoanalysis*, 3 (2), 241-258.
- Roman, P., Drevon, M., Billon-Galland, I. O., & Chappaz, M. (2004). Le lien fraternel dans la groupalité familiale: séparations et catastrophes de symbolisation. *Interação em Psicologia*, 8(1), 141-152.
- Rosen, M. (2000). Delayed reaction to sibling-loss: The unmourned sibling as a block to procreation and creativity; a post-traumatic state. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 9 (1), 75-83.
- Russo, L., & Atkinson, G. (2009). Being and becoming: Vicissitudes of identity. *Italian Psychoanalytic Annual*, 3, 177-196.
- Scelles, R. (2008). Dire ou ne pas dire en famille: Processus de subjectivation du handicap au sein de la fratrie. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 485-498.
- Sharpe, S. A., & Rosenblatt, A. D. (1994). Oedipal sibling triangles. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 42, 491-523.
- Sherwin-White, S. (2007). Freud on brothers and sisters: a neglected topic. *Journal of Child Psychotherapy*, 33 (1), 4-20.
- Solnit, A. J. (1983). The sibling experience – introduction. *Psychoanalytic Study of the Child*, 38, 281-284.
- Stein, M. (1990). Sibling rivalry and the problem of envy. *Journal of Analytical Psychology*, 35 (2), 161-174.
- Thorner, H. A. (1981). Notes on the desire for knowledge. *International Journal of Psychoanalysis*, 62, 73-80.
- Wakefield, J. C. (2007). Attachment and sibling rivalry in Little Hans: The fantasy of the two giraffes revisited. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 55 (3), 821-850.
- Waugaman, R. M. (1990). Patients' disclosure of parents' and siblings' names during treatment. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 38, 167-194.
- Vivona, J. M. (2007). Sibling differentiation, identity development and the lateral dimension of psychic life. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 55 (4), 1191-1215.
- Zilkha, N. (2008). Éclats dans le fraternel et destins identificatoires. *Revue Française de Psychanalyse*, 72 (2), 435-446.

ANEXOS

ANEXO A – NARRATIVA DA AMÉLIA

Irmã mais velha da fratria Maia

- Então, tipo a minha relação com os meus irmãos, eu acho que nós somos bué unidos. Nós damo-nos bué bem, em tudo... depois há alguns conflitos, não é, mas isso é normal, mas acho que a maior parte das vezes nós damo-nos bem e divertimo-nos juntos, até, somos uns malucos. Pronto, depois às vezes chateio-me um bocado com o Fausto, que é o meu irmão do meio, eu tenho vinte e dois e ele tem dezanove, só que eu acho que ele é um bocado preguiçoso e não ajuda muito. E depois, tipo, como eu acho que ele já tem uma idade mais próxima da minha e devia ajudar mais um bocado cá em casa

- *Hum hum.*

- Então, tipo às vezes fico um bocadinho chateada com ele e digo-lhe que ele tem de ajudar, até o Rúdi, que é mais novo, ajuda mais do que ele.

- *Hum hum.*

- Pronto, mas isso são coisas normais que se passam. Tipo, o Fausto, por exemplo, ele gosta bué, tipo, de fazer coisas, tipo, só de irmãos, ele pensa em fazer jantares tipo só de irmãos. Houve um dia que ‘távamos cá em casa e não havia tipo nenhum jantar de jeito e ele disse “ah, vamos à pizzaria, mas vamos só os três” e depois insistiu imenso, e depois acabámos por ir, e tal. Ele puxa bué por esse lado. Ah, e houve uma vez um episódio bué engraçado... que foi, nós ‘távamos na sala todos e depois eu queria meter-me com o Rúdi, então virei-me assim e disse: “Ó Rúdi, sabias que tu não foste planeado?”, e ele virou-se assim: “Ah, eu não fui planeado mas sou o preferido de toda a gente nesta casa.” E eu fiquei parva a olhar para ele, porque ainda por cima eu acho que isso é verdade (ri).

- *Mas tu achavas que ele ia reagir de outra maneira?*

- Não, achas? Eu já sabia, é assim, ele tem resposta para tudo! E eu já sabia que ele ia dizer uma coisa tipo... chocante! Mas não ‘tava à espera que dissesse isto. Fartei-me de rir, a sério...

- *Então e o que é que os vossos pais e o Fausto disseram?*

- Começaram-se a rir... e a minha mãe fez tipo uma cara do género “ai, essas coisas não se dizem” e não sei quê... e depois ficou... e depois o meu pai veio-me dizer que eu não devia ter dito aquilo para o Rúdi, que ele foi planeado, e não sei quê. Eu por acaso achava que ele não tinha sido planeado, achava que ele tinha sido um acidente... Sei lá, nós tavamos acho que tipo tavamos a ver uma novela qualquer e tipo, ah, já sei, nós tavamos a ver uma novela e

depois a miúda ficou grávida, tipo sem querer, e depois eu disse-lhe aquilo... eu já sabia que ele não se ia chatear, foi mesmo só para ver o que é que ele dizia. Mas agora que tou a pensar nisto, é mesmo parvo (ri). E pronto, deixa ver mais episódios. Não sei. Estão sempre a acontecer coisas, mas não é assim tipo nada bué memorável... Eu convido bué vezes o Rúdi tipo para vir comer comigo, ah, uma cena que eu faço bué vezes, que eu faço com o Rúdi mas com o Fausto nunca faço, que quando ‘tamos os dois sozinhos em casa, tipo para almoçarmos os dois ou assim nas férias, tipo ponho uma mesa bué bonita, com velas, e tudo, tudo bué arranjadinho, e depois faço tipo um prato e tal para almoçarmos, só que depois quando o Fausto ‘tá, não dá para fazer, porque tipo, ele quer sempre comer a ver televisão, e depois o Rúdi vai atrás dele e fazem uma javardice no sofá... não dá para fazer isso, mas pronto. Depois o Fausto tem uma cena que irrita-me profundamente, sempre que ele ‘tá cá em casa às refeições, acha que eu tenho obrigação de lhe fazer a comida. Então irrita-me bué, ele vira-se assim, nem diz se faz favor nem nada, vira-se assim para mim: “Mana, almocinho... Almocinho...” e começa assim, e tipo, inferniza-me a vida até eu lhe fazer a porcaria do almoço. A sério pá... eu agora já não faço. Antes fazia, agora já não faço. E depois “Jantarinho, jantarinho”. Não sei porque é que ele diz isso, mas depois eu começo-me a rir porque é bué engraçada a maneira como ele diz. E depois às vezes eventualmente faço-lhe o comer, mas agora tipo... Já tou farta... isto nas férias é demasiado. Demasiada interacção.

- *Agora estão os dois de férias.*

- Sim, agora estamos em época de exames e estamos sempre em casa a estudar.

- *Então e como é que é ser a única rapariga?*

- Ai não sei, eu acho que é bom, eu acho que se tivesse uma irmã, tipo... eu acho que se tivesse uma irmã e se ela fosse tipo com a personalidade parecida à minha e à dos meus irmãos, eu ia entrar bué em choque com ela, não sei...

- *Mas porquê?*

- Sei lá, tipo... eu acho que epá eu tenho noção que sou tipo bue picuinhas e quero tudo arrumado e tipo e se houvesse mais uma pessoa assim tipo com bué manias e ainda por cima fosse uma rapariga, acho que isto não sei, ia ser diferente. Mas eu ‘tou bem assim, não quero nenhuma irmã, ‘tou bem assim, sou a princesa da casa.

- *O que é que significa ser a princesa da casa?*

- Tipo... pá é assim, tenho mais cenas para fazer, tipo limpar e não sei que mas tipo também sou a menina da casa, e fazem-me as vontades...

- *Que tipo de vontades?*

- Sei lá qualquer coisa que eu quiser, ontem ‘tava-me bué a apetecer comer brigadeiro. E então liguei ao meu pai e disse para ele trazer e ele foi logo a correr comprar... Tipo são cenas assim... aquelas cenas bué mimadas, tipo quero ir agora gastar bué dinheiro ninguém faz isso, mas esses miminhos... e a minha mãe hoje eu ‘tava doente e liguei a minha mãe e ela saiu a correr do trabalho para ir comprar tipo griponal, não sei quê, e bué cenas... desesperada, veio para casa. Mas isso ela faz sempre, não é por ser eu, é por ser os filhos. E pronto, é assim.

- *E por seres tu, há algo que façam por ser para ti e não façam para os teus irmãos, ou há algo que os teus irmãos façam para ti que não façam um para o outro?*

- Ah, não... acho que não. Não ‘tou a ver assim nada. Se calhar a minha mãe gasta mais dinheiro em mim tipo em roupa e produtos, tipo cosméticos e assim porque ela quer tipo que eu seja uma princesa bué arranjadinha porque sou a única filha, e ta sempre a dizer, ah, tas com pouca roupa, temos de comprar roupa para ti... para ires sair, para te arranjares. E depois tipo qdo preciso de maquilhagem ou champô, nunca poupa dinheiro, quer que eu tenha tipo as melhores cenas. E preocupa-se mais com as coisas para mim do que para os rapazes. Eu também ligo mais a isso e então tipo também consigo puxar mais por ela.

- *E tu gostas dessa atenção?*

- Ah, sim... gosto imenso, é também eu também não falo muito nisso, gosto de poupar, mas gosto que ela também dê ideia, ah tens poucas camisolas, vamos comprar uma, pronto, eu gosto já que não gosto muito de andar a pedir gosto que me ofereçam as vezes

- *E além de ser rapariga como é ser a mais velha?*

- E uma trabalhadeira... eu sinto-me bué... já tenho aquela coisa bué intrínseca de que eu sou a mais velha, então tenho de cuidar deles... mesmo que a minha mãe não ligue, eu já sei o que eles vão pedir... tipo... para trazer uma mantinha ou fazer um chazinho, ou vão pedir boleia, e tipo... as vezes não tenho muito gosto em fazer mas acabo sempre por fazer porque ate me sinto mal se não fizer. E pronto, é assim. Ah, lembro-me bué bem, ainda no outro dia ‘tava a falar disso com o André, da minha memória mais antiga, eu não sei se é verdadeira, até pode ser falsa, que é uma memória de eu com quase 3 anos, a minha mãe ‘tava bué grávida do Fausto e ela ‘tava a perguntar-me como é que se ia chamar o meu irmão e eu disse que ele se ia chamar Fausto porque gosto bué do nome, e tipo tenho esta, é a minha memória mais antiga, vê lá.

- *E como foi depois quando nasceu?*

- Não me lembro bem, lembro-me mais do Rúdi porque já tinha 10 anos. Lembro-me quando ele começou a conseguir rebolar na cama, que nós ficámos super contentes! Mas depois há ali

tipo uma fase da vida do Rúdi em que eu tenho tipo uma branca, não... não me lembro muito bem. Tipo eu não me lembro muito bem de quando ele começou a andar ou a falar, nem nada... deve ter a ver com o que eu 'tava a passar na altura, ou assim (ri).

- *Mas lembras-te como foi quando a tua mãe ficou grávida do Rúdi?*

- Sim, mesmo, nós ficámos super contentes, e depois eu queria que fosse uma menina e o Fausto queria que fosse um rapaz, e depois nós descobrimos que era um rapaz e eu fiquei bué chateada, fiquei super chateada na altura até chorei e tudo, eu tinha 9 anos. Mas depois tipo... o meu pai incutiu-me uma ideia dessas que eu ia ser a única neta da minha avó, a única rapariga da casa, a princesa da família, e depois, tipo, fiquei contente, e isso convence uma miúda, e eu era nova... mas depois quando ele nasceu, ele era tão lindo e tão perfeito que eu esqueci-me logo disse. Ele era bué... ele era bué, tipo bué branco e era tipo bué cor-de-rosa nas bochechas, ah, e bué gordinho, era lindo. Um bebé mesmo lindo. O Fausto já não me lembro muito bem, também era bué pequena. Ah, agora lembrei-me de uma coisa que eu e o Fausto fazíamos, era horrível, nós tipo, metíamos-nos na cozinha, e dizíamos que íamos fazer experiências, e depois pegávamos tipo nos temperos todos que existiam, metíamos um bocado de cada um para dentro de um copo e mexíamos, tas a ver? E depois pegávamos fogo Àquilo... ai, agora lembrei-me disto assim do nada, estranho. Deixa cá ver, mais coisas... tipo, o Fausto e o Rúdi é que têm bué cumplicidade, às vezes nas férias, quando nós vamos para o Algarve ou assim... tipo... irem jogar basquete e fazerem tipo cenas de rapazes, basicamente de fazerem merda, não sei se posso dizer esta palavra, tipo pegarem partidas e partirem coisas, e... aquelas coisas à rapaz e pegarem fogo Às porcarias, eles inventam bué dessas porcarias, pronto, e eu não quero saber disso, então fico ali a ler um livrinho, na minha, e eles tipo, só, tipo, depois nós vamos para uma casa no Algarve em que há galinhas, e eles tipo... andam tipo com um laser atrás das galinhas para elas se assustarem (ri) só fazem porcaria, a sério. Pronto. Ri. Mas agora assim não me lembro de mais nada. Ai, mas nós tipo, como é que se diz, bonds, criamos bué laços tipo à volta da comida, também, porque eu adoro cozinhar e eles adoram comer, então tipo é bué aquela cena tipo vamos fazer um bolo, faz isto, faz aquilo, vamos comer e vamos comprar comida, é tipo bué à volta da comida, mesmo. Mas acho que isto é normal também, nas famílias. Se nos zangámos foi só um dia, eu acho que nunca fiquei mais de um dia sem lhes falar, mas nunca foi nada sério. Eu só me lembro de uma vez em que... que... agora que eu me 'tou a lembrar, foi só desta vez. Uma vez que eu tava a tentar estudar aqui no quarto e o Fausto no quarto ao lado a por a musica super alta e eu já me estava a passar, então já estava super enervada, saí do quarto aos berros, a dizer que esta

casa era uma barulheira infernal e não dava, e depois o Fausto saiu do quarto dele já todo enervado, e assim “ah, baixa já essa música, que senão levás nas trombas” e depois pus-lhe a mão assim bué perto da cara, e depois ele é super alto, e é super largo, e disse assim “ah tu é que levás”, e eu “ah”, meu deus, vou levar uma lambada que vou parar À lua. E depois tipo fiquei cheia de medo e tipo fiz-lhe assim uma cara e fui-me embora. Mas ficámos bué chateados nesse dia, mas depois passou. Mas tipo... ainda há bocado nos chateamos pq o Rúdi agora, agora eu tenho um namorado e ele tem ciúmes, então, tipo, ao mesmo tempo ta contente por mim, só que depois tipo... não gosta que eu já não lhe de tanta atenção porque ‘tou sempre a falar com o Zé e não sei quê. Às vezes ele enerva-se imenso de eu ‘tar a fazer alguma coisa e ele chamar-me e eu não lhe dar a atenção tipo imediatamente. Tipo eu recebi uma carta do banco hoje, e ‘tava a ler a carta... e enquanto ‘tava a ler, o Rúdi começou a falar comigo e eu assim “pêra aí” e ele passou-se, assim “ah, vê lá como é que falas” e eu: “ah...” ‘tá-se a passar por causa disto, porque eu não lhe dei a atenção imediatamente, enervou-se. Mas pronto. Mas o Rúdi sabe que eu faço tudo o que ele quer, é mesmo assim, ele sabe disso... tipo, e ‘tou-me sempre a rir das piadas dele, mesmo que não tenham piada nenhuma, só porque é ele que diz, eu já tenho bué o instinto de me rir só porque é ele, é bué mau... até o meu pai já me chamou a atenção disso porque, tipo de eu ‘tar sempre de volta do Rúdi, o meu pai já me disse para ter cuidado porque o Fausto pode sentir-se de parte... não é eu gostar mais de um do que do outro, só que eu dou-me melhor com o Rúdi... é só isso. E como ele é mais novo, é mais tipo ah bebé e não sei que. Não é bebé nenhum, mas olha.

- *E depois como é que isso resulta entre vocês os três?*

- Oh, isso depois passa, tipo, é assim, eu como é normal, tenho uma relação bué diferente. Com o Fausto temos mais uma relação tipo de igual, nós falamos tipo das nossas coisas e percebemos melhor tipo a vida um do outro porque é uma idade parecida, e tipo, não sei é, mas ao mesmo tempo tipo entramos mais em choque porque ele é muito diferente de mim. O Rúdi é mais parecido a mim, e temos assim mais... mais cumplicidade.

- *São parecidos no que?*

- É na personalidade. Mas eu não sei explicar... somos mais, gostamos mais... não sei... tipo no sentido de humor mais parecido, e... somos mais calmos, gostamos de tar em casa, não temos que tar sempre a sair, e gostamos das mesmas coisas, tipo de ver na televisão as mesmas coisas... e... assim mais parecidos em tudo.

- *E com o Fausto como é que é?*

- É mais tipo... a cena do Fausto é que ele tipo fala bué alto e depois é bué, é demasiado expansivo, e depois às vezes eu fico... aquilo é demais para mim, 'tá sempre a sair,' tá sempre a falar, 'tá sempre a ouvir música, tem bué energia, e eu fico... aquilo é demais, não sei. Depois fico bué cansada, mas depois quando ele 'tá calminho e nós temos uma conversa normal, dou-me super bem com ele.

- *Como é que é uma conversa normal entre vocês?*

- Ah tipo falar das coisas, por exemplo ele conta alguma coisa que aconteceu com os amigos dele, e eu tipo conto alguma coisa tipo sei lá, que ouvi, ou alguma coisa... e vamos falando e falamos de tudo, tipo, qualquer coisa. Depois ele por exemplo pode dizer, tipo ainda no outro dia 'távamos a falar de um pão com chouriço qualquer que ele comeu... num sítio e ele 'tava-me a explicar porque é que aquilo é bué bom, e 'tava-me a dizer que tínhamos de lá ir e tal... e depois eu comecei a contar que eu tentei tipo fazer pão com chouriço uma vez cá em casa, mas aquilo ficou super salgado, tipo eu pus imenso sal, porque nunca tinha feito, mas ele comeu aquilo na mesma, e ele 'tava-se a lembrar... normal, conversa normal. Isto de ter voltado para casa é complicado porque eu já saí de casa duas vezes e depois eu habituo-me a ter as cenas à minha maneira e a 'tar sozinha... e depois quando volto, entro sempre em choque. Sempre por causa das arrumações e da limpeza, é sempre a mesma coisa. É sempre arrumações, a limpeza e o silêncio... porque eu quando moro sozinha 'tá sempre tudo bué limpo, também não há ninguém para sujar... sou só eu. E eu não faço assim tanta porcaria. Depois tipo, eu não oiço musica muito alta e não vejo televisão muito alta, e ponho sempre os phones, então 'ta sempre silencio, e aqui é uma barafunda, são imensas pessoas... depois eu enervo-me um bocado com isso... e é isso, e... e desde que voltei, suspiro um bocado com isso... E, mas agora que o Fausto foi para Lisboa está muito melhor, ele agora fica muito mais em casa, tipo agora, ele está em casa e hoje é sexta-feira, se fosse a vida antiga dele, já tinha ido sair. Ficou em casa. Fica muito mais em casa. Tipo agora já estuda, tem óptimas notas, é uma coisa impensável há 6m atrás. E 'tá bué entusiasmado com o curso, cresceu bué. Ele às vezes refila que há pessoas no curso que 'tão lá e que não querem saber e que mais valia não estarem... e que tão nas aulas a jogar nos tablets e não sei quê, e ele acha aquilo um absurdo, e eu fico bué contente, porque ele 'tá mesmo a evoluir... A olhos vistos.

- *E achas que as coisas têm vindo a mudar então?*

- Sim... pois, mas tá diferente, mas não tá melhor nem pior, tá diferente. Estamos todos a crescer.

- *Lembras-te como era a tua relação com o Fausto antes do Rúdi nascer?*

- Não me lembro de nada em específico mas lembro-me que nos dávamos bué bem. Lembro-me que fazíamos um jogo que era o jogo do reisinho, que era um jogo bué estúpido. Basicamente o Fausto era um reisinho e eu fazia tudo o que ele queria, eu era a súbdita... ele ficava no sofá e dizia-me coisas para eu fazer e eu fazia.

- *Como o quê?*

- Tipo salta... vai buscar uma manta, vai buscar um copo de água... e eu fazia... Oh pá há bué cenas engraçadas... posso pensar? Situações?... Nós gostamos bué de ir passear os três com o nosso pai.

- *Então?*

- A nossa mãe tipo ‘tá-se a queixar a toda a hora... e nós “ah vamos fugir daqui, vamos comer um gelado” e depois vamos só os quatro e a minha mãe fica aqui sozinha... tipo ela fica bué contente aqui sozinha em casa, tipo a ler o jornal, sem ninguém a chatear...

- *E quando dão essas fugas, o que gostam de fazer?*

- De tudo, falar de qualquer coisa... Eu e o Fausto falamos mais tipo sobre pessoas também que conhecemos em comum e fofocas e tal, ele sabe bué fofocas do pessoal porque ele conhece muita gente.

- *Por exemplo?*

- Ah isto não foi bem uma fofoca, mas aquela senhora que morreu, que foi assassinada, ele sabia bué cenas porque a irmã dele era amiga do Fausto, e eu soube de bué coisas tipo de dentro da cena e ele ‘tava bué chocado. E ele vê pessoas na rua e sabe das cenas, tipo não sei quem fez uma tatuagem... ‘tá bué mal feita... assim, tipo... ou não sei quem ‘tá com não sei quem... tipo houve uma vez que uma amiga dele nos viu na praia e depois foi dizer “ah, vi a tua irmã na praia” e essa amiga dele fala mal de toda a gente, só que de mim não falou e ele tava super contente por causa disso “és a única pessoa de quem ela nunca falou mal” e o gajo ficou bué contente...

- *Ele conhece muita gente, não é?*

- Ya, ele conhece bué gente... tipo e isso é bué fixe, ele ter os connects, pá, só que é uma grande seca... tipo ir sair com ele... na rua, nós não conseguimos dar um passo, viramos numa esquina e ‘tá alguém “tão puto, ‘tá-se bem?”, ai pá... e depois tipo, é bué mau eu ‘tar a dizer isto, mas os gajos são todos iguais, são todos iguais, sempre igual vestidos... tipo dread, tas a ver? E pronto... e ele traz bué os amigos cá para casa e eu não gosto nada porque são bués e fazem grande estardalhaço e comem bué... dão cabo da... comem imenso.

- *E tu também fazes comida para eles?*

- Eu não, deves achar... mas eles comem o que aparece.

- *Então, e mais alguma coisa que te lembres e que gostasses de dizer?*

- Hum, não sei... ‘tava a tentar lembrar-me de algum episódio... sob pressão... não sei... olha hoje, o Rúdi, é bué estúpido, eu ‘tava a estudar e ele veio para aqui para o meu quarto com o mealheiro dele e disse-me assim: “Eu venho para aqui contar o meu dinheiro só para te fazer inveja...” e o gajo pôs-se a contar e ele tinha imenso dinheiro lá dentro e tinha montes de notas, tinha mais de setenta euros... este gajo vem para aqui contar o dinheiro e ele disse mesmo que era só para me fazer inveja... (ri) eu não parava de rir, a sério, foi bué parvo... ainda por cima fui eu que lhe ofereci o mealheiro. Foi só para meter piada, e meteu bué... teve bué piada... quem é que se lembra de fazer isso? Mas o Rúdi é bué fofinho, tipo quando eu ‘tou aqui a estudar ele às vezes vem perguntar se está tudo bem, e da-me um beijinho na cabeça e depois vai-se embora, é bué querido. E houve uma vez, foi bué giro também, foi... eu chateei-me com um amigo meu, com um rapaz com quem eu andava, porque ele tinha feito merda e eu ‘tava mesmo super triste, e o Fausto ouviu-me ao telefone com uma amiga minha, tipo a reclamar, e a contar o que tinha acontecido e que tinha sido bué mau. E depois supostamente ele não sabia, mas eu já sabia que ele tinha ouvido, e depois eu fui para a sala e já era bué tarde e ele tipo veio da cozinha com uma grande tosta para mim e sumo, tipo para eu me animar, e disse “ah, fiz esta tosta para ti” e eu não tinha fome nenhuma... e aquilo era uma tosta enorme, mas eu comi tudo, só porque ele tinha feito aquilo para mim... e um copo bué grande de sumo, e depois tipo tava a tentar ser bué querido para me animar e eu achei isso bué fixe... Por acaso já nem me lembrava disso, foi mesmo giro... E o Fausto pede-me cigarros e depois quer fumar comigo... cá em casa, mas eu não fumo cá em casa... ele quer fumar enquanto os meus pais tão a dormir, mas eu não consigo. E ele abre um bocado a janela e começa a fumar lá pra fora... e isso é bué arriscado, tipo, e depois fica a cheirar bué mal. Ah, queres fumar? Não... e eu tou tipo a ver televisão e o gajo ‘tá ao meu lado tipo com a cabeça para fora da janela... e eu as vezes dou-lhe cerveja... tipo, eu tenho aí cerveja escondida no quarto, e às vezes, porque se eu deixar a cerveja no frigorífico, isto desaparece logo... e eu guardo para ocasiões especiais, tipo as vezes quando o Fausto fica em casa e ‘tá a ver televisão, tipo queres uma jola? E depois dou-lhe a cerveja e ele fica bué contente... Também sou querida! Isto é sempre a mesma coisa, é eles a fazerem merda e eu a rir-me.

ANEXO B – NARRATIVA DO FAUSTO

Irmão do meio da fratria Maia

- Quando começou éramos só dois... quando eu nasci era só eu e a minha irmã. Pá, e nós fazíamos bué de cenas, éramos só eu e ela no mesmo quarto. Eu nunca estive sozinho num quarto, sempre, primeiro era eu e a minha irmã, depois a minha irmã, depois quando nasceu o meu irmão, fiquei eu e o meu irmão, por isso eu sou o mais irmão dos irmãos... há muitos anos que sou irmão. Pá e depois nasceu o putu, eu e a minha irmã, nós éramos bué unidos, queríamos bué o putu. Mas ele nasceu e nós curtimos, tipo ficámos para sempre bué unidos para sempre. E depois... pá, sei lá... damo-nos sempre bem, pá, eu sinceramente acho que a nossa relação de irmãos é muito melhor do que muitas outras, tipo somos bué unidos tas a ver, a família em geral, também, não é só entre irmãos. Pá, não sei, mais quê.

- Isso que tu disseste de por teres partilhado o quarto seres o mais irmão dos irmãos: a proximidade física é importante?

- Pa, é um bocado, porque tipo nunca tive um espaço só meu, ‘tas a ver, o meu espaço foi sempre partilhado... e... tipo, tive a minha vida inteira a partilhar com os irmãos, isso cria de certa forma uma relação mais... mais profunda. Porque sim.

- Hum.

- Ya.

- Então e como é que isso funciona?

- Funciona, eh pá, agora que já estamos os dois grandes, o Rúdi já ‘tá gigante, não cabemos os dois aqui... mas pronto, isto tem dias que vira uma bagunça... mas pronto, não há guerras sobre o espaço.

- E outras guerras?

- Bem, há guerras quando a minha irmã quer arrumar a casa e não nos deixa em paz. Que ela agora ‘tá com a mania das arrumações. Todo o dia quer sempre arrumar, aspirar... um gajo chega a casa e tem de ficar a ouvi-la aspirar... Mas de resto não há muitas guerras. Eu e o meu irmão somos bué preguiçosos... por isso ela faz tudo, sofre um bocado com isso, ‘tas a ver, nós deixamos tudo desarrumado e ela tem de ir, quer que fiquem as coisas arrumadas, e depois ela sofre um bocadinho porque ela quer tudo arrumado e a gente não liga.

- É uma coisa que então funciona mais ou menos bem.

- Ya, mais ou menos. Quando a gente ajuda um bocadinho, funciona bem. Quando o monopólio da arrumação é dela, ela fica um bocado chateada e o meu pai também.

- O vosso pai interfere nessas coisas?

- É claro que interfere, né... quando vê que a gente tá a abusar um nadinha, dá uns abanões. E aquilo é periódico, aquilo vai assim descendo até tem que dar outra vez e depois vai descendo... Agora assim é difícil, não sei o que dizer. Deixa ver se me lembro de episódios... Não sei, se calhar quando morávamos no Brasil, quando íamos para as montanhas, quando ‘tava a família toda e os primos, e a

contar histórias. Supostamente de terror, mas o meu irmão tinha 3 anos e as histórias de terror dele eram uma comédia máxima, eu lembro-me bué bem disso, era tipo a família toda a ouvir, nós os três e os primos a contar histórias... lembro-me que tinha bué da graça... o meu irmão é um puto bué engraçado, ele consegue contar histórias bué engraçadas.

- *Lembras-te de alguma?*

- Lembro-me que ele queria contar aquela do “The Ring”, ‘tás a ver a miúda do “The Ring”?

- *Como é?*

- Mas tipo, ele nunca viu, ele só ouvia a gente a falar sobre isso, que era a miúda que caiu no poço. E ele: “Era a miúda que caiu no poço! Morreu e viveu! Morreu e viveu!” Ah!... Tipo, virou zombie, ‘tás a ver? “Morreu e viveu!” era assim, a história dele, era morreu e viveu (ri). Era tipo da forma dele contar e de ele achar que ‘tava mesmo a ser de terror, eh pá, não sei, aquilo ‘tava mesmo a ter bué graça. (ri). Ele é um bocado mais novo do que nós, é tipo exponencial... eu para a minha irmã é 3 e para ele é 6, e ele para a minha irmã é 9. É tudo na base do 3. E somos três. Ah! Iluminati! (ri) Ya... mas também não faz muita diferença. O gajo é o nosso protegido... quer dizer, agora já ‘tá maior que a gente, mas vai ser sempre o nosso protegido. Quando soubemos que ele vinha aí foi uma festa... já estávamos a pedir há bué da tempo. Começámos a pedir quando eu tinha para aí cinco anos. Ou quatro. Queremos um irmão, queremos um irmão, queremos um irmão, queremos um irmão.

- *Um rapaz?*

- Nós queríamos só um irmão, queríamos ter mais alguém, ‘tás a ver? E quando ‘tava no 1º ano, não, eu ‘tava na pré-escola, foi na transição porque ele nasceu em Junho... e soube era para aí começo do ano, então ‘tava para aí no meio da pré-escola. Ai, foi uma festa... lembro-me perfeitamente do dia em que o meu pai me disse. Lembro-me assim, era bué pequenino, ‘tás a ver? Eu lembro-me tipo da imagem da minha escola assim, mais ou menos...

- *Foi na escola?*

- Ya, quando me foi buscar à escola, disse-me.

- *O que é que ele disse?*

- Ai, já não me lembro. Mas lembro-me de ele ter dito e de eu ter ficado bué feliz, ah, vou ter um irmão!... bué fixe. O Rúdizinho... e depois nós é que escolhemos o nome!

- *Como foi?*

- Foi tipo, dava aquela série que era tipo uma gaja que teve um filho que era um desenho animado... não lembro do nome... era o Neco! Era o Neco e o irmão do Neco era o Rúdi. Nós curtíamos bué do gajo... era o Rúdi, e nós ai tem que ser Rúdi, tem que ser Rúdi...

- *Tu e a Amélia?*

- Sim, nós os dois é que escolhemos. Mas ficou Rúdi, é um nome giro, saiu-se bem. Pronto, nasceu o Rúdizinho, o alemão.

- *Alemão?*

- Então, ele era loirinho e todo branquinho...
- *Então e como foi quando ele nasceu, um bebê?*
- A gente queria mais era a cena do bebê, mesmo, a gente curti a dos putos. Depois fomos morar no Brasil, era “awesome” ter um irmão.
- *E o que é que vocês gostam de fazer os três juntos?*
- (ri) Olha, normalmente nós estamos os três a ver televisão e eles a mexer nos telefones, mas pronto. O que gostamos de fazer juntos... não sei, costumamos dar umas voltas, sei lá... agora não fazemos muitas coisas juntos, fazíamos mais antes.
- *Quando eram mais novos?*
- Quando éramos mais novos. De vez em quando ainda vamos comer fora e não sei quê. Quer dizer, quando éramos mais novos, deixa-me ver, no Brasil fazíamos mais cenas juntos. Depois viemos para cá e deixámos de fazer tantas. Eu sempre fiquei um bocadinho mais de fora e eles ficaram mais juntos. Depois agora já estamos mais juntos outra vez.
- *Ficavas mais fora como, porquê?*
- Saía mais com os amigos e não sei quê. ‘Tava sempre na rua, nunca ‘tava em casa... e agora... pá, e agora é mais um bocadinho a minha irmã, que já tem namorado e sai mais, e eu acompanho mais o meu mano no basquete e não sei quê. Dar umas dicas... ele também ‘tá mais crescido, já, já temos mais interesses em comum.
- *Que interesses?*
- Pá, basquete, miúdas... o gajo cresceu, já sabe ver um rabinho, já dá para conversar. Antes não dava. Agora tá crescido, já dá. Já dá para dar umas brincadeiras.
- *E com a Amélia, como é que é?*
- A Amélia, não sei... nós somos bué diferentes, mas a gente gosta bué um do outro. A Amélia é engraçada, é bué leiga. Quer dizer, ela é bué extremista, ou ‘tá bué alegre ou ‘tá bué mal humorada, mas acho que isso é normal nas mulheres, são bué extremistas, mesmo. E ela é bué brincalhona, ela às vezes atrofia-me com aquela coisa daquela paranóia da limpeza, atrofio-me todo com ela, e com os atrofios que ela tem com a mãe, andam sempre às turras, mas eu e a Amélia já somos irmãos há vinte anos, por isso...
- *Estava a pensar quando disseste que tu ficaste mais de fora, eles ficaram mais juntos, como é que tu sentiste isso?*
- Não senti, não, ‘tava-me a cagar. Tipo, ‘tava-me a cagar do género, não senti isso, ‘tava sempre na rua com amigos, eles ‘tavam aqui... não foi assim muito impactante. Agora já ‘tamos mais unidos outra vez. Já vi o que tinha a ver no mundo, agora posso voltar para casa. (ri)
- *Mais unidos, isso quer dizer o que?*

- Tipo fazemos mais cenas juntos e não sei quê... mas acho que a cena é estarmos mais tempo juntos do que antes. Antes era assim cada um num sítio, eu costumava sirí sempre, eu acho que basicamente estamos mais juntos porque eu é que estava mais separado e agora voltei, por isso...

- *Mas essa mudança foi porquê?*

- Cresci um bocado, já vi o que tinha a ver... sempre fui um bocado hiperactivo, queria 'tar na rua.

- *E achas que isso também vai acontecer com o Rúdi agora?*

- Já 'tá a começar... já 'tá a começar... mas ele é menos maluco. Eu era, sou bué marado. Ele também já se 'tá aí a largar também no mundo.

- *O que quer dizer largar-se no mundo?*

- Pá, sair de casa sem medo de fazer coisas. Do tipo... quando a gente é mais puto a mãe não deixa e a gente também não tem muita curiosidade, é mais televisão, desenho animado... agora começa a ter mais curiosidade, a querer ver o mundo, e tal... começa a ver as miúdas, a dar uma saída, as maluquices aí com os amigos... se ele precisar de umas dicas, ele já sabe.

- *Que dicas é que lhe podes dar?*

- Sei lá... eu não posso dar muitas, senão ainda fica pior, mas pronto... se ele precisar de algumas ideias, eu conheço aí os sítios.

- *E como é ser o irmão do meio?*

- Ah, sou o do meio, mas sou o mais velho, basicamente.

- *Então?*

- Sim, sou... não me sinto muito o do meio. Tipo... tipo, não sei, agora tipo, já desde para aí dos 13 que eu sou tipo o maior, então tipo sempre, não sei, sinto-me o mais velho. Sinto que tenho mais alguns deveres de mais velho. Tipo também já estou acostumado às pessoas me considerarem o mais velho desde sempre.

- *Ai sim? Na família?*

- Não, na família não, não é, mas nas pessoas em redor da família, as pessoas que conhecem a minha irmã e o meu irmão... pensam sempre que eu sou o mais velho. E isso já é tipo um reflexo mais tipo memo da cena. Isso...

- *E que deveres achas que tens?*

- Tipo protecção e não sei quê.

- *Já aconteceu em alguma situação?*

- Não... não, mas tipo, se tivermos na rua, se há uma situação eu é que me ponho à frente, cenas tipo de homem da casa. Sei lá. Tentar chamar À razão, às vezes... não sei... tipo essas coisas. Não me lembro assim de muita coisa (ri)... também não sou um gajo com boa memória, sou da família do Edgar [pai]. Não há muitas coisas que me lembre. Lembro-me das viagens ao Algarve... nas viagens é quando os irmãos ficam mais irmãos, porque não há factores externos. Lembro-me de uma viagem a Paris também. O meu irmão era pequenino, lembro-me mais de eu a correr com a minha irmã. A

correr nos museus e assim. Uma cena bué wow. Aí ela era mais velha, a miúda... que eu ia sempre atrás dela.

- *Quando é que ela deixou de ser a mais velha?*

- 'Pá, sei lá, para mim... para mim deve ter sido para aí aos 14.

- *O que aconteceu nessa altura?*

- Eu cresci, basicamente. Antes ela era a mais velha, eu andava sempre atrás dela. Não que ela tenha começado a andar atrás de mim, mas tipo... tipo isso...

- *Estou a perceber. Queres dizer mais alguma coisa?*

- Hum... Falar no meu pai. O meu pai é um elo de ligação. O meu pai basicamente é o elo de ligação de tudo. Não sei...

- *O que é que ele faz?*

- Gosta bué da gente. O amor do gajo une-nos bué. Dá para nós e para tudo.

[o Rúdi entra no quarto sem esperarmos, pede desculpa por interromper e vai-se embora. O Fausto continua:]

- 'Tá grande... é bué estranho... quer dizer, agora já me acostumei um bocado. A gente vai em negação até um dia que é tipo... pá, afinal o gajo tá mesmo grande. Do género quando falo com ele, um dia liguei ao gajo, "'Tou Rúdi", e ele: "rfesudhkcjn" [*imita a voz grossa*] e eu "Pooooorrrra! Afinal o gajo cresceu sim senhor. Fogo... tá memo grande, o miúdo.". Sangue do meu sangue. Sempre orgulhoso. Ainda por cima joga de selecção, e o basquete sempre foi bué importante para mim... 'tou a ver que o miúdo 'tá-lhe a dar bem... fico contente.

ANEXO C – NARRATIVA DO RÚDI

Irmão mais novo da fratria Maia

- Eh pá não sei... então a minha relação com os meus irmãos é boa, nós sempre tivemos uma boa relação desde há muito tempo. Não sei explicar bem. Sou o mais novo...

- *Como é que é isso de ser o mais novo?*

- É bom, acho que é o melhor, eu gosto mais de ser o mais novo.

- *Então porquê?*

- Sou o mais mimado da casa pelos meus pais e pelos meus irmãos. Só que também sou, pelo meu irmão, sou eu que levo a porrada... mas não faz mal, eu gosto também de levar porradinhas. Também... eh pá, não sei, eu gosto de ser o mais novo, mas não sei como é que eles são... se eles acham.

- *E essas porradinhas do Fausto são porquê, o que é que se passa?*

- Então, ficamos a gozar um com o outro, ficamos a implicar-nos sempre, todos os dias, e depois... começo eu normalmente. E depois ele é que acaba, 'tás a ver?

- *Então tu comesas e dizes o quê?*

- Ah, começo a brincar com ele quando não tenho nada para fazer. Eu começo a brincar e ele depois começa a entrar na brincadeira, é sempre assim. Mas é bom, eu gosto. Faz parte do ser irmão.

- *E o que é que é mais ser irmão?*

- Ser irmão... essa pergunta é difícil... é mais, não sei, é... é partilhar o, muita coisa, é partilhar o amor, entre os dois, entre os três neste caso. Eh pá...

- *E lembras-te de alguma história?*

- Assim entre os três?

- *Entre os três ou alguns dois?*

- Entre eu e o meu irmão há uma história que eu nunca me esqueci, desde os quatro anos, foi a primeira vez que eu saí com ele à rua, só nós os dois sozinhos, foi muito pequena a saída, mas eu adorei, que fomos ao Lidl comprar bolachas de chocolate e uma Fanta e ficámos a andar na rua a comer e eu como era muita puto nunca me esqueci deste dia. Eu com a minha irmã lembro-me sempre de quando eu andava ainda no, na creche, ela de vez em quando, uma ou duas vezes foi-me buscar para irmos ao Mc Donalds almoçar e eu adorava. Eh pá... com os três, todos juntos, isso... isso, eh pá, não sei, nas férias acontece muitas vezes, agora assim não me lembro, mas... acontece... nós de vez em quando saímos com o carro, a minha irmã

conduz e vamos dar umas voltas, é sempre fixe. Às vezes vamos à praia juntos, ou então vamos ali à serra, é muita fixe... Porque eu gosto de ‘tar com eles, sabe bem ‘tar com os irmãos. Todos nós gostamos de ‘tar e de sentir isso e falar.

- *E de que é que vocês falam?*

- Falamos... não sei, não faço a mínima ideia, é sempre diferente. Às vezes falamos do que aconteceu na semana, as vezes falamos do local onde estamos e do que está lá a passar... Acontece, muitas vezes nós estarmos dentro de casa e acontecer alguma coisa, normalmente é porque alguém não lava o prato ou não arrumou alguma coisa, mas é pouco tempo, sempre, passa logo. Lembro-me também de um natal em que a minha irmã comprou para mim e para o meu irmão um pacote de um quilo de gomas para os dois e nós adorámos só que enjoámos logo... mas foi.

- *E com o Fausto como é?*

- Gosto de ‘tar com ele, nós muitas vezes saímos de casa para ir jogar basquete. Eu gosto porque eu aprendo com ele, ele joga muito bem... eu gosto muito de sair com o Fausto por acaso. E com a Amélia também, claro, mas nós fazemos isso menos vezes porque ela tem de estudar...

- *E o que achas disso?*

- Acho um pouco chato, não é, ela também deve achar, mas ela tem de fazer isso, ta na universidade... Eu gosto de dizer que a minha irmã é inteligente porque o meu irmão é bom no desporto.

- *Como é isso?*

- Eu acho que ela é porque ela sempre teve as melhores notas e tem as melhores notas da turma, e depois quando não tem ela fica triste, isso nota-se, que ela fica triste... ela já ‘tá acostumada a ter boas notas, conseguiu entrar na universidade, não na que queria, mas preferiu afinal entrar nesta... Acho que é isso... E o Fausto desde miúdo via-o jogar e ficava admirado porque sempre achei que ele jogasse muito bem, ele era o meu irmão mais velho, eu ficava orgulhoso...

- *Orgulhoso.*

- Ficava, e ficava a querer um dia ser como ele, ou melhor.

- *E andas a tentar?*

- Já consegui!

- *Então?*

- 'Tou a jogar muita bem... quer dizer, já consegui 'tou a brincar, n'é, ele é muito mais velho... em um tempo já lhe apanho. Eu sou bom no basquete e depois na escola sou bom em Geografia e Matemática. É isso, basicamente...

- *E... e tu, a vossa relação entre os 3 tem sido sempre igual?*

- Tem sido parecida, pelo menos, nunca tem mudado muito, nunca mudei que mudasse por acaso, sempre achei que foi muito boa, eu tenho amigos que têm irmãos e parece que não têm uma relação tão boa como a nossa, 'tão sempre a discutir... nunca se falam em casa. Eu acho isso muito estranho. Acho que aprendemos isso ao longo do tempo e os nossos pais também são calminhos, sempre nos ensinaram a conviver uns com os outros, nunca discutimos quando éramos pequenos. Acho que é isso, os meus tios até perguntavam aos meus pais como é que nós não discutíamos, porque é que os filhos deles discutiam e nós não discutíamos...

- *Então nunca discutiam?*

- Não, praticamente nunca, agora é que começou a ser mais por causa das tarefas de casa que temos todos de fazer... Essas coisas, mas é só de vez em quando. Quando éramos pequenos não tínhamos que fazer. Quer dizer, eu nunca tive esse problema... como era o mais novinho, também... eles faziam por mim, porque eu 'tava com preguiça e era muito fofinho... agora já não... agora tenho eu que fazer, n'é, mas de vez em quando ainda me safo de algumas.

- *Que tarefas?*

- Tarefas domésticas, lavar os pratos, o quarto, arrumar as minhas coisas, o Fausto arrumar as dele... é basicamente isso.

- *E como é que vocês decidem quem faz o quê?*

- Então, cada um tem as suas coisas, e cada um faz, arruma as suas coisas e lava as suas coisas. Nem sempre acontece porque ficamos com preguiça e deixamos para depois... depois o meu pai acaba por fazer, ou a minha mãe, ou a minha irmã, só que depois eles ficam a dizer que nós temos que fazer mais e ficam cada vez a resmungar mais e nós vamos fazendo cada vez mais. Eu acho que nós temos que fazer mais, só que não sei...

- *Como é que começam essas discussões?*

- Foi hoje ainda... ainda há bocado a minha irmã 'tava a reclamar porque tinha de separar roupas de toda a gente e ninguém lhe ajudava... ela 'tava a separar as roupas lavadas já e eu ia-lhe ajudar, só que não me lembro, eu ia fazer alguma coisa antes, porque eu tinha treino, só que acabei por não ir porque 'tava a preparar as coisas para o treino e ela 'tava-me a chamar, eu disse para ela esperar e ela disse que 'tavas já a chegar, tu, e tínhamos de despachar e depois começámos ali uma... foi pequena, foi muita pequena...

- *Como é que se resolveu?*
- Calámo-nos os dois. Eu sentei-me no sofá e ela foi-me perguntando de quem eram as coisas para poder separar.
- *E quando é que tu notas que os teus irmãos ficam zangados contigo?*
- Quando eu noto? Eh pá, não sei, eu quase nunca noto isso, eu só sei pelas discussões, mas fora disso acho que eles nunca ficam chateados, só se disserem alguma coisa, se não disserem, não.
- *E entre vocês não costumam discutir muitos, e com os pais?*
- É ainda melhor... eu e o meu irmão temos muito poucas discussões... agora a minha mãe e a minha irmã têm muitas, por acaso... Não sei porquê, nunca reparo, não percebo porquê, elas discutem muito mais. Nós os três com o nosso pai nunca discutimos nada, agora eu tenho de vez em quando uma com a minha mãe, a minha irmã tem mais, mas o meu irmão por acaso nunca tem com ninguém... damo-nos muito bem... Acho que vai ser sempre bom. Os meus irmãos já vão 'tar a trabalhar, eu vou 'tar a estudar... quer dizer, a minha irmã sim, o meu irmão não sei.
- *Porquê?*
- Porque eu não fiz as contas ainda quanto tempo falta para ele acabar a universidade, mas acho que ele também vai 'tar, não sei, já deve 'tar a trabalhar e eu na escola, não sei, se algo correr mal nos vamos ajudar-nos, de certeza.
- *O que podia correr mal?*
- Podemo-nos ajudar financeiramente daqui a uns anos.
- *Como imaginas que vai ser o futuro de cada um?*
- Não sei, imagino a minha irmã muito trabalhadora, o meu irmão imagino uma pessoa normal, e imagino-me a mim um milionário, não é, mas ainda falta muito.
- *Como pensas fazer isso?*
- Eh pá, não sei, tenho muitas ideias na cabeça, ainda nem faço a mínima do que vou seguir sequer. Uma das ideias é eu ser um empresário de sucesso, ter uma marca sozinha e ganhar milhões com isso... é uma delas...
- *Parece bem.*
- Isto é quanto tempo?
- *O tempo que nós quisermos, enquanto tiveres coisas para me dizer.*
- Mas vais cortar algumas partes?
- *Não, não tinha pensado nisso.*

- Se calhar há coisas que não devia ter dito...
- *Porquê?*
- Então, isto vai aparecer...
- *Ninguém vai ver isto, só eu.*
- Ah, pensava que ias apresentar isto para a turma.
- *Não...*
- Ah, ok. Pensava que ‘távamos a falar de vez em quando numas coisas.
- *Que coisas?*
- Que fugíamos um pouco do assunto.
- *Mas isso não tem problema, podes falar no que quiseres.*
- Então podemos continuar.
- *Muito bem... o que te ocorre...*
- Nada... Acho que já não há muito para falar, temos uma boa relação nós os três, como já disse... eu acho que entre nós é muito boa, também comparando com outras pessoas que eu conheço ainda é melhor.
- *Como são as outras pessoas?*
- Os irmãos estão sempre zangados, quase sempre a reclamar uns com os outros, quase nunca se falam. Conheço uns que quase nunca se encontram em casa e eu fico surpreendido como é que aquilo pode acontecer e conheço outros que estão sempre a discutir e eu fico “ah, nós nunca...” nunca acontece isso na minha casa. Não percebo como é que pode acontecer noutras. Acho que convivermos ajuda muito na nossa relação. Estarmos todos juntos na sala, de vez em quando nos passeios, acho que isso ajuda muito... a falar sobre o dia-a-dia, também implicar uns com os outros por causa dos namorados...
- *Namorados?*
- É mais à minha irmã agora porque ela tem um namorado e estamos sempre a implicar.
- *O que lhe dizem?*
- Começamos a perguntar quando é que ele vem cá a casa e se ele tem muito dinheiro, só para implicar. Não há uma razão específica.
- *Mas querem conhecê-lo?*
- Eu não faço questão, mas é bom um dia conhecer, antes que eles façam qualquer coisa... não sei, não sei... antes que eles casem se calhar.
- *Como te sentes agora que a Amélia já está na faculdade há um tempo, o Fausto entrou agora...?*

- As coisas não continuam iguais, a relação sim, mas eles têm menos tempo para conviver porque têm de estudar mais, têm de estar mais tempo fora de casa porque têm de ir para Lisboa e eu tenho... tenho ficado mais tempo com os meus amigos do que com eles. É isso.

- *E com os teus amigos o que gostas de fazer?*

- Costumo sair, dar um passeio... basicamente isso, jogamos uns desportos, futebol, basequete, vamos ao café... nada de especial. Por causa das namoradas é mais o meu irmão, vai ao face e vê que eu 'tou a falar com alguém e começa a implicar. Aconteceu já há um ano ou dois que ele viu-me a falar com uma miúda e ficou o ano todo e os meus pais também começavam e a minha irmã também a chamá-la, então e a Rita 'tá boa? Gostava de conhecer a Rita, e tal... só porque eu tava a falar com ela... era só uma amiga, tivemos uma conversa e eles começaram. Quer dizer, o meu irmão é que começou a dizer que ela era minha namorada, e aos meus pais e isso...

- *E o que achaste disso?*

- Achei engraçado mas também era irritante... Quando passou achei engraçado depois de ter passado. Das férias, lembro-me sempre de irmos ao Algarve todos juntos, fazer essas viagens em família, normalmente vamos sempre jogar bowling ao Algarve todos juntos e eu gosto de fazer isso, é engraçado ver quem ganha e essas coisas, e dar passeios... gosto de ir com eles à praia, ali, eh pá não sei, agora já não, mas antes íamos dar uns passeios na baixa, agora já não dá, 'tá tudo fechado, mas antes íamos... íamos dar uma volta de carro, íamos ao McDonalds muitas vezes, comer um gelado ou comer uns hamburgers e eu gostava disso, ficávamos muito tempo a falar lá no McDonalds. Quase uma hora ou duas horas a falar sobre o dia-a-dia e sobre as pessoas e isso.

ANEXO D – NARRATIVA DA EUNICE

Irmã mais velha da fratria Branco

- Eu diria que me dou bem com os dois... sou a mediadora... eles no geral dão-se mal. Às vezes dão-se bem, mas no geral dão-se mal. Mas... de todas as maneiras são pessoas. Não gostamos das mesmas coisas... nós sempre fizemos desporto, porque o meu pai tinha na cabeça que todas as pessoas deviam fazer desporto, então nós sempre tivemos desporto. Mas nem no desporto, sei lá, nunca estivemos ao mesmo nível, nunca... sei lá, se calhar não gostamos de jogar as mesmas coisas... mesmo o futebol... sei lá, eu acho que o futebol, o meu irmão preferia ver um jogo com os amigos do que ver connosco. Não sei, nós, nós às vezes, nós somos, não sei, às vezes somos carinhosos uns para os outros. Com a minha mãe. Deitamo-nos todos na cama da minha mãe e começamos aos beijinhos e aos abraços (ri). Mas diria que não tenho... uma relação muito próxima com nenhum deles. Eles não sabem tudo da minha vida e eu não sei tudo da vida deles. É estranho, mas eu acho que não sei, não sei, não sei nada da vida deles, mas também não quero saber... Prefiro não saber... Pronto, já estou habituada a não saber... Temos alguns amigos em comum... só por causa desses amigos é que eu às vezes sei alguma coisa da vida deles (ri). Porque eles me dizem: “Ah, o teu irmão ontem, não sei quê.”. Depois isto e aquilo e não sei quê... hum... mas pronto... não nos damos assim tão mal.

- *Não se dão assim tão mal.*

- Sim... Eu acho que, eu acho que depende das situações... eles... hum... eu acho que... hum... nós nos associamos todos, nós damo-nos melhor quando há uma discussão qualquer. Para nos darmos bem aqui em casa tem de haver outra pessoa ou um assunto qualquer que nos irrita profundamente e então nós partilhamos o nosso ódio. Geralmente nunca é uma coisa que gostamos muito, muito, muito. Estava a tentar lembrar-me de algum exemplo, mas não me lembro. Mas acho que não. Geralmente é, é uma coisa que nos irrita profundamente, é “Ai, o pai é assim, o pai faz isso!”. Nessas situações, acho que nos apoiamos. Então conversamos todos e juntamo-nos para partilhar o ódio, não sei. Hum... Não costume, não costumamos fazer programas. Ir ao cinema, ou... ou ir à praia... Isso são coisas com os amigos. Agora com os cães, que o meu pai trouxe cá para casa, o único programa que fazemos é ir passear os cães. Vamos juntos porque a cadela tem muita força e se for só uma pessoa com dois cães é muito mau, e então...

- *Vão os três?*

- Não. Nós vamos sempre só dois.

- *Dois a dois.*

- Sim. Os cães são dois e acho que nós nunca fazemos muita questão de ir passear os cães... mas os cães têm de ir à rua... e nós sabemos que se for só um é horrível... e quando vai só um há sempre aquela história de “Ai, eu fui sozinho passear os cães, e agora tens de ir só tu...”. Por exemplo, a cadela tem imensa força... o meu irmão tem mais força do que eu, mas eu sozinha não tenho força para agarrar na cadela... ela é que me leva a passear... Ah, com a minha irmã às vezes eu vou às compras. Fazemos isso. Ela gosta de me pedir uma opinião quando quer comprar alguma coisa. Eu não me importo de ir às compras com ela, só que ela importa-se de ir às compras comigo. Porque a minha irmã quando vai às compras, ela já sabe muito bem o que quer comprar. Normalmente não anda... pronto, não entra nas lojas todas. Ela já sabe que quer comprar, sei lá, uma mala, e até já vai mais ou menos com uma ideia de onde é que vai comprar a mala, de que cor é a mala. Mas eu, sei lá... não faço pesquisas na internet a ver que roupa é que quero... nem gosto de fazer, porque depois nem sei se aquilo me fica bem... tenho de experimentar sempre primeiro... para ter a certeza que compro a melhor roupa. Então, ninguém gosta de ir às compras comigo. Mas vão às compras com a minha irmã. E às vezes compro coisas para o meu irmão. Eu compro-lhe roupa. Eles às vezes já tem assim uma ideia do que quer comprar, então diz, mas por exemplo, eu e a minha mãe já sabemos mais ou menos o que ele usa... e ele odeia ir às compras, então quando sabe que nós vamos diz: “Ah, preciso disto...”. Mas a minha mãe é um bocado mais... ela atreve-se mais, e às vezes não corre bem (ri). “Ai, vou-lhe comprar isto”, mas depois ele não gosta.

- *Coisas para vestir.*

- Sim, coisas para vestir... Se for... na verdade, ele nunca vai às compras. Ele pede sempre que lhe comprem. Ele não gosta de ir às compras. E pronto, e nós vamos e ele diz: “Ah, já que vais compra-me...” uma caneta, ou um caderno... Mais... acho que cada um de nós tem uma relação muito diferente com o meu pai e com a minha mãe. O meu irmão admira muito o meu pai mas dá-se melhor com a minha mãe. Eu dou-me melhor com a minha mãe. Eu gosto de falar com o meu pai. Gosto de lhe pedir opiniões. A minha mãe de uma maneira geral não dá opiniões. Não sei porquê, mas ela submete-se sempre...

- *Opiniões sobre que coisas?*

- Sei lá... tenho estas duas cadeiras para escolher, e qual é que achas... A minha mãe diz “ah, tu é que sabes”. Sempre. E então prefiro falar com o meu pai quando tenho alguma decisão importante a tomar. Mas dou-me melhor com a minha mãe. A minha irmã... a minha irmã dá-

se bem com os dois e às vezes também se zanga com os dois. Ela é muito querida para os dois, mas depois quando se zanga também é parva para os dois... Não sei se há alguma coisa de que queiras que eu fale...

- *Até agora falaste sobre como é que vocês estão em conjunto, o que vos aproxima, e agora estavas a falar sobre a relação que pensas que cada um de vocês tem com os vossos pais.*

- Sim... hum... acho, acho, acho o meu irmão muito... muito pouco confiante, tem uma grande necessidade de aprovação externa... e acho que a minha irmã é completamente ao contrário. Agora vou-me avaliar, não sei se 'tá certo, eu acho que estou no meio. A minha irmã não quer saber do que é que ninguém pensa. E ela vive num mundo que é só dela. Às vezes nós estamos a jantar e ela diz coisas, sei lá, coisas do Conservatório, mas ela diz como se estivesse a falar com os professores dela do Conservatório e ninguém à mesa percebe nada. Mas ela nem sequer esse cuidado tem. E às vezes está mesmo irritada e quer demonstrar que está irritada, e expressa-se dessa maneira, como se nós fôssemos entender do que é que ela está a falar. E o meu irmão não é nada determinado, tem sempre que empurrar... parece que tem sempre alguma necessidade de mostrar algo a alguém, principalmente ao meu pai... ele gosta de... gosta de... hum... não é de lhe dar graxa, mas gosta quando o meu pai o reconhece, lhe dá valor. E então acho que ele faz muitas coisas como o meu pai faz. Por exemplo, o meu pai... dá muita atenção às irmãs do meu avô, que já morreu, como a minha tia, que vive sozinha... o filho morreu, o marido morreu... vive sozinha, se ninguém lhe ligar nenhuma, ela fica lá sozinha. E o meu pai desde há muito tempo que a leva a passear porque ela passava o dia com o meu avô, e então desde que o meu avô morreu ela está sozinha. E o meu pai é que ia lá buscá-la para ela vir cá almoçar, e levava-a ao campo... ela costumava passar o dia com o meu avô no campo... o meu avô levava-a ao campo... e então agora é o meu irmão que faz isso. Ou de vez em quando faz isso, mas eu não sinto muita necessidade de fazer isso... quer dizer, eu às vezes até me sinto mal de pensar, não é, devia fazer, ela está lá sozinha... podia fazer-lhe companhia... mas o meu irmão agora muitas vezes leva os cães lá para o campo, e ela fica lá, esse tipo de coisas. Imita o meu pai, imita as coisas que ele faz... eu acho que ele não se sente mal a fazer isso... ele sente-se bem, eu acho que para ele, eu acho que ele sente orgulho no meu pai e tenta ser um bocado assim... não tinha que ser... e então ele... ele agora tem 'bué problemas lá no Técnico. Ele não consegue fazer as cadeiras... e para mim é um bocado desesperante como é que ele ainda não mudou de curso. Porque é óbvio que ele não tem motivação para estar ali, não tem motivação, não gosta, não devia estar naquele curso. Mas o meu pai sempre nos passou um bocado a ideia que... só há duas

ciências: a Física e a Matemática. Se fores ver a minha irmã, já é completamente diferente... é que ela não quer saber. E eu já pensei se o meu irmão não se sente mal em estar a fazer algo que não gosta... acho que... estou um bocado no meio... e às vezes eles ainda se unem contra mim!

- *Ai é?*

- Sim! Dizem: “Ah, tu és sempre assim, é sempre a mesma coisa...”. Sei lá, é a tal história de alguma coisa que nós não gostamos e unimo-nos contra isso... pronto, e chateamo-nos uns aos outros...

- *Tens algum exemplo dessa história?*

- Hum... Sei lá, sou sempre a última a chegar ao carro... e eles depois ficam a viagem toda a dizer: “Ah, és sempre a última, não te despachas, e não sei o quê... e eu fui dizer para acordares, e tu continuaste a dormir... disseste que vinhas e não vieste... és sempre assim!” E nem é preciso ser... quer dizer, quando nos juntamos para falar mal de alguma coisa nem precisa de ser alguma coisa aqui em casa, pode ser com a minha tia, pode ser... pode ser com o que comemos, pode ser com alguma pessoa que passou na rua... nós interagimos mais quando há alguma coisa que nos faz comichão. Dizemos, e depois o outro diz: “Ah, sim, é verdade!”. E ficamos unidos a falar sobre. Ficamos amigos durante um bocadinho...

- *Ficam amigos durante um bocadinho...*

- Sim! Mas... eu não sei, eu já pensei noutras relações de irmãos, e nós de facto não somos muito próximos, mas... eu não sei nada, não sei o que comeram ao almoço, eu sei o que é que o meu irmão gosta de fazer mas é porque vivo em casa com ele, não foi porque ele se virou para mim um dia e disse: “Ai, eu gosto mesmo de fazer isto!”. Não... pronto, não dizemos nada uns aos outros. E... e com a minha irmã acho que é quando há alguma coisa que não gostamos...

- *Não dizem nada uns aos outros...*

- Hum... não, como é que correu o dia, como é que... como é que se faz... por exemplo, eu agora sei a que horas é que ele vai para Lisboa porque ele vem comigo de carro, e sei quando volta porque ele volta comigo. Mas não sei com quem ele almoçou, não sei que cadeiras é que ele tem, não sei que testes é que ele tem... Não sei nada. E da minha irmã também não. Quer dizer, da minha irmã às vezes ela diz... Mas acho que nunca fomos habituados a, sei lá, falar sobre... sobre o que tivemos a fazer, sobre o que correu mal, o que correu bem... Muitas vezes não nos sentamos todos à mesa a jantar... por exemplo o ano passado a minha irmã saía quase às dez do Conservatório e quando chegava já toda a gente tinha jantado. Sempre

jantámos cada um à sua hora. À minha avó faz-lhe imensa confusão... a minha avó veio para aqui viver quando o meu avô morreu e pronto, ela chegou aqui e pronto, nunca nos sentávamos. Eu faço um esforço para jantar com ela, mas a mim não me faz diferença nenhuma jantar sozinha... Mas a ela fazia imensa confusão como é que não nos sentávamos todos à mesa à mesma a hora a comer... a mesma coisa... às vezes nem a mesma coisa comemos. Nem sabemos o que é que cada um jantou.

- *Então mas há pouco disseste que o teu pai se preocupava muito com a tia, como é com a tua avó?*

- A minha avó... ele aparentemente não tenta jantar com ela... ele chama-a para vir comer e ela demora para aí uma meia hora a descer. Hoje ao almoço quando ela desceu, disse assim “Ah, vocês são muito rápidos...”. Eu fiquei lá sentada até ela acabar, mas de facto já tinha acabado de comer quase tudo quando ela desceu. Não sei... antes de ser com a minha tia, era com a irmã da minha avó... ela vivia com um filho que não tinha uma perna, eram os dois diabéticos, morreram os dois... agora é com a minha avó. Mas nunca tinha pensado nisso... pois não sei, de facto é um bocado estranho... ele faz tanto com a minha tia... eu acho que ele tem uma maneira de se preocupar, que eu não concordo, sinceramente não gosto, faz-me confusão. A minha avó é diabética e o meu pai insiste em querer apontar-lhe os erros à frente de toda a gente, como se estivesse a ralhar com ela. E eu acho que a minha avó não gosta, e eu percebo que ela não goste, acho que ninguém gostava. Sei lá, por exemplo, estamos numa festa de anos e ela vai tirar um rebuçado, e ele vai lá e é capaz de se passar com a minha avó à frente de toda a gente e acho que assim ainda é pior porque a minha avó gosta muito de... por exemplo, senta-se na cozinha e vira-se para mim, e eu até lhe digo: “Ai, se o pai estivesse aqui...” e ela ri-se e diz: “Pois, mas não está!”. Do tipo... agora posso. Quando é para nos chatearmos quando ele acorda também nos unimos... quando ele acorda de mau humor.

- *Ele acorda de mau humor?*

- Ele acorda cedo. E depois quer que as outras pessoas acordem todas cedo. O meu pai acha que se uma pessoa acordar às dez, já perdeu muito do seu dia, e até é verdade, mas eu olho para o dia dele, e ele passa metade do dia a procrastinar... mas ele é um bocado como eu, eu também antes que comece a fazer alguma coisa fico a pensar na forma mais eficiente de fazer a coisa e depois entretanto passaram-se três horas e eu ainda não fiz nada. E o meu pai é exactamente assim. Mais valia ter ficado... a dormir mais um bocadinho. E pronto, ele diz que nós temos de ser produtivos, temos de passar o dia todo a fazer alguma coisa... uma pessoa passar um dia inteiro a ver televisão para ele... é... uf, horrível. O meu pai às vezes,

ele nunca diz “está bom”. Há sempre uma coisa qualquer que podias ter feito. Podes ter feito imensa coisa, mas há sempre uma coisa qualquer que não fizeste e podias ter feito. E connosco há sempre muitas porque ele acha que eu devia fazer vela, devia estudar piano, devia estudar guitarra, devia estudar francês e alemão e espanhol... Então se eu durante um dia tiver estudado piano, tiver ido à vela, tiver feito um teste, tiver ido correr... ele vai dizer que é porque não estudei francês, ou assim. Há sempre alguma coisa que eu podia ter feito e não fiz. E com os meus irmãos é a mesma coisa. Acho que o meu irmão sente-se mal com isso e a minha irmã não. Ou aparentemente, para mim, não. Porque o meu irmão... ele sempre deu ao meu irmãos as mesmas oportunidades que me deu a mim. Mas eu geralmente aproveitei melhor. Por exemplo eu procurava qualquer coisa, queria ir, ele dizia que sim, e o meu irmão, tipo o meu irmão às vezes vira-se e diz: “Ah, tenho de fazer o *First*.”. Tem de. É uma coisa que ele tem de fazer. Mas no fundo não é! Ele não tem de fazer o *First*. Mas devia, pronto, acho muito bem... Mas ele agora olha para mim, para as oportunidades que não aproveitou, e, e, e... e pensa. Ele tem de as fazer. E a minha irmã não. Eu nunca vejo a minha irmã preocupada em fazer o *First* ou... Nada!... Não sei se entendes o que eu estou a dizer. Ela faz aquilo que lhe apetece. Agarra as oportunidades que ela quer e não as que o meu pai lhe dá. Porque o meu pai dá um leque de oportunidades... se eu dissesse ao meu pai que queria ir fazer um curso de danças de salão, ele não... Se eu disser assim “Pai, quero ir para o Instituto”, ele dá-me o dinheiro para eu ir. Se eu disser assim: “Pai, quero ir fazer um curso de dança do verão”, ele não dá. Também não vou fazer nenhum curso de dança do verão, mas sei lá... uma coisa qualquer!

- *E com a tua irmã é diferente?*

- Não, com a Débora é igual, simplesmente a minha irmã começou a filtrar um bocado as oportunidades que ele lhe dava... porque ele quando fala parece que dá um grande leque de oportunidades, só que não é assim tão grande. E ela só tira dali aquilo que quer. Não... não sei. Às vezes também não sei se percebo a minha irmã. Ela faz o que lhe apetece. E o meu irmão faz o que acha que tem de fazer.

- *Porque é que dizes que não sabes se percebes a tua irmã?*

- Não sei, porque... eu acho que ela às vezes, eu acho que ela às vezes está mesmo triste e eu não percebo. Como agora, a minha irmã está à espera... porque houve uma confusão qualquer lá com a Universidade de Évora... primeiro entrou, depois não entrou, e agora ‘tá à espera da resposta final... eu pensei que a resposta final era a última, mas pelos vistos não era, e eu acho que ela está mesmo chateada, mas não se vê. Não se vê de maneira nenhuma. Não sei,

arranja sempre alguma coisa para ela se entreter. E... não sei, lá está, eu não sei, eu acho que ela está, mas não tenho a certeza, porque ela não dá assim... ela às vezes lá larga um “Fónix, nunca mais me telefonam!”. Mas não percebo se está muito... Ou quando ela às vezes me está a contar, “Ai, hoje na explicação estava lá uma rapariga que me estava só a mandar calar.”. E eu pensei que se fosse comigo eu ia ficar mesmo chateada. E se calhar não ia querer, se calhar não ia querer mais ir à explicação. Quando eu tinha a idade dela, acho que era isso que eu ia fazer. Estar na explicação com uma rapariga que passa a vida a mandar-me calar... E até é um bocado estúpido, quer dizer, porque se calhar a rapariga é que é estúpida, mas eu acho que era isso que eu ia fazer. Se fosse comigo. Mas ela fala como se de facto a outra é muito estúpida, mas eu não sei até que ponto é que ela não se deixa afectar por a outra estar ali a mandá-la calar. Mas depois, não sei! Por um lado não parece muito, porque ela podia perfeitamente dizer que não queria ir mais para lá, e não o faz. Mas por outro, acho difícil não a afectar de maneira nenhuma. No entanto não vejo que a afecte. Pronto, ela estava um bocado irritada, mas não estava... nem sei sequer, eu estou a dizer provavelmente como seria se fosse comigo. Isso irrita-me mesmo. Não somos nada iguais.

- *Ficaste indignada com isso?*

- Sim. Acho que ainda nem tinha pensado sobre isso. Na minha reacção, que era...

- *Que era...*

- Sair dali. E de facto às vezes eu sei que as pessoas são estúpidas, mas afecta-me mesmo que... sei lá, ter ali uma pessoa a mandar-me calar, não gosto! E prefiro sair, mesmo que a culpa não seja minha e que seja da outra pessoa, a culpar essa pessoa ou a culpar outra pessoa, ou... e a minha irmã, a minha irmã aparentemente não tem o mesmo problema que eu. Mas eu tenho esse problema. E para mim esse problema é tão grande que eu não percebo se é possível que ela não o tenha de maneira nenhuma. É assim. Hum... Isto é por exemplo uma história da minha irmã, a da rapariga da explicação que a mandou calar. E o meu irmão, eu lembro-me de uma história que eles estavam aqui em casa a jogar Play station, e um amigo deles foi à janela e viu um outro rapaz que eles conheciam e disse assim: “Ah, está ali o Tomás” e eles ficaram todos chateados porque o Tomás é chato, o Tomás é aquilo, o Tomás é isto. Até que um deles se apercebeu que faltava um comando da PS e o Tomás tinha um comando, então eles disseram ao Tomás para ir buscar o comando e para se vir juntar a eles. E eu achei isto muito esquisito, porque eu também nunca na vida ia fazer isso. E às vezes digo assim ao meu irmão “Olha lá, tu já viste o que é que vocês fazem uns aos outros?”, e ele assim: “Ah, mas é o Tomás” e eu: “Mas não achas que eles te podem fazer isso a ti?” e eu vejo-os a fazerem este

tipo de coisas ao meu irmão. E digo-lhe e ele parece que não quer saber, sei lá, por exemplo, eles às vezes querem ir à praia e ele é o único que tem carro. E eles telefonam-lhe e dizem assim: “Queres ir à praia?” e ele “Tá bem” e depois perguntam “Quando é que ele os pode ir buscar de carro.” E diz assim: “Ah, vou buscar o não sei quantos, vamos à praia.” E eu: “O quê? Eles só te convidaram para ir à praia para tu levares o carro! Vais ser o motorista!” e ele: “Ai, não é nada, não sei quê, e às vezes eles levam.”. Esse tipo de coisas. Mas o meu irmão chateia-se com o meu pai nessas coisas por causa do carro, porque ele às vezes disponibiliza-se a levar o carro para o Algarve, sei lá, com os amigos. E o meu pai pergunta: “Ah, quanto é que lhes cobraste?” E ele diz: “Ah, aquilo foi um depósito, dividimos por todos. Cinquenta e cinco, foram lá cinco pessoas. E o meu pai assim: “Ah, mas que categoria, já viste, ir para o Algarve por cinco euros.” E depois o meu irmão, ele percebe que um carro é mais que o gasóleo que metes lá dentro, mas por outro lado ele não quer sobrecarregar os amigos, porque ele acha que se cobrar mais eles depois não vão. E parece que isso depois vai culminar em eles deixarem de ser amigos dele. Parece que a única coisa que ele tem é o carro. E ele assim: “Ah, mas eu não posso cobrar isso, isso é mais que o comboio.” E o meu pai assim: “Ah, mas sabes que eu trabalho numa empresa e quando nós vamos, quando é suposto fazermos as viagens de carro, eles pagam mais do que para ir de comboio, porque o carro é o seguro, e não sei quê, e não sei que mais. O meu pai é um bocado exagerado, porque cobrar também mais que o comboio é um bocado estúpido. Podia, sei lá... agora cinco euros é que não. Mas... mas pronto, ele ficava sempre muito chateado porque o meu pai só o deixava levar o carro nessas condições. E eu às tantas, nunca percebi se o meu pai o estava a treinar de alguma maneira porque ele comigo nunca foi chato com o carro. Mas com o meu irmão... disse que só o deixava ir para o Algarve se ele fosse pela auto-estrada e se eles pagassem as portagens. E ele disse: “Ai, não sei quê, é mais seguro e tal” e sim, é verdade, mas depois fica mais caro e... e pronto, a ideia era eles gastarem menos dinheiro, mas não sei porque é que o meu pai faz isso. Mas ele comigo não é muito chato com o carro. E eu acho que ele se apercebe também destas coisas e... pronto.

- *Ele quem?*

- O meu pai, apercebe-se que às vezes o meu irmão leva muitas vezes o carro e não gosta.

- *Disseste que pensavas que ele podia estar a treiná-lo...*

- Sim, mas não era bem a treinar, era tipo... sei lá, para ver, a treinar sim, hum... eu não digo que o meu pai queira que ele se chateie com os amigos, mas se um amigo dele se chateasse com ele por causa disso, podia ser que o meu irmão visse que pronto, não tinha interesse,

enfim, acho que, eu não percebo porque é que ele é tão chato com ele não sendo comigo. Aliás, percebo, eu não sou motorista, não é... O meu irmão leva imensas vezes o carro, mesmo para aquelas vezes na Comporta leva o carro a dar a volta... assim: “É maluco? Não! Se tu quiseres ir à festa com o carro, ias de *ferry!*” E eu acho que se fosse o meu pai não queria saber se eu ia dar a volta ou se não ia dar a volta, mas com o meu irmão tem mais atenção. Uma vez o meu irmão foi parar ao hospital bêbado e ele estava sozinho. E ele tinha saído com outros dois rapazes. E pronto, e ele ‘tava sozinho. Acho que os amigos nem sequer sabiam que ele tinha ido parar ao hospital. E acho que desde aí o meu pai ficou um bocado verde... putos estúpidos... mas há uns anos o meu pai gostava imenso deles, mas agora depois com estas coisas não lhes acha muita piada. Não percebo como é que o meu irmão se pode dar com pessoas assim, ou como é que não vê que lhe podem fazer o mesmo a ele, e que fazem, com certeza absoluta. Quando aquele rapaz estava à porta e eles todos chateados “não lhe abras a porta” e depois repararam que podiam ter um benefício e aí já podia ser. Ele parece que não há mais ninguém. Acho que fazia bué bem ao meu irmão ir de Erasmus ou assim, conhecer outras pessoas... Ele tem um amigo que foi para os Estados Unidos e eles falam na net, pelo Skype, todos os dias! Todos os dias!

- *O teu irmão e o amigo?*

- Sim... parece que não há mais ninguém, parece que não há mais nada para fazer... o meu irmão no técnico não faz amigos novos. Acho que ele pensa um bocado “Para que é que eu preciso de amigos novos, já tenho tantos.” Mas quer dizer, quando estás a estudar pode-te dar muito jeito dares-te bem com as pessoas da tua turma, por exemplo, se faltares a uma aula ou coisa do género... ou que precisas de estudar para um teste ou assim... e o meu irmão nunca fez amigos. E eu falo por mim, eu acho que não conseguia fazer o Técnico sem as pessoas que conheço lá, porque... dá imenso trabalho, os professores não resolvem exercícios, nem nada... e sozinho demoras muito mais tempo. Mas o meu irmão entrou um bocado num convento. Ou não precisa de mais amigos, não sei. Ele nunca me disse isto, mas eu acho. E a minha irmã... não sei, eu acho que me preocupo pouco com a minha irmã porque ela não tem, ou aparentemente não tem motivos de preocupação...

- *Ela até foi para um curso que não tem nada a ver com Engenharias.*

- Mas o meu pai pô-la a fazer Matemática como externa, ela andava no Paulo. E queria que ela, no outro dia ‘tava a dizer que era bom ela ir para Gestão na Música... nada a ver... ele não quer, acha que Música é um passatempo. E também pode ser, não é, mas uma pessoa que estude 2h por dia nunca vai ser ninguém na Música. Não digo que não faça bem, acho muito

bem, eu também toco, mas... se a minha irmã quiser trabalhar nisso, tem de estudar muito mais. Ele não percebe mesmo. Não percebe. Por exemplo, o meu professor de guitarra portuguesa, eu acho que o homem nunca deve ter dito que tinha tirado um curso superior, por isso ele acha que o homem não percebe nada de música. E aparentemente isso não é verdade... não pode ser verdade, eu 'tou sempre a tocar com o homem e ele sabe imensas coisas, porque já faz aquilo há montes de anos, e para o meu pai até podes fazer uma coisa há 30 anos, que se não tiveres um diploma a dizer que fizeste, não és nada. E quando tens o diploma, és quase garantidamente bom, o que também não é verdade. Eu conheço muitas pessoas que fizeram o Conservatório e basta largares os instrumentos e nunca mais tocares, porque tem de se praticar música todos os dias e o meu pai não percebe isso. E com as línguas é a mesma coisa. Ele acha que agora quando eu voltei da Alemanha, devia ter logo feito exame porque estava fresquinha... porque o importante é eu fazer o exame e ter ali escrito que tenho aquele nível, já não é importante eu continuar a praticar, porque quer dizer, se eu deixar de falar uma língua, também não quero dizer que vá deixar de falar completamente, mas por exemplo, eu fiz um teste de francês e dava montes de erros que não costumava dar, mas se eu deixar de praticar é isso que acontece... mas o meu pai é só ali um papelinho a dizer que fiz, que tenho um nível, e que sei e que faço.

- *Mas ele apesar de achar que esse tipo de profissões não muito científicas não são bem profissões, ele sempre fez questão de vocês andarem por essas áreas.*

- Sim, sim. Mas ele acha que é importante, acha é que é um hobby e que ninguém vive daquilo. Mas é preciso ser bom para se viver daquilo. Se a minha irmã quiser viver daquilo, vai ter de estudar aquilo. Ser professora de música, ela gosta. É o que ela gosta de fazer e pronto. Mas pronto, é...

- *E como é que essa ideia foi recebida?*

- Eu acho que a minha irmã teve sorte. Eu não acho que a minha irmã seja parva nenhuma. Mas ela não... nunca teve boas notas na escola, nem a físico-química, nem a matemática... E foi um bocado por causa disso... porque se fosse eu a dizer que quero ir para música, não ia para música. Mas acho que foi isso. Mas eu não sei qual é o problema da minha irmã com a Matemática. Pronto, ela não gosta assumidamente, não gosta porque não gosta. Acho que ela é um bocado despreocupada de mais. Eu estou sempre a pensar que se fizer isto vou receber algo depois, ou vou ter uma profissão onde possa ganhar mais dinheiro, ou ter uma melhor casa. No fundo é ganhar mais dinheiro. E a minha irmã nunca faz, ou não me parece que faça uma coisa com uma intenção qualquer ou a pensar no que é que vem a seguir. É sempre

“agora quero isto” e pronto, e faz. E se eu lhe perguntar então mas porquê: “ah!” Nunca tem, não tem nenhuma lição... em termos financeiros, de trabalho, um trabalho onde sejas paga como deve ser. Por isso é que eu faço tantas... quer dizer, faço porque gosto também, mas é uma das minhas motivações também é quanto mais encher o meu currículo com coisas, maior é a probabilidade de me pagarem mais. E o meu irmão é aquele gajo, eu acho que há muitas pessoas que são assim, ele é claramente uma pessoa que não quer fazer nada, e quer ganhar rios e rios de dinheiro... como naqueles programas em que um gajo inventa um apito e fica rico. E parece que ele ‘tá sempre à procura de inventar uma coisa qualquer, algo para que ele trabalhe só uma vez. Eu uma vez até ‘tava a falar com a minha tia sobre isso, que ele gostaria por exemplo de tirar um curso de Desporto. Eu não o consigo ver a tirar Economia, por exemplo. Se eu disser, por acaso já lhe disse que dava vales de dinheiro, e dá, mas o meu irmão quer é inventar uma coisa qualquer, trabalhar muito para aquilo mas só trabalhar uma vez e ganhar rios de dinheiro com isso. Ele cansa-se mesmo, eu às vezes vejo-o a pensar no que ainda falta e a desistir. Ele também andou a aprender guitarra, mas desistiu. Acho que foi só para aí dois meses. E o professor nunca se zanga, não é daqueles do tipo “não estudaste, não fizeste”, comigo eu sei que não sou assim tão boa, e ele está sempre “ai, que bem, que bem! Que fantástico!”. Mas mesmo assim ele desmotiva... ele depois começa a ver vídeos de pessoas que tocam muito bem e parece que começa a pensar no que ainda falta para chegar ali e então acaba por desistir. Mas ele tem isso, vê-se que ele é uma pessoa que tem sonhos desses. Ser muita bom a fazer uma coisa e ganhar rios de dinheiro. Mas depois vê que dá trabalho e desiste. Mas quer dizer, dá tudo trabalho. E pronto.

ANEXO E – NARRATIVA DO ELIAS

Irmão do meio da fratria Branco

- Hum... então não sei, eu... basicamente ser irmão é estar presente quando as minhas irmãs precisam, qualquer coisa que elas necessitem ou que eu necessite, apoiamo-nos uns aos outros. Não sei muito bem por onde...

- *Qualquer coisa como assim?*

- Se elas precisam de ajuda em alguma coisa ou se, estarmos presentes para coisas que elas necessitem, seja escola, seja qualquer problema que tenham. E... não sei bem... a escola... e mais, por exemplo também fizemos sempre desporto os três, quando começámos algum desporto foi sempre os três

- *Os três juntos?*

- Os três juntos. Natação, ténis, judo, vela... nisso também nos ajudávamos, qualquer coisa, a competitividade entre os irmãos também era uma coisa boa porque ajudávamo-nos. Hum... há sempre aquela competitividade entre os irmãos, seja na escola, seja no desporto, seja nessas coisas todas há sempre aquela competitividade e aqueles em que os pais vão fazer mais ou menos pressão. Consoante as notas ou o desempenho nessas coisas.

- *E como é no vosso caso?*

- Na escola se nos estivermos a safar, os meus pais são pessoas que nos deixam fazer qualquer coisa. A partir do momento em que começa a haver algum desleixo, falhas, começam a entrar mais no assunto e a pressionar mais no geral. Acho que é assim. No desporto, às vezes acham que sabem mais do que sabem. Por exemplo, a minha irmã, a Nice [*diminutivo de Eunice*], foi a que fez vela mais competitivamente. E como ela era mais nova que as outras, supostamente ela tinha hipóteses de ir a mundiais, só que ela também nunca esteve disposta a fazer esse tipo de competição, e os meus pais, e o meu pai principalmente achava que ela conseguia, e isso, e ela explicava, não, e ela também não queria, e se calhar fazem pressão que não é necessária e também não traz muito de bom.

- *Não traz muito de bom....*

- Oh, às vezes é bom, mas se for exagerado, também as pessoas começam a desistir. Eu fazia vela e se calhar agora já não faço porque... A Débora, o desporto dela era o ténis, o meu pai com a Débora nunca andou ali muito porque ela dedicou-se mais à Música, ela dedica-se é mais à música, o pai pressiona porque é o que ela quer, ela tem de estudar e não sei quê.

Comigo (ri) eu sempre gostei mais de fazer desporto, eu desisti da música no quinto grau, não avancei mais, não fui muito bem visto... mas não conseguia.

- *Não foste muito bem visto?*

- Não fui muito bem visto, achavam que eu devia ter feito pelo menos até ao oitavo grau, mas eh pá, não era claramente o que era importante. Não me revoltei, disse “Eu gostava de fazer mais definitivamente o Desporto, portanto não tenho tempo para fazer música, senão... não conseguia.”. Não me safei no Desporto e o meu pai disse: “Olha, se tivesses continuado na música...” e eu disse: “Não me safei eu e não se safaram milhares de outros, as pessoas ou tentam ou não tentam.” Mas pronto, acho que no geral tenho uma boa relação com as minhas irmãs, e... às vezes sou... como hei-de dizer, questiono um bocado o que elas fazem, por exemplo, a condução, ‘tou sempre a gozar ou a dizer qualquer coisa. Mas são picardias de irmãos.

- *Mas como é isso?*

- Então, às vezes começo a gozar para ela fazer as coisas, e ela “então mas eu já sei fazer, eu já tenho a carta”, e pronto. Acha que já sabe tudo. Eu também, com a minha irmã mais velha também me dizia essas coisas, e achava que também já sabia e eu agora digo à minha irmã mais nova.

- *Fiquei um bocado baralhada. Primeiro pensei que te metias com elas por serem raparigas, mas agora parece-me são os mais velhos que se metem com os mais novos.*

- É... a minha irmã diz-me a mim, e eu digo à minha irmã mais nova. Às vezes também faço À minha irmã mais velha, mas isso é só agora que já tenho alguma experiência. E a minha irmã mais nova não faz a ninguém, acha que sabe, mas não dá, não tem muita hipótese.

- *Acha que sabe?*

- Ela... eu acho que a minha irmã mais nova é muito influenciável, consegue ser muito influenciada pelas pessoas. E então muitas vezes tentamos ajudar e ela acha que já sabe tudo, principalmente os meus pais, a dizer-lhe o que é que tem de fazer, e ela acha que já sabe tudo, que as pessoas é que a ajudam. As pessoas, as outras... e ela é influenciável pelas outras pessoas, mas ela podia ter boas influências, mas também podia ouvir a opinião que os meus pais lhe dão. Em vez de falar por cima e tirar as conclusões sem antes ouvir tudo. Comigo e com a Nice já é diferente... como já estive a viver com a Nice, de certa maneira já é diferente, se eu preciso de ajuda ela dá-me ajuda, mesmo ela diz que se eu precisar de ajuda ela dá-me ajuda, em casa já tivemos outro tipo de vida, vivíamos os dois, distribuíamos tarefas, e já é diferente... dou-me melhor com ela porque passo mais tempo com ela. E com a minha irmã

mais nova agora também. À medida que uma pessoa vai passando mais tempo, consegue-se dar melhor.

- *Passa mais tempo, passam a dar-se melhor.*

- Não propriamente, mas neste caso foi assim que aconteceu, eu quando ela ‘tava aqui no liceu se calhar não me dava tão bem com ela e quando ela foi para a universidade e quando eu fui viver com ela, passei a dar-me melhor. Estávamos sozinhos os dois, e obviamente se ela não tinha mais ninguém para falar e eu não tinha mais ninguém para falar, íamos falar. Acho que não me lembro de mais nada... Realmente não... basicamente quem é mais velho e quem tem mais experiência dita mais ou menos as coisas, pelo menos nós somos assim. Na maior parte das coisas. Mas depois também temos outro tipo de tarefas, por ex, os meus pais, aquelas pequenas tarefas de casa, fazer as camas e os meus pais fazerem não sei o quê, o meu pai leva tudo um bocado, as mulheres faziam uma coisa e eu fazia outra, mas por exemplo agora já toda a gente fazia tudo, obviamente que não pedia às minhas irmãs para ir cortar lenha, mas... e... não, acho que... basicamente é uma relação boa, sempre que precisamos de qualquer coisa, fazer qualquer coisa para ajudar o outro, nem que seja um recado ou qualquer coisa, estamos sempre dispostos a passar isso.

- *Quem é mais velho dita mais as regras, isso quer dizer o quê?*

- Como hei-de explicar... como tem mais... imagina se eu for... por exemplo se estivermos a fazer qq coisa que esteja relacionada... .. hum... por exemplo, se eu, é mais normal eu pedir à minha irmã mais nova para fazer algo do que à minha irmã mais velha, um favor ou assim. A minha irmã mais nova não pede a ninguém e a minha irmã mais velha é capaz de pedir aos dois. Há uma vantagem em ser mais velho aqui, claramente. Mas basicamente é só isso... hum... acho que não tenho assim mais nada para dizer, nós não temos nem grandes episódios nem grandes sobressaltos... acho que não há assim grande história... mas lembro-me que uma vez ela ‘tava a voltar à noite, ‘tava em Lisboa e ‘tava a voltar à noite para casa, e meteram-se com ela, meteram-se com ela na rua e ela voltou para casa a chorar, e eu depois fui ter à rua onde supostamente ‘tava o senhor que tinha feito alguma coisa e ele já não ‘tava e não sei quê, e ela depois ficou a chorar e não sei quê e falou mais comigo, mas não é muito costume termos episódios... acho que é só.

ANEXO F – NARRATIVA DA DÉBORA

Irmã mais nova da fratria Branco

- Assim é um bocadinho mais difícil, é assim... então é que a minha relação com o meu irmão, a minha relação com a minha irmã é um bocadinho melhor que com o meu irmão. Se calhar é um bocado porque ela é rapariga e é um bocado mais velha... E sempre foi assim, não sei, ela há uns anos atrás era assim um bocado mais hipócrita, no sentido de ela por exemplo ela chateia-se e então despejava, mas de qualquer maneira eu acho que nos últimos anos ela tem aprendido a guardar-se um bocado mais para ela. Bem, o meu irmão também gosto muito dele, é meu irmão, mas... como ele é rapaz as coisas são um bocado mais complicadas. Ele... também agora somos mais velhos, já nos damos melhor, mas costuma muito haver aquela coisa do “ah, foste tu que começaste”, ver quem é que tem a culpa... mas nós também gostamos disso. Também tivemos bons momentos, aqui com a Play Station, jogávamos os dois bastantes vezes, e muitas vezes eu gostava mais de estudar Matemática com o meu irmão do que com o meu pai no sentido que ele não me tratava como se eu fosse uma criança. E o meu pai tratava-me como se eu ainda fosse uma criança pela maneira como falava comigo e me dizia as coisas. Depois acontece muito aquelas histórias de roubar o sofá. O meu irmão chega, eu estou num sofá e ele “Bora lá, tá aqui a minha irmã, isto despacha-se já rapidamente!”. Nestas histórias do sofá a minha irmã é diferente. O meu irmão começa por me deixar ver o que eu quero. Depois senta-se no sofá e vai-me empurrando para fora do sofá e depois eu tenho que me ir embora. A minha irmã não, a minha irmã diz “Eih, eu ‘tou em Lisboa todos os dias, deixa-me lá ver... em Lisboa não tenho os canais que eu quero, aqui já tenho...”. Depois... deixa ver mais... não sei, aquelas coisas de, isto irrita-me, não sei se isso acontece com outras pessoas, mas a minha família gosta de me comparar bastante com a Nice porque digamos que ela se está a sair bastante bem a nível escolar, está no curso em que está, e é muito bom, mas o meu pai acaba por ser um bocadinho rígido demais, porque ele quer que nós sejamos como ela. Quer que sejamos daquela maneira e isso tudo, sejamos como ela, estudemos como ela, façamos tudo como ela faz, e isso também... a culpa não é dela, hum... nesse sentido, depois é... é mais assim, mais... como irmã eu gosto muito dele e principalmente agora que somos mais velhos conseguimos dar-nos bastante melhor. Na altura em que éramos mais novos, eu por exemplo era bastante gozada quando andava no ténis pelos amigos do meu irmão, e ele juntava-se às pessoas e isso também era um bocado mau. O meu pai chegou a zangar-se com ele por causa disso. E havia imensas confusões... é sempre

difícil. É assim... mas eu sempre gostei de jogar Play Station com o meu irmão e era bom porque por exemplo as partes que ele não gostava, eu gostava. As partes que eu não conseguia passar, passava ele e ajudávamo-nos mutuamente. E tínhamos uma opção que era de *multi-player* e tínhamos sempre duas pessoas a jogar. Agora tu defendes, eu ataco! Agora quando eu chegar é para atacar aqui! Por acaso jogávamos bem em equipa. Depois no entanto com a minha irmã eu não tenho nenhum desses momentos... não tenho assim este tipo de coisas. Com o meu irmão as memórias são assim um bocado mais alegres, com a minha irmã não tenho muitas. Só mais agora é que eu começo a ter estas coisas assim com ela, mas agora conseguimos ter conversas melhorzinhas não acabam em ela ser melhor do que eu ou eu ser melhor do que ela, sempre assim. Quando andávamos as duas no piano havia um bocado de competição, por exemplo eu tocava uma música que ela já tinha tocado, e ela quando tocava eu dizia “olha, tens de ter cuidado, porque devias ver melhor esta parte” e ela “então, mas eu já toquei isto, o que é que estás a dizer” e dava sempre porcaria. E então... e agora por exemplo que ela também ‘tá na guitarra... ela é no sentido que por exemplo, tu tocas piano, sabes que estudar tem de se estudar bem e não se pode tocar a música do princípio ao fim durante mil vezes, não pode ser assim e então uma coisa que eu sempre lhe disse: “Quando estudares tens de ir ao sítio crítico”, é a melhor forma de estudar. Não é passar por esse sítio, passa, mas temos pena, isso não é estudar, não é assim que vai sair alguma coisa de jeito. E eu sempre lhe disse que isso não é estudar e ela disse: “Ah, eu estudo três horas por dia! Está tudo cronometrado! “Nha-nha-nha” e eu disse assim: “Ó Nice, é assim, o meu professor sempre me disse que mais vale dez minutos bem estudado do que uma hora sem cabeça e é isso que tens de entender”, e ela não percebe, se calhar no sentido que “ai, eu sou mais velha do que ela, ela não sabe ainda”, deve ser por aí, é sempre assim. Acho que depois também há aquelas histórias de... pronto, as coisas vêm sempre para cima de mim na maior parte das vezes. Acho que, depois, na maior parte das vezes as culpas vêm sempre para cima de mim, por exemplo, cabelos no ralo? Da minha irmã não são! São agora da minha irmã... são meus, mas é! Agora são da minha irmã... Olha agora... A minha irmã não faz nada. Depois é... sei lá... pensos mal enrolados, e depois é... depois é... aquela coisa por exemplo, ontem à noite não havia nada para jantar, a minha irmã aqueceu a sopa para ela e para a minha avó, ya, foi assim, e depois o meu irmão chegou e não tinha nada para jantar e pronto, comi qualquer coisa... fiz uma alheira e esparguete. Eu comi o esparguete, ele comeu a alheira e o esparguete, depois no final destas coisas todas, eu ainda tive de lavar a cozinha... Normalmente as últimas coisas vão sempre para cima de mim, não é sempre, mas na maior

parte das vezes nunca vão para cima deles, não é, a maior parte das vezes. E depois claramente quando acontecia alguma coisa, eu é que ‘tava a mentir. Eu é que ‘tou sempre a mentir. O meu irmão é que ‘tá sempre certo. Sempre a mentir. Depois... pronto, eh... é assim... também nunca... quando eu era pequena andavam a chamar-me croma nas minhas costas. E eles achavam que isso era uma coisa muito normal, uma coisa que não magoava, ou que... uma pessoa não sei, sei lá... e então cada vez que eu lhes dizia “Olha, não gosto que digam isso” eles diziam “Ah, não sejas parva, isto é, são pessoas a falar... Não estamos a falar mal de ninguém, estamos só a dar-te um conselho... Mas às vezes parece que às vezes querem mudar-me e não, eu gosto de ser como sou, eles têm é de lidar com isso. Não, eles não... não, pronto, não... nunca tiveram esse tipo de atitude de aprender a lidar com a pessoa que eu sou. Se calhar fui eu que já aprendi um bocadinho a ajustar àquilo que eles queriam. Sinceramente. E pronto, acho que não... não sei.

- *Achas que tiveste de te ajustar, como assim? Em que tipo de coisas?*

- É assim... por exemplo, assim eles acham que uma pessoa é isto e é aquilo, nunca tentam entender, nunca de é assim, por exemplo quando eu era mais pequena tentava sempre ver o lado bom nas pessoas, nunca via o mal, sempre assim as coisas por, por exemplo, uma pessoa a tentar fazer bem está a tentar fazer bem porque sim, não é para te sacar qualquer coisa... e os meus irmãos são mesmo assim, acham que as pessoas têm segundas intenções, nunca são boas por si mesmas, e quando acontece eu ser simpática para alguém, por exemplo, fazer um bolo para alguém ou qualquer coisa assim, eles acham que eu sou, pronto, que eu sou croma, e que tenho de parar, quando eu tou ao pé deles não posso falar “ah, a minha amiga gosta de desenhos, esteve a dizer-me isto, esteve a dizer-me aquilo” e eu não posso dizer certas coisas à frente deles porque eu já sei que se eu falar disso, pronto, eles vão dizer alguma coisa mal, principalmente dos meus amigos, por exemplo, se eu, eu aposto que, e eu digo isto a mim mesma, eu nunca vou trazer um namorado cá para casa, é impossível, porque se eu trouxer um namorado cá para casa, a partir do momento em que ele sai da porta, eles vão começar a julgar. Porque é o que eles são. E eu já aprendi a se calhar não tanto... é a coisa de... não é não confiar, mas não dizer a informação toda, se calhar... era isso que eu tive de mudar. É um bocado pena.

- *Então achas que nesse aspecto és um bocadinho diferente deles.*

- Sim, acho que nesse aspecto sim... Os meus irmãos, eu não gosto muito de dizer isto, sei que isto é falar um bocadinho mal, mas os meus irmãos gostam de julgar as pessoas. E eu não gosto muito disso. Por exemplo, a minha prima diz que fala seis línguas, e obviamente que eu

não acredito que a miúda fale seis línguas, mas eu acredito que ela fale línguas, pronto, se ela diz que está a aprender chinês, porque é que não haveria de estar a aprender chinês, o meu irmão não, o meu irmão diz: “Ah, eu tenho uma amiga chinesa que fala chinês e não sabe escrever chinês, e agora a Isabel que ‘tá há dois anos a aprender chinês já sabe escrever, já sabe sei lá mais o quê.”. E eu: “Mas porque é que tu não haverias de acreditar nela, meu? Tu é que sabes chinês para dizeres” Eu não acredito que ela fale seis línguas mas também não acredito que ela não fale chinês, se ela quer falar chinês, ela que fale chinês! Desde que não me mande à cara constantemente, a minha irmã manda-me sempre à cara que ela fala chinês, não é... desde que não me mande à cara que fala chinês, ela por mim pode falar as línguas que lhe apetecer, ela que fique contente. O meu irmão não, o meu irmão tem de se zangar, tem de mandar à cara, “não, ela não fala, é impossível ela falar.”. E por exemplo a minha irmã agora, pronto, foi à Alemanha, fala alemão. E agora a minha prima teve de lhe mostrar o certificado de alemão dela. Eu não sei se é certificado de alemão, eu não falo alemão, não é, por isso não sei, e disse-lhe “Olha, a Isabel mostrou-me um certificado de alemão.” E ela disse: “O quê? Mas ela não fala alemão, alguma vez ela fala alemão?” E eu disse-lhe assim: “Ela tinha um certificado que eu sei, pelo que vi, achei que era de alemão, não sei, mas acho que é de alemão” e ela assim: “Ai, mas isso corresponde a qual?” e eu disse que correspondia ao *Advanced* e ela: “Ah, ela estava mas é a brincar contigo, isso é mentira, ela não fala” e têm sempre de julgar uma pessoa, nunca podem, nunca podem, sei lá, pá, “ainda bem que falas”, não sei, têm sempre de dizer a opinião mas a opinião tem sempre de ser alguma coisa má. Normalmente é sempre isso que eu nunca gostei neles. Têm sempre de dizer alguma coisa das outras pessoas mas nunca olham para dentro deles para saber que nem sempre eles também... pronto.

- *Hum-hum, estou a perceber.*

- Se calhar também foi essa característica neles que me fez ver um bocado mais para dentro das pessoas, o facto de eles gozarem constantemente, digamos assim, fez-me ficar, não sei, não sei como é que hei-de explicar, mas não ficar a ser como eles. Digamos que eu não gostava de como eles me faziam sentir, então se calhar é aquela coisa, “não faças aos outros o que não queres que me façam a mim.”, é nesse sentido.

- *E ficaste um bocado diferente dessa característica que achas que eles têm.*

- Sim, digamos que sim. Quer dizer, não sei, não é, eu pelo menos tento, não é, se sou eu gostava que as pessoas me dissessem. Eu tento ser directa para as pessoas, mas tento não ser tão directa como eles, digamos assim. Tento que as pessoas percebam que se calhar pronto,

tento viver, digamos que tento viver com a característica da pessoa, mas às vezes não dá, não é, por exemplo, uma pessoa pode ter uma certa característica que eu não gosto, em vez de chegar ao pé dela e dizer: “Fazes isso, não gosto de ti”, não, eu tento perceber porque é que ela faz isso, tento perceber o que é que se passou para ela fazer isso, tento perceber alguma coisa, porque assim pode me levar a ver que afinal aquela característica não é tão má como parecia à primeira. Acho que é daí que vem... Não tenho assim muito mais...

- Até agora falaste um bocadinho sobre, começaste por falar de bons momentos, falaste de cada um dos teus irmãos, e agora estavas a falar dessas coisas que achas que vos distinguem em termos de personalidade.

- É um facto, uma coisa que me irrita, o facto de não me deixarem ser como sou, digamos assim... não há aqui segundas intenções, deixem-me viver como eu sou, e também é o facto de muitas vezes eu ver, por exemplo, a minha família é uma família de engenheiros, e é horrível, não percebo... não é que eu não perceba, eu tive Matemática, eu estudei Matemática, não gosto, é assim, o meu irmão ‘tá a tirar Engenharia, a minha irmã ‘tá a tirar Engenharia, os meus pais tiraram Engenharia, para que é que eu me quero relacionar com uma coisa assim? Não sei, eh pá, depois, não quero parecer mal, o meu irmão ‘tá a tirar Engenharia e também não se ‘tá a safar assim grande coisa, se calhar se ele estivesse a fazer uma coisa que ele quisesse e não que o meu pai tivesse, não é imposto, mas tivesse se calhar posto na cabeça dele, ele se calhar ‘tava mais feliz e se calhar não podia não ter tanto dinheiro ou não ter a casa que queria, mas... mas estava feliz, não estava constantemente aqui em casa a levar com as coisas do meu pai, é “Estuda! Não fazes isto, não fazes aquilo, não fazes aqueloutro! A Nice ao menos estuda, a Nice ‘tá a fazer o Mestrado em Berlim!” e coisas assim. É nessa... e depois também a Nice já tinha dito isto “Eu agora vou fazer aquilo que eu quero, não vou fazer aquilo que o pai me põe na minha cabeça” Pronto, eu acho que ela ainda vai muito a tempo, por exemplo, eu sempre me apercebi disto, que foi o meu pai ‘tava naquela de, os meus irmãos desistiram do Conservatório e ele não queria que isso me acontecesse, ele queria que eu fizesse articulado, que fosse para o articulado, não ter de pagar a música, fazia Matemática e depois ia para Engenharia! E tinha a Música feita e ia para Engenharia! Eu acho que ele nunca tinha vindo à cabeça dele que eu podia gostar daquilo e que tinha as coisas, mas depois fiz as coisas não é, entrei supostamente, eu fiz provas para quatro Universidades, entrei em Évora. O meu pai agora veio-me dizer a mim que eu não sou muito boa porque fiz para quatro universidades, só entrei numa e foi à rasca. É um bocado brusco nessas coisas e se calhar é por isso que eu também não gosto que as pessoas gritem comigo. É assim. Agora ‘tá

um bocadinho melhor porque eu também como não ligo muito, como já não ligo a coisas que se calhar me vão perturbar, se calhar eu já me sinto um bocadinho melhor com eles.

- *E como foi para eles essa história de não teres ido para Engenharia, teres feito o que querias?*

- Eh pá não sei, eu... a minha irmã foi e eu acredito que ela goste daquilo, mas também agora está a começar a fazer coisas que gosta. O meu irmão, por exemplo, eu é que já não acredito muito. Ele tocava guitarra e só fez até ao quinto grau. E o meu pai dizia: “Ah, estavas a fazer guitarra, tens de fazer qualquer coisa, tens de tocar um instrumento, tens de fazer qualquer coisa, nha-nha-nha, a tua irmã toca piano, a Nice toca viola, toca sei lá o quê, e tens de fazer qualquer coisa.” E o meu irmão não sabe dizer “Não, eu não quero tocar piano, não quero fazer isto, não quero fazer aquilo, vai mas é dar uma voltinha, não quero fazer isto.” Ele, ele foi tocar guitarra de fado e aquilo pode ser só acordes, mas é uma técnica diferente, nunca vai ser igual. E eh pá pronto, eu até tentava ajudá-lo, tentava dizer assim “Eh pá, não vale a pena estar a aprender um instrumento se nós não vamos gostar, não vale a pena, deixa-o lá fazer aquilo que quer” e isso tudo e o meu irmão ainda assim virou-se contra mim, e disse: “Ah, porque é que achas que eu não quero aprender guitarra?” e eu olha, não tinha nada que me meter, estava a tentar que ele pelo menos aprendesse um instrumento que quisesse, mesmo que fosse flautim, quero lá saber, mas pelo menos uma coisa que lhe desse gosto ‘tar a fazer e não ‘tar a fazer guitarra, porque cada vez que ele... não fazia mesmo nada. Não queria vê-lo passar por aquilo outra vez, porque... ele ‘tava a fazer, ia aprender guitarra não porque gostava mas sim porque era uma coisa que eu e a minha irmã fazíamos e então ele também tinha de fazer.

- *E para ti foi importante fazer algo que gostavas.*

- Por exemplo, houve uma vez que, pronto, o meu pai uma vez tinha aqui visitas e vira-se para mim “Ó Débora, vai lá tocar pianinho, que é bonito” e houve uma vez que eu disse assim: “Pai, eu não ‘tou com reportório sabido, é o início do ano, e eu não tenho peças para mostrar Às pessoas, não tenho nada para apresentar Às pessoas.” Depois virou-se para mim “Vá, faz lá isto, nha-nha-nha”, acabei por ir tocar um prelúdio de Bach, fui tocar um prelúdio de Bach, e correu mal, obviamente, eu sabia, mas havia ali alguns erros, ainda não tinha aquilo bem sabido, e então depois acabei aquilo e ele disse: “Ah, ‘tás fraca hoje.” Ele disse-me aquilo... e eu tinha-lhe avisado, “não, eu ainda não tou pronta para fazer isto” e em vez de dizer que pronto, pelo menos fiz alguma coisa, mandou-me aquilo... pronto... o que eu tou a tentar dizer com isto é que cada vez que eu faço uma coisa que é ele que me ‘tá a pedir ou é ele que

me ‘tá a obrigar ou é ele que ‘tá a pôr em cima de mim, nunca corre bem. Por exemplo, eu concorri para a ESML, Évora, Castelo Branco e Aveiro. Évora é aquele que todos querem... tá lá a Ana Teles, todos gostam dela, é simpática e isso tudo. E então eu fiz Masterclass com a maior parte dos professores, fiz com o professor de Lisboa e com o professor de Aveiro e tive com a professora Ana. Com o professor de Castelo Branco é que eu não tive. E nós escolhemos as coisas a partir da opinião. E eu perguntava aos professores que tinham andado em cada escola e digamos que criava alguma coisa a partir das opiniões que me davam. E todas as opiniões que me davam, quase todas as opiniões que me davam, era que os professores da ESML eram umas bestas! O meu professor, o único que por acaso não me dizia mal era o meu professor de piano. E ele dizia: “Olha, eu não acho que os professores sejam maus professores, mas eu acho que o professor não é para ti, porque acho que a professora certa para ti será a Ana Teles por causa do método de ensino dela.” Mas... eu disse ao meu pai que queria ir para Évora porque a professora que ‘tá lá é simpática e o que me interessa a mim é fazer bem e fazer aquilo que eu gosto. E o meu pai disse: “Ah, mas porque é que não vais para a ESML?” E eu disse: “Eu vou fazer a candidatura para a ESML porque quero tentar, mas a minha preferida vai ser a de Évora. Se eu entrar nas quatro, eu só vou para a de Évora, para ficar esclarecido.” Ai, mas porquê, porque é assim que se fazem as coisas. Se eu quero aquela professora de piano, eu vou para lá. Então e quem é que te disse que é melhor? Então, foi a masterclass e eu pedi opiniões, houve uma vez que o professor Raúl Avelãs disse que o Miguel Henriques dava com os livros de ponto na cabeça das alunas? E não era do “Ah não, isso não é assim”, não era essa brincadeira, dava mesmo à grande. E ele não acreditava, achava eu o mundo é todo como no Técnico, é tudo igual ao técnico, os professores são como no Técnico e então quando eu lhe disse, ele disse: “Tu andas a focar-te em opiniões em vez de ires à Internet, ires pesquisar e ires fazer as coisas e isso tudo” e eu disse assim: “Eh pá, em primeiro”, não, não disse, não posso porque ele ia-se chatear, mas aquilo que se vê na internet é o que se quer. A escola não vai meter que o meu professor due-me com o livro de ponto na cabeça, eu ‘tive a falar com alunos, não ‘tive a falar com pessoas que não ‘tiveram lá. Foi com alunos que tiveram lá e os alunos deram-me aquela opinião, só isso. E depois ainda por cima podia ter-lhe dito “Olha lá, porque é que o Elias foi para o Técnico? Não foi porque tu lhe deste a tua opinião sobre o Técnico, para pôr aquelas universidades na candidatura, para fazer aquilo, para fazer aqueloutro, então! Eu tou a pedir opinião, não é a tua, é essa a diferença!” E pronto, é... é essa a coisa. Ele depois achou que eu não tinha estudado para as outras universidades, que só tinha estudado para Évora e tinha cágado para o resto. E que... caguei

para matemática também, que o Paulo cagava para mim... porque é que o Paulo havia de cagar para mim e ele disse assim, “Então, porque houve uma vez que eu fui falar com ele” e eu disse “Ah, podes ir falar com ele e isso tudo, nha-nha-nha” e ele disse que não. “Ai, deves tar maluco, o Paulo não faz isso, desculpa lá que eu sei perfeitamente que o Paulo não faz isso. Se me disseses assim Eu telefonei para ele e ele não atendeu, aí eu já acredito, que ele não atende a ninguém. Mas a sério, o Paulo não faz isso. E cada vez que eu lhe dizia, olha o Paulo tá contente comigo, fui das únicas pessoas que fez o trabalho de casa, ele dizia “Ah boa, ya”, mas cada vez que eu perguntava, que ele me perguntava alguma coisa e eu dizia “Tá a ir bem”, ele não acreditava, achava que eu ‘tava a brincar com ele e a cagar naquilo completamente. Mas uma vez eu fui ter com o Paulo porque tinha uma mensalidade atrasada e ele disse: “Olha, se tivesses ido assim para a primeira fase e sem a pressão toda que tinhas na primeira fase, tinhas tido um 14, que o teste da segunda fase tinha sido muito mais difícil que o da primeira” e disse-me isto, e dizia que eu se obviamente que se tivesse aulas todos os dias de matemática e se estudasse um bocado mais, se tivesse o tempo que as outras pessoas têm, que não tinha, obviamente, tinha mais aulas, e fazer as coisas todas, as outras não, eles tinham as aulas de matemática, tinham quatro aulinhas ou cinco e iam para casa, eu não, eu tinha doze, e o meu pai tinha noção disso. E essa a diferença, por exemplo agora é a mesma coisa, eu fui agora para Évora. “Ai, que disciplinas é que vais ter?” E eu disse-lhe as disciplinas e ele: “Ai, tens de ir para a nataçãõ, tens que fazer isso, tens de encontrar uma casa, mais não sei o quê, tens de ir para um curso de línguas, que a tua irmã também fez isto e aquilo” então mas quer dizer, eu tenho de estudar mais mas também tenho de ter a carga horária toda que tu queres. Obviamente que eu também não lhe disse isto, mas não lhe posso dizer nada, senão... eu já aprendi a deixa entrar e olha, se eu quero seguir sigo, senão não sigo. Eu até gosto de línguas, tava a pensar fazer aquilo, mas fazer aquilo tudo também deixa-me irritada. Eu não tenho de fazer aquilo que os meus irmãos fazem e aquilo que ele quer que eu faça. É esse o sentido que dá à coisa.

- Ou seja, achas que se é uma coisa que tu queres fazer e que ele também quer que tu faças, por causa de ele querer, o sentido fica um bocado corrompido?

- Se calhar... se calhar digamos que seria um bocadinho assim. Digamos que se ele quer e ele concorda, se calhar eu não fico assim tão coiso, ‘tou-me a lixar, as vezes ele diz assim pronto, ficou todo zangado porque eu disse, ele disse: “Ah, devias ter posto em primeira opção Geografia e depois Ciências Musicais” e eu perguntei “Mas porque é que eu havia de fazer isso?” e ele: “Ah, porque tu já deste aquilo tudo e vais andar lá a brincar durante um ano.”

“Desculpa, mas eu tenho disciplinas que nunca tive, porque é que eu havia de tar lá a brincar durante um ano?” “Ah, tu já sabes aquilo tudo! Os outros é que são burros e nha-nha-nha” “Não, tu querias era que eu fosse para Geografia”, “Ah, era um curso que tinha muito mais saída.” “O que é que isso tem a ver? Eu não quero saber se tem saída, eu quero é fazer uma coisa que eu goste. De que é que vale eu fazer um curso que tem saída se eu vou sair de lá, eu digo-te, se eu não gostar daquilo que estou a estudar, eu não vou gostar. É tão simples quanto isto. A única coisa que eu abri mesmo uma excepção era para o piano porque eu não podia mesmo fazer mais nada e eu queria continuar a estudar aquilo. Ya, não vai resultar bem eu ir para um curso que não goste, porque vou sair com uma média baixa, não vou arranjar emprego por causa disso. É melhor sair de um curso que eu goste, com uma boa média, sair de lá a saber as coisas e arranjo se calhar um melhor emprego que em Geografia quando sair dali... É assim... Tento fazer aquilo que eu gosto. Também não é tudo assim à balda, quando ele diz uma coisa eu não descarto logo, se calhar vou pesquisar, tento perceber se por acaso iria gostar daquilo. Se gosto ‘tá bem, vou ver o que posso fazer. Se não, ele que descubra mais tarde que eu não fiz aquilo... Não sei... Se tens perguntas...

- *Que pergunta é que gostavas que eu te fizesse?*

- (Ri) Deixa pensar... Eu lembro-me de uma história do Conservatório. Sabes que todos os alunos que não tocam piano têm de ter práticas de teclado. E então o que eles decidiram fazer foi atribuir outro instrumento ao piano. O que os professores aconselhavam era para nós fazermos percussão, porque era o único que não estragava muito a técnica. E... pronto, e eu disse ao meu pai, “O CRS reuniu e disse que se calhar nós devíamos ter aula de outro instrumento.” E ele disse: “Vai para guitarra! Já ‘tá tudo em guitarra, já tão aqui as guitarras.” E eu assim: “Eh pá, não, guitarra estraga a técnica”. E a minha irmã começou-se a rir... Disse assim: “Não, isso é estúpido. Há pessoas que tocam dois instrumentos.” E eu disse assim: “Vais dizer-me quantas pessoas é que tocam dois instrumentos e tocam os dois bem. Olha que é difícil, digo-te já.” Ela ia começar por dizer ela, porque ela toca guitarra e piano. Mas que toquem os dois bem, se faz favor. Eu conheço uma, mas é uma excepção, claro. É uma alemã, daquelas que fazem tudo! E então eu tentei mesmo explicar, achas que é a mesma coisa tocar assim ou tocar assim ou tocar assim? Vai estragar qualquer coisa, vai sempre estragar qualquer coisa, e ela ‘tava sempre a dizer “Ah, mas eu toquei piano e guitarra e nha-nha-nha” e eu “Mas eu não quero saber o que tu tocaste, eu sei é que eu vou estragar a técnica de piano se tocar um instrumento muito diferente daquele que eu toco!” E o... a percussão realmente é a coisa que não vai estragar tanto, é só bater... quer dizer, não é só bater, mas pronto. É

aquilo... e até me dá jeito, vai-me descontraír os pulsos, vai ser uma ajuda até. O meu pai ficou possesso, ele queria era que eu fosse para guitarra, o meu pai supostamente também queria que eu fosse para outro instrumento e ele queria que eu fosse para guitarra. “Mas para que é que queres que eu vá para guitarra? Eu não quero ir para guitarra, meu...” Eu gosto de ouvir guitarra, não gosto de a tocar. E ele disse: “Ai, mas eu gosto tanto de guitarra.” E eu disse: “Tá bem, tens a Nice para ouvires a tocar guitarra, eu não quero tocar guitarra.” “Então mas que instrumento é que tu gostas?” “Olha, eu gosto bastante de oboé.” E ele: “OBOÉ! Mas o que é que é o oboé e nha-nha-nha”, “Olha, é um instrumento de sopro, palheta dupla, o que é que queres que eu te diga, meu, é o oboé.” E ele: “Ah, o que é que há para ouvir de oboé?” “Olha, há um concerto para o oboé, há sei lá mais o quê para oboé, olha, sabias que o pato é o oboé? Há aqui tanta procaria.” E ele: “Ah, e saxofone, gostas de saxofone?” E eu: “Olha que tu também só escolhes porcaria...” Eh pá, não é que eu não goste, não é, mas há outras coisas que se calhar eu preferia. E ele assim Então mas, sei lá, por exemplo, também dá para ser violino, eu queria tocar violino, mas tu não me deixaste, quiseste que eu fosse para piano, então fui para piano... E então... pronto, ah pronto, também podes ir para violino. Eu prefiro viola, tem um som mais grave, mas ele não sabia, quando eu disse viola ele já ‘tava todo contente, achava que eu ia dizer guitarra, todo contente. E eu: Não, viola d’arco, tas a ver, um violino assim um bocadinho maior, um bocado mais grave. Existem mais instrumentos do que guitarra, violino e piano. E pronto, ‘tava sempre a tentar, mas as coisas não são assim tão simples, fazer uma escolha que eu gosto mas também não se sobreponha. Então quando ele me disse porque é que eu não queria a guitarra ele achava que eu ‘tava a brincar, que não ‘tava a dizer uma coisa racional, e quando eu dizia olha lá, depois os professores dizem isto, ele dizia: Ah, os professores do conservatório não sabem o que dizem. Fogo, tá bem...Então se calhar a Nice muitas vezes, o feitio dela é mais difícil, quando tá ocupada é bué difícil. Esteticista, quando eu faço a depilação é bué doloroso. Os meus pelos são bué fortes e tem de ser aquilo bem tirado. Então ‘tou-lhe sempre a dizer isso. E ela “ah, isso é treta, esteticista tira aquilo há seis meses, aquilo é muita fácil.” “não é assim caraças, para mim faz diferença, não quero saber se faz para ti, dói-me menos só porque não faço em casa, faço ali, com uma pessoa que se calhar sabe.” E ela “Aquilo é só pôr no sentido dos pêlos e tirar no sentido contrário!” E então depois houve uma vez em que ela vez “Eu quero fazer um curso de instrutor de ginásio, aquilo deve ser muita fácil”, então ela disse: “Vai lá perguntar ao Bruno” e eu disse: “Ah, a minha irmã quer saber...” e ele assim: “Primeiro tem de tirar a licenciatura em Desporto, depois logo fala comigo.” E eu: A sério? A sério?. Fui dizer aquilo e ela: “Ah,

não acredito” “Pois, é isso mesmo que tas a ouvir. Faz a licenciatura e depois logo se vê. Se calhar não é assim tão fácil como parece. O meu pai gosta de me comparar com a minha irmã, mesmo no sentido musical. O meu pai já me disse que a minha irmã estuda muito mais do que eu e como é que eu não me sinto mal se uma pessoa que não ‘tá em música estuda mais do que eu. E eu fico tipo a olhar para ele e digo assim: “Em primeiro, a Nice estuda fado que é só uma melodia e mais nada. Em segundo, a Nice estuda mal, a Nice toca do princípio ao fim e ponto final. Eu não, eu durante, posso estar só dez minutos no piano, mas pelo menos toco uma coisa que, pronto, toco a parte difícil, a parte que não gosto, e saio de lá a saber um compasso mas é um compasso difícil, que me chateava e fico a sabê-lo. E se calhar nunca mais me esqueço dele. E são coisas diferentes, não é, e ele assim “ah, isso não é bem assim, nha-nha-nha”, ‘tá sempre a comparar a Nice estuda sempre duas horas por dia e nha-nha-nha. E eu quando estou nas aulas, estudo para aí umas três ou quatro horas por dia... cada vez que eu tenho um furo vou para o Conservatório, o que é que achas que eu ‘tou a fazer ali? E ele não acreditou, eles achavam que eu ‘tava mesmo a brincar. E eu disse assim: “Opá olha, se não acreditas tens bom remédio: aquilo há sempre marcação de salas, por isso podes ir e vês a marcação de salas. ‘Tá lá a hora de entrada e a hora de saída. É assim que eu sei as horas que eu estudo. E ele disse, a partir do momento em que eu disse isso, ele achou que eu ‘tava a brincar na sala. Estava dentro da sala sem fazer nada. E depois eu disse-lhe assim: “Mas olha lá, os meus professores nunca se queixaram que eu não estudo. No máximo eu estudo mal. Pode haver essa ocasião de se calhar, por exemplo, o meu professor de piano não é estudar mal, mas é tipo, não faço o que a Nice faz, não é isso, mas quando ‘tás a estudar se calhar ‘tás sempre pronto a ouvir aquela coisa mal, se calhar desligas um bocado, não é, senão dás em louca, e às vezes estudas de uma maneira que se calhar não foi aquela que o professor disse, e às vezes isso faz diferença, não é, e uma vez o meu professor chegou-se ao pé de mim: “Olha eu ouvi-te a estudar da última vez e não foi assim que eu disse para estudares” e eu fiquei assim a olhar para ele, pensava que era. E eu fiquei a olhar para o homem, porque é que não foste à minha sala dizer, não foste à sala do outro dizeres não sei lá o quê? Então podia ter dito, não é. Pronto, é essa... hum... o que eu lhe disse foi: Os meus professores nunca disseram que eu não estudo. Quando eu cheguei ao pé da minha professora de português com o meu caderno, ela ficou surpreendida com aquilo que eu estudo e com as notas que eu tirava. Porque eu realmente tentava fazer alguma coisa, mas não resultava. Não é que eu não goste de português, mas pronto, não dá, não dá. Depois comecei a escrever os textos, ela começou a corrigi-los e tinha as mesmas notas. No teste tirei treze, tipo, o que é que queres que eu te

faça? Eu estudava mas aquilo não dá, olha. E ‘tava-lhe sempre a dizer, eu estudo, mas apenas admite, meu, eu não sei, caraças. Se desse dava, mas não dá. E ela tipo: Qualquer coisa é sempre de eu nunca estudar. Qualquer coisa que aconteça é porque eu nunca estudo. E ele dizia sempre: Olha mais vale dizeres, olha correu mal, mas por acaso tinha estudado, do que não estudares e depois andares aí toda a ficar mal contigo mesma, e houve uma vez que eu me virei para ele e disse: “então não és tu que ‘tás sempre a dizer que eu me posso sentir mal quando estudei e não correu bem”, e ele assim: “ah, mas acontecer isso montes de vezes e nha-nha-nha” oh pá, mas olha, ‘tá-se a esquecer que há montes de factores aí à volta, olha por exemplo, quando eu ‘tava nas provas da universidade, primeiro há sempre o factor sorte. É que há sempre, epá, podes estudar o que quiseres, mas se naquele momento aquilo não sair bem, não sei, não podes fazer nada, não é. E depois também há o factor de que quando eu fui para Aveiro, foste pela nacional, foram seis horas dentro de um carro, cheguei lá, ‘tava toda, ‘tava muita cansada, não deu para ensaiar, não deu para fazer nada, tive que entrar e depois era logo aquilo, obviamente que não ‘tava com cabeça para nada, obviamente. À vinda fizeste o contrário, quando querias vir, querias vir rapidamente e foste pela auto-estrada, aí é que podias ter vindo pela nacional à vontade... não é, tava-me a lixar, eh pá, mas pronto, mas é que... é essa a coisa. Também é essa coisa do estudo que me irrita. Qualquer coisa é nós que não estudamos, é nós que não fazemos isto, é... é sei lá mais o quê. É sempre a coisa do estudo.

- Mas primeiro estavas a falar só de ti, agora disseste “nós”.

- É, porque normalmente sou eu e o meu irmão. A minha irmã nunca tem essas porcarias. Por exemplo, agora a minha irmã disse, o meu pai disse “pergunta lá à tua irmã como é que correu o exame” e ela disse: “ah não correu muito bem” e o meu pai não disse nada, não disse: “Ah, tu não estudaste e nha-nha-nha, não ficou assim”, mas se eu dissesse ao meu pai, se ele dissesse: “Ah, como é que correu o exame?” e eu dissesse: “Ah não correu bem”, ele ficava todo coiso! De eu não ter estudado, de eu não ter feito isto, não ter feito aquilo, aqueloutro. Depois dizia assim: “Eu nunca te vi a estudar cá em casa, nunca te vi estudar piano cá em casa” e eu já lhe respondi a essa pergunta, já lhe disse assim: “Em primeiro eu gosto muito de estudar mais numa sala, porque assim se eu me zango eu não posso ir ver televisão, eu não posso ir para o escritório para o computador, não posso ir para lado nenhum, tenho de pronto, tenho de aguentar e continuar a estudar. Depois não te tenho a ti e ao telejornal aos altos berros, não tenho-te a ti a querer ver o telejornal e eu a tocar e tu a dizeres assim “toca com o pedal”, não tenho isso ali no Conservatório não, ‘tás a perceber a diferença? É essa, são essas

as diferenças. E ele fica todo coiso, diz “ah, isso não acontece e nha-nha-nha, e também não tenho aquela coisa do ah, ‘tou a estudar e ele diz assim: “Ah, toca aquela que eu gosto, também não... também já houve muitas dessas...” também é muito interessante. E depois quando eu digo: Pai, ‘tou a estudar esta, não posso tocar essa agora, diz-me assim: “Ai, também não fazes nada.”. Depois o que acontece a seguir é eu saio do piano. Pronto, mas aquilo de nós é porque normalmente isso acontece comigo e com o meu irmão. Eu não sei se ele estuda, se ele estuda, estuda, eu não sei. O meu pai ‘tá sempre a bater-lhe na cabeça que não estuda, não estudas, não estudas, é todos os dias assim, e ‘tá sempre com a mesma conversa, e eu não percebo porque é que cada dia ele ‘ta sempre com a mesma conversa e ele acha que ele vai mudar com a conversa que ele teve no dia anterior. É essa a diferença, depois...é assim... Nunca falo assim das coisas, às vezes faz bem, desabafar um bocadinho...